



Um conjunto de 35 Incidentes Críticos desenvolvidos no âmbito do IO1

REFERÊNCIA DO PROJETO
2018-1-PL01-KA203-050751

www.solvinc.eu



CC-BY-NC-SA



Este documento pode ser copiado, reproduzido ou modificado de acordo com as regras acima referidas. Adicionalmente, o reconhecimento dos/as autores/as e de todas as partes aplicáveis do aviso de direitos de autor deve ser claramente referenciado.

Todos os direitos reservados.

© Copyright 2020 SOLVINC

Parceiros do Projeto:

Academia de Ciências Sociais SAN, Polónia

Universidade de Viena, Áustria

Elan Interculturel, França

Universidade Johannes Gutenberg Mainz, Alemanha

Universidade do Porto, Portugal





Caso crítico

“Estudiante zangado”

Viena

“Estudante zangado”

Um caso crítico relatado por uma estudante assistente, registado em 2018, pela Universidade de Viena

“Eu trabalhei como assistente de um professor na universidade e nós tínhamos de administrar dois exames extensos, o primeiro a 1.000 estudantes e o segundo a 400 estudantes. O primeiro exame era um pré-requisito do segundo. Para cada exame existia uma pasta moodle com todo o material de aprendizagem, mas os estudantes só tinham acesso à segunda pasta para o segundo exame após passarem o primeiro exame com sucesso. Portanto, naquele dia em particular, eu estava no gabinete, a analisar o resultado dos exames, quando entrou um estudante. Ele tinha cerca de 50 anos, um migrante de um país árabe, não sei de onde, e queria falar com o professor. Ele simplesmente entrou sem pedir e sem agendamento. Ele queria ter acesso à segunda pasta do moodle e eu perguntei-lhe se ele reunia os requisitos para tal e ele disse que sim. Ele queria queixar-se por não lhe terem concedido o acesso. Portanto, perguntei-lhe o nome para confirmar a informação, mas ele começou a gritar comigo. Que ele não consegue fazer tudo ao mesmo tempo. Que é suposto estar a estudar, e não tratar de questões administrativas. O que ele disse foi também insultuoso. Raiva sem razão. Eu não sabia como reagir nem o que ele iria fazer e ele era bastante grande. Disse-lhe para se acalmar e que poderíamos conversar sobre tudo. Mas ele não ouviu, por isso pedi-lhe para sair. Ele gritou comigo, que chamaria toda a gente da universidade para se queixar, o diretor, o professor. Por fim, ele saiu. Depois disso, escrevi imediatamente um protocolo e enviei-o para o meu chefe.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento desta situação, a narradora é uma mulher austríaca de 24 anos de idade. A sua língua materna é alemão. É estudante de Mestrado na Faculdade de Educação. Ela é de classe social média. Também trabalha em tempo parcial como estudante assistente responsável pelos exames de estudantes.
OUTRA PESSOA	Ele é um homem egípcio de cerca de 50 anos. O alemão é uma língua estrangeira para ele. Está no primeiro semestre da licenciatura na Faculdade de Educação.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a área de estudos. Diferenças: os países de origem, os estatutos na Áustria (residente vs. nativo), o género, a idade, a língua materna e, principalmente, o seu estatuto social (maioria - minoria).

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação teve lugar num pequeno gabinete do diretor, na universidade. Existiam diversas cadeiras na sala. A narradora sentava-se atrás da secretária com um computador. A sala era um gabinete para serviço administrativo, mas dava oportunidade de os visitantes se sentarem.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Não existia nenhuma outra pessoa no gabinete.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Na Áustria, um estudante tem de passar o exame STEOP para que possa ser aceite em qualquer outro curso.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

perplexo, assustado

Ameaçado, ofendido

Um estudante entra, sem marcação, no gabinete de uma assistente do professor e solicita o exame, de forma ofensiva. A assistente pede ao estudante que saia.

Respeito pelos procedimentos/ percepção de tempo linear:

Habitualmente, os estudantes agendam as reuniões com os assistentes de professores. O seu gabinete não funciona numa política de porta aberta. Tal vai de encontro à ideia de respeito pelas horas de trabalho e à possibilidade de planear reuniões.

Cultura de resolução de conflitos e debate:

A narradora espera que eventuais desacordos ou críticas fossem expressados de forma respeitosa, não agressiva e dialogada, em vez de ser ofensivamente acusada de falta de respeito por uma cultura/religião/valores. A sua forma de lidar com um argumento ou discussão é baseada numa resolução de conflitos sólida e verbal, o que não foi possível com o outro estudante.

Representação de regras:

De acordo com os valores da narradora, os procedimentos explícitos/regras são aplicados a todos os estudantes e eles têm de os respeitar, e os estudantes são tratados da mesma maneira (regras aplicadas a todos), mas não de uma forma completamente rígida: se houver um bom motivo, as regras podem ser alteradas de acordo com cada situação individual. Este não era o caso porque o estudante não apresentou uma razão específica para o seu pedido (questões familiares, doença, etc.)

Cortesia:

A narradora sentiu que o estudante não agiu com cortesia uma vez que falou em voz alta e de forma ofensiva. Ela esperava uma forma mais educada de solicitar o seu pedido uma vez que ela acredita que, com um tom educado, as pessoas são mais responsivas e prestáveis, independentemente do que necessitam.

Comunicação respeitosa:

A narradora entende que a comunicação respeitosa é um processo de duas vias, nas quais ambas as partes se sentam ou se levantam para comunicar. Esta é uma forma de assegurar a proximidade através de formas de comunicação não-verbal. Andar para trás e para a frente perante alguém que está sentado quebra esta reciprocidade. O tom de uma comunicação respeitosa deve ser calmo. A medida em que a narradora exterioriza as suas emoções na comunicação profissional é pequena. A utilização de insultos é proibida: de facto, respeitar pessoalmente os outros implica um tabu relativamente a qualquer insulto que minimize a outra pessoa.

Comunicação direta/ racional:

Quando precisamos de convencer alguém, especialmente num contexto profissional, usamos argumentos verbais explícitos, não intimidação verbal ou física ou manifestações de poder. Para além disso, a informação contraditória (em primeiro lugar, referiu cumprir os os pré-requisitos e depois disse o oposto) implicou mentira, o que é um outro tabu.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Um estudante entra, sem marcação, no gabinete de uma assistente do professor e solicita o exame, de forma ofensiva. A assistente pede ao estudante que saia.

Hierarquia, género e poder:

O estudante era muito mais velho que a assistente do professor cuja idade e género poderiam, na sua opinião, sugerir uma pessoa sem experiência. Ele não a associou com uma posição de estatuto e competência. Adicionalmente, poderá ter sido um desafio assumir que, numa determinada situação, uma mulher mais nova pudesse ter um estatuto superior ao dele.

Utilização da intimidação, demonstração de poder numa discussão

Ao andar às voltas pela sala e se ter recusado a sentar o estudante demonstrou o seu poder. Por ser mais alto e maior do que a assistente do professor, colocou-a numa posição física, inferior, que o poderia ter ajudado a atingir o que pretendia. A estratégia de intimidação poderia ter sido uma consequência de um fracasso percebido: ao ter falhado o acesso ao exame, a sua performance enquanto "bom" aluno é questionada. Possivelmente, ele também se confronta com a ameaça relativa a uma falta de entendimento do sistema universitário. Admitir isto a uma rapariga nova numa posição hierárquica pode ter agravado a sensação de perda e fracasso.

Responsabilidade do estudante:

Na opinião do estudante, a gestão do seu estudo não é da sua responsabilidade. Ele não sente que a gestão é também uma parte do estudo. A gestão deve ser efetuada por pessoal administrativo, com o papel de ajudar os estudantes a focarem-se apenas nos conteúdos do estudo.

Perceção das regras:

Ele poderá ter uma representação flexível das regras e poderá ter sentido que as regras e regulações se aplicam, mas que não são rígidas e podem ser adotadas a situações e necessidades individuais, quando necessário.

Reforço dos seus direitos:

Este estudante poderá estar habituado a ter a necessidade de reforçar os seus direitos perante a administração pública uma vez que, sem interferência pessoal, os seus direitos podem ser "esquecidos". Portanto, com a sua confrontação pessoal, ele queria sublinhar a importância do seu direito de continuação dos estudos.

DIVISÃO DIGITAL:

Por ser de uma geração mais velha, o estudante não sabe como utilizar o moodle enquanto plataforma de aprendizagem e como cumprir com as regras de registo online. Também poderia ter sido o caso de o estudante não ter tido acesso a todos os materiais importantes (essenciais) online para um estudo correto.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES	Comunicar aos estudantes quais são as suas responsabilidades é uma necessidade; as questões administrativas também uma parte importante da experiência de estudar e de envolvimento enquanto estudante numa universidade.
SOLUÇÕES POSSÍVEIS	<ul style="list-style-type: none">- Interrupção de profissionais sem agendamento – os horários fixos de atendimento poderão ser uma solução, assim como os procedimentos explícitos sobre como efetuar um agendamento.- Formação de estudantes – a utilização de componentes e plataformas digitais é essencial para o seu sucesso no estudo, especialmente para os estudantes com mais de 50 anos; a universidade deveria oferecer serviços ou formações gratuitas de forma a garantir o acesso ao material de aprendizagem.- Segurança na universidade – este incidente também levanta questões de segurança, quando profissionais da universidade, mulheres ou homens, estão sozinhos no gabinete; deveriam existir contactos de emergência ou procedimentos em casos como este.



Incidente Crítico

“Maomés”

Viena

“Maomés”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional, em Viena, registado em 2019 pela Universidade de Viena

O meu incidente crítico ocorreu na universidade, na aula de urologia. Já não me lembro precisamente do tema da aula, mas lembro-me que o tópico era acerca da circuncisão de rapazes num momento específico e, em vez de lhes chamar “muçulmanos”, o professor designou-os por “Maomés”. Eu esperei pelo fim da aula, e antes de nos despedirmos para as férias, questionei-o acerca disto, mas não em frente aos outros/as. Ele alegou não conhecer outro termo correto para este grupo. Fiquei chocada, esperava mais de um professor. Esperava mais educação da parte dele. Até hoje, sinto-me profundamente perturbada, chocada e nervosa em relação a esta situação. Experimentei muitas situações como estas nas ruas, mas não queria nunca mais ter experiências destas na universidade.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma mulher alemã de 22 anos de idade. As suas línguas maternas são o alemão e o turco. Quando esta situação ocorreu, era estudante da faculdade de medicina, no seu terceiro semestre. É oriunda de classe social alta. E muçulmana.
OUTRA PESSOA	Ele é um homem com aproximadamente 55 anos de idade e o alemão é a sua língua materna. Professor da faculdade de medicina, é de classe social alta. Muito provavelmente, é católico.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	O que os assemelha: estatuto legal na Áustria, a faculdade da universidade que frequentam e a classe social. O que os diferencia: idade, género, profissão, estatuto social (maioritário/minoritário), a língua materna.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A aula teve lugar numa universidade da Áustria, numa sala de aula normal.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	A turma era composta por cerca de vinte estudantes, na sua maioria austríacos, mas com alguns/mas pertencentes a grupos minoritários.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	A situação política da Áustria em 2016 não era amigável para migrantes, uma vez que imensos refugiados/as tinham chegado àquele país em 2015 e o sistema estava sobrelotado. O clima político, face a uma discussão aberta relacionada com migração e temas quejandos, era negativo. Tal poderia ter influenciado esta situação também na universidade. A maioria dos austríacos era bem informada relativamente à religião católica, mas existiam diversos mitos e ideias não fundamentadas acerca do Islão. O conhecimento aprofundado acerca desta religião poderia não estar disponível para a maioria das pessoas.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Chocada, perturbada

Nervosa

O professor fala sobre circuncisão e designa as pessoas muçulmanas de "Maomé". Uma estudante questiona-o acerca da razão que o leva a utilizar este termo e ele alega não conhecer outro.

CONHECIMENTO GERAL VERSUS CONHECIMENTO ESPECIALIZADO:

A estudante esperava não só um professor que tivesse conhecimento especializado em medicina/urologia mas também em determinados conhecimentos gerais acerca da diversidade religiosa, das suas respetivas designações e costumes. É esperado um determinado nível de profissões socialmente "altas" – o que significa que os membros dessa profissão têm um nível educacional mais elevado. Do ponto de vista da estudante, o termo "muçulmano" e os seus respetivos costumes deveriam ser banais para um professor.

RESPEITO PELA HIERARQUIA:

A estudante sente que ela apenas se pode expressar livremente acerca das suas preocupações quando termina o espaço hierárquico da aula universitária. Contudo, ela apenas utiliza esta liberdade até um certo ponto – quando o professor revela a sua falta de conhecimento acerca da denominação dos membros da religião Islâmica, ela não expressa abertamente o seu choque acerca desta situação à frente do professor. Ela também sai para o intervalo sem o confrontar demasiado. Isto mostra que ela o respeita devido à sua posição hierárquica.

CORTESIA E CORREÇÃO POLÍTICA:

A estudante entende que existem termos politicamente corretos e que os mesmos devem ser utilizados quando nos queremos referir a um determinado grupo populacional. Ela valoriza a correção política enquanto forma de proteção das pessoas (e de si própria) relativamente à discriminação (aberta).

OBJECTIVIDADE NA PROFISSÃO DE PROFESSOR/A E OPINIÕES DIFERENCIADAS:

Num contexto de ensino superior, a estudante espera opiniões diferenciadas e um determinado discurso por parte do professor. Espera que o professor se expresse de uma forma objetiva em relação às religiões e aos seus costumes. Para além disso, a estudante também espera que o professor se expresse de forma objetiva relativamente a intervenções médicas (neste caso, circuncisão) e que não a relacione à religião islâmica, uma vez que também é uma prática da religião judaica, por exemplo.

VALORIZAÇÃO DE TODAS AS RELIGIÕES:

A estudante valoriza todas as religiões e é surpreendida pelo termo que o professor utiliza, o que revela, do seu ponto de vista, um estereótipo e uma perspetiva limitada. Uma vez que o professor minimiza a religião islâmica e os seus membros relativamente à fé no profeta Maomé e o facto de a circuncisão ser também uma prática dessa religião, a estudante fica chocada com a sua visão restrita do islamismo.

CORAGEM CÍVICA:

A estudante demonstra coragem cívica ao abordar o professor e ao confrontá-lo. Ela poderia não o fazer. Demonstrou ser uma estudante responsável e – caso necessário – capaz de defender pessoas que podem ser discriminadas. Ela sentiu que a sua religião estava a ser discriminada porque o professor a desvalorizou ao não utilizar o termo politicamente correto para designar os Muçulmanos.

FIGURA DE MAOMÉ NO ISLÃO:

Na visão da narradora, nomear unicamente Maomé como figura importante na religião islâmica é redutor, dado que o Islão é muito mais do que "seguir um profeta". Ser um seguidor de Maomé tem uma conotação negativa para ela. A circuncisão era praticada por muçulmanos no tempo de Maomé, mas era também proclamada como um ritual religioso importante, um ritual para celebrar a união entre Alá e as suas pessoas. As religiões judaica e muçulmana são ambas baseadas em Abraão, que é o pai de ambas as religiões e que também foi circuncidado. Consequentemente, a circuncisão não está relacionada a Maomé enquanto pessoa, mas foi "inventada" muito tempo antes de Maomé.

SALVAGUARDAR A IMAGEM DA OUTRA PESSOA:

A estudante não quis envergonhar o professor em frente aos demais e salvaguardou a sua imagem ao procurar ter uma conversa pessoal.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

O professor fala sobre circuncisão e designa as pessoas muçulmanas de "Maomé". Uma estudante questiona-o acerca da razão que o leva a utilizar este termo e ele alega não conhecer outro.

LIBERDADE DE OPINIÃO: O professor expressa-se de uma forma aberta e não restritiva, uma vez que, no Ocidente, é uma forma comumente entendida como correta. Consequentemente, ele poderá não sentir a necessidade de não expressar determinados pensamentos ou até mesmo palavras específicas ou diversificar a sua opinião ou linguagem.

ETNOCENTRISMO E FALTA DE PERCEÇÃO DA DIVERSIDADE DA TURMA: O professor poderá não ter analisado de perto os/as estudantes da turma de urologia e poderá não ter reparado na, ou esperado a, diversidade religiosa de estudantes. Esta poderá ser uma visão do mundo etnocêntrica, na medida em que não reconhece a diferença entre estudantes e pessoas em geral. Ele poderá ter um viés universalista, pensando que todos os/as estudantes são iguais ou que as diferenças não importam.

FALTA DE TEMPO / PREPARAÇÃO: O professor poderia experienciar um conflito de papéis porque ele poderá ensinar, fazer investigação, contribuir para a administração, orientar estudantes, etc. Ele poderia simplesmente não ter tempo para participar em formação de professores/as, para aprender acerca de antidiscriminação ou envolver em qualquer outro assunto para além da urologia.

FOCO NOS CONTEÚDOS E PRATICIDADE: O professor poderá não se interessar por correção política. A linguagem não é assim tão importante para ele. Foca-se nos conteúdos da sua aula, uma vez que estes são tudo o que ele precisa de providenciar aos estudantes. Valoriza mais o conteúdo do que a didática de ensino ou o contexto da sua aula. Define-se a si próprio como um especialista em urologia e não um especialista em comunicação ou em religião. Adicionalmente, o seu argumento face à religião muçulmana poderia ter sido um argumento separado do seu ponto de vista e ele não ter prestado atenção ao termo correto, uma vez que não fazia parte do conteúdo principal da sua aula.

SUPERIORIDADE DE PROFESSORES/AS UNIVERSITÁRIOS/AS (SEM NECESSIDADE DE REFLEXÃO PESSOAL CRÍTICA): O professor poderá ter-se visto a si próprio como superior em relação aos/as estudantes; talvez até como membro de uma profissão "superior" na sociedade. Consequentemente, o seu sentimento de superioridade permite-lhe o afastamento da autocritica ou da crítica de estudantes, já que, supostamente, a sua autoridade e o seu estatuto superior permanecem inquestionáveis.

SIGNIFICADO DE "MAOMÉS": O professor poderá não ter o conhecimento acerca da representação desta palavra/nome. Do seu ponto de vista, esta pode ser uma palavra comum para descrever os seguidores de Maomé, sem qualquer consciencialização da sua associação negativa. Para a estudante, o nome reduz a fé muçulmana a um profeta (Maomé). Apesar de este ser uma figura central da fé muçulmana, é pejorativo apelidar os membros da fé muçulmana de "Maomé", assim como os seguidores da fé católica serem apelidados de "seguidores de Jesus" ou "aficionados de Jesus".

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Qualidade de ensino na educação superior: O ensino ainda é visto como “inferior” à investigação nas universidades. O ensino, enquanto prática profissional, não é visto como algo importante para uma elevada qualidade de pesquisa e publicação de resultados.

Diversidade no ensino superior: para os/as professores/as, é difícil de entender a diversidade entre a população de estudantes enquanto sinal de uma cultura que poderá não ser visível exteriormente (religião, sexualidade, etc.). Para além disso, se as turmas forem muito grandes, os/as professores/as poderão não entender as características individuais, como aconteceria com grupos mais pequenos.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Qualidade de ensino na educação superior: A formação de professores/as do ensino superior é essencial, particularmente quando a população de estudantes muda rapidamente devido à internacionalização, mobilidade, ou a um acesso mais aberto de estudantes não tradicionais à universidade.

Diversidade no ensino superior: Talvez a solução para tal seja a de, sempre que se mencione algum grupo específico, comunicar como se membros desse mesmo grupo específico estivessem presentes.

Formação específica: Tal coloca desafios perante o ensino direcionado para as questões de diversidade no ensino superior. Muitas universidades têm-se focado, nos últimos anos, nas questões de educação e diversidade, e têm desenvolvido oficinas de formação, cursos e outros formatos para as/os professoras/es adquirirem um maior conhecimento nesta área. Estes serviços educativos proporcionam a oportunidade de aprender acerca de interações culturais, formatos de ensino orientado para a diversidade ou para a resolução de conflitos interculturais nas turmas. Promovem ainda uma tomada de consciência relativa à diversidade, antidiscriminação, língua e necessidades dos estudantes. Mais especificamente, poderá ser interessante distinguir entre descrições émicas e éticas da religião e de aspetos associados. Émico = narrativa produzida pelos membros daquele grupo particular para se descreverem a si próprios/as e ético = narrativas de pessoas externas.



Incidente Crítico

“Presentes de Natal para todos/as”

Viena

“Presentes de Natal para todos/as”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Viena, ocorrido em 2017

“No período prévio ao Natal eu fiz os meus pequenos presentes para os/as meus/minhas colegas estudantes na universidade. Nada em grande, tudo coisas pequenas. Sem pensar mais sobre isso, entreguei um presente a um colega muçulmano da minha turma e desejei-lhe um feliz Natal. Ele voltou-se para trás, revoltado, e rejeitou o presente. Deixou-me, por isso, com má consciência e envergonhada. Foi só passado um bocado que entendi o meu passo em falso e pedi-lhe desculpas. Ele disse que eu o tinha envergonhado porque ele não estava autorizado a receber presentes de Natal. Concordei totalmente com ele e sublinhei o meu descuido irrefletido, mas ele permaneceu cheio de críticas e acusações contra mim.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma rapariga católica de 19 anos de idade, oriunda da Alemanha.
OUTRA PESSOA	Estudante egípcio, muçulmano, de 18 anos de idade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	As semelhanças entre os elementos são: estão ambos inscritos na mesma turma da Universidade, ambos são cidadãos alemães. As diferenças são: o seu país de origem, género e, principalmente, o seu estatuto.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Aula da Universidade
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Colegas estudantes
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	O clima político na Áustria é bastante agressivo e hostil para muçulmanos/as. O facto de se ser muçulmano/a é conotado negativamente quer nos meios de comunicação social quer nos contextos de migração. Na Áustria, o clima político em relação a migrantes é não amigável.

*ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A**Surpresa, confusa**Envergonhada, deslocada, confusa*

Uma estudante traz "presentes de Natal" para a aula com a intenção de os distribuir por colegas estudantes, incluindo um colega muçulmano.

COLEGAS ENQUANTO AMIGOS:

Para a estudante, estudar é o seu trabalho principal e ela dispense muito tempo na Universidade, com colegas estudantes. Ela vê-os como amigos/as e valoriza-os.

CONHECIMENTO RELIGIOSO/CULTURAL GERAL:

A narradora entende ser óbvio ter um certo conhecimento geral acerca da diversidade cultural e religiosa, bem como respeito quando se interage com seres humanos enquanto colegas.

VALORIZAÇÃO DOS RITUAIS, DA RELIGIÃO E DO NATAL, EM PARTICULAR:

Para a estudante, o Natal é uma representação do tempo em família e de amizade. Ela valoriza os rituais em certas alturas do ano, como por exemplo antes do Natal, e deseja torná-los especiais. Consequentemente, ela gosta de preparar pequenos presentes para os/as colegas estudantes, a quem vê como seus amigos/as. (Na análise, não havia informação se a narradora era muito religiosa ou não, ou se os presentes apenas representavam uma forma secular de um ritual religioso).

VIÉS UNIVERSALISTA:

A sua visão do mundo pode ser etnocêntrica, não reconhecendo, em geral, as diferenças entre pessoas. Ela poderá ter um viés universalista, pensando que todos os/as estudantes são iguais ou poderá não reconhecer bem as diferenças entre eles/as.

COLECTIVISMO E IDENTIDADE DE GRUPO:

Ela valorizava as/os colegas de turma e tinha boas intenções ao mostrar que gostava da boa atmosfera da turma. Portanto, ela investiu o seu tempo e preparou presentes para a ocasião especial de Natal.

INTENÇÃO DE NÃO DISCRIMINAR NINGUÉM:

O ato de oferecer presentes a todos os colegas visava não discriminar ninguém, fosse, por exemplo, muçulmano ou ateu. Simbolizou um gesto de amizade.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Uma estudante traz "presentes de Natal" para a aula com a intenção de os distribuir por colegas estudantes, incluindo um colega muçulmano.

DEMONSTRAÇÃO DA RELIGIÃO MAIORITÁRIA:

A oferta de um presente de Natal, apesar de saber que o colega não era católico, foi uma demonstração do seu estatuto maioritário e de que o catolicismo é a religião maioritária na Áustria. Ele sentiu-se discriminado e teve de se defender, enquanto religião minoritária, pelo que não quis ter nada que ver com um ritual católico "estrangeiro". Ela colocou-o numa posição inferior ao oferecer-lhe um presente.

REFORÇANDO OS SEUS PRÓPRIOS VALORES:

O estudante pensou ser necessário reforçar os seus valores e a sua religião, rejeitando o presente. Ele viu o presente como algo religioso, não como um presente de uma amiga. Se tivesse sido numa altura diferente, ele não teria recebido nenhum presente, portanto ele classificou-o como "religioso".

DIREITO OU NECESSIDADE DE REJEITAR (DIFERENCIAR DE) OUTRAS TRADIÇÕES RELIGIOSAS:

Para o estudante, o Natal é um ritual religioso que não é seu e, por isso, não deve ser respeitado. Adicionalmente, é até **proibido** que muçulmanos/as celebrem rituais católicos, portanto não é uma escolha individual.

CULTURA DE CONFLITO E PISAR O RISCO / REJEIÇÃO:

O estudante muçulmano não parece ter os mesmos valores de discussão de desacordos. O pedido de desculpas da sua colega mostrou-se insuficiente para o acalmar. Naquela situação, ele talvez esperasse um outro tipo de desculpa ou uma outra resolução de conflito. Talvez também a sua colega estudante tenha pisado o risco ao entregar-lhe um presente de Natal e ele se tenha sentido muito rejeitado enquanto muçulmano, membro de uma religião diferente. Com esta rejeição, ele recusou-se a perdoá-la e rejeitou-a globalmente enquanto pessoa. Ele poderia ter simplesmente explicado a sua reação à narradora, mas ele deve ter sentido o incidente de forma intensa e experienciado algum tipo de ameaça de identidade ou estigma identitário com uma forte necessidade de compensação. Tal poderia explicar-se se o estudante tivesse vivenciado antes uma série de incidentes semelhantes e estivesse numa necessidade constante de autodefesa.

DIFERENCIAÇÃO ENTRE ESPAÇOS FORMAIS E PRIVADOS:

O estudante muçulmano poderá fazer uma maior diferenciação entre espaços públicos e privados. Ele poderá não levar itens pessoais (religiosos, desportivos, familiares) para a turma. Para ele, a universidade é mais um contexto formal. O contexto formal poderá ter sido a razão pela qual ele esperava existir um conhecimento mais alargado acerca de diferenças culturais/religiosas entre ele e a narradora; ele poderia não ter esperado um presente Natal num contexto mais pessoal

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A falta de reconhecimento de uma identidade cultural pode provocar fortes reações emocionais negativas, mesmo quando situações concretas são vistas como inofensivas, tal como a oferta de um presente de Natal. A indignação provocada pela falta de reconhecimento poderá ser mais forte em grupos que são frequentemente discriminados.

As formações em diversidade poderão ser uma **oportunidade para explorar e cumprir o protocolo sobre diversidade cultural que garanta reconhecimento aos membros de grupos minoritários.**

Mediação de conflitos pela faculdade

As/os professoras/es podem ser mediadoras/es de situações de conflito entre estudantes, como esta.

Formação intercultural / consciencialização acerca de celebrações religiosas e presentes

Habitualmente, as universidades Europeias encerram para férias de Natal ou Páscoa, apesar de nem todos os estudantes terem a necessidade destas tradições e de seguirem outras normais culturais e religiosas. A universidade tem de ser cuidadosa quando oferece presentes individuais, eventos ou outras atividades relacionadas com a religião, por forma a não excluir outros. Heringer (2014) questiona por que razão os presentes são *“hot spots”*. De acordo com os seus argumentos, consideram-se as seguintes questões como culturalmente relevantes:

- O que é um “bom” presente? Em países árabes, uma garrafa de vinho é um presente proibido enquanto na Europa é um bom presente. Flores são também um *“hot present”*, uma vez que as flores têm significados simbólicos.
- Quando é que entregas um presente? No início de um evento, no final do mesmo ou no dia seguinte?
- A quem é que é permitido oferecer presentes a outros? É a/o anfitriã/o responsável por oferecer presentes de boas-vindas aos/às hóspedes ou são as/os hóspedes que devem levar um presente à/ao anfitriã/o? Estão as/os estudantes autorizadas/os a oferecer presentes a professores/as e vice-versa?
- Quando é que os presentes são abertos? À frente de outros ou em privado?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES



Incidente Crítico

“Colega de
apartamento
barulhenta”

Viena

“Colega de apartamento barulhenta”

Incidente crítico relatado por uma estudante austríaca, em Viena, registado em 2019 pela Universidade de Viena

“Após a escola secundária, mudei-me para Innsbruck para morar na casa de uma estudante durante o meu primeiro ano de estudos. Lá tinha uma colega de apartamento com quem dividia a cozinha e a casa de banho. Ela era uma estudante internacional de Itália. Com a sua influência, a casa de estudantes foi transformada numa “pequena Itália”. Ela tinha visitas o tempo todo, a todas as horas, cozinhava até às 11 da noite e jantava durante a noite. Sentava-se com os amigos dela até às 3 da manhã, na nossa cozinha partilhada, e tinha discussões em voz alta. Ela não tinha nenhum tipo de consideração nem por mim nem pelas minhas necessidades.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é austríaca e tem 19 anos de idade. O alemão é a sua língua materna. Estuda na faculdade de química, na Universidade de Viena. Vem de classe social alta.
OUTRA PESSOA	Mulher italiana de 22 anos, com o italiano como língua materna. No momento do incidente, vivia na Áustria há um ano. É uma estudante universitária em mobilidade internacional na faculdade de letras. É de classe social alta.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: género, idade, classe social, estatuto de estudante e a universidade onde ambas estudam. As diferenças são: país de origem, língua materna, estatuto legal na Áustria e a faculdade onde estudam.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Apartamento e cozinha partilhados: 2 quartos separados para cada estudante e cozinha e casa de banho partilhadas
OUTRAS PESSOAS	Amigos/as ou convidados/as da estudante italiana
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Espaço pessoal limitado devido à vivência partilhada: a cozinha é usada como um espaço partilhado: - A narradora também quer utilizar a cozinha para necessidades pessoais, mas esta é ocupada; - O apartamento não é suficientemente espaçoso para que se deixe de ouvir e encontrar os companheiros/as de apartamento e convidados/as.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Aborrecida, Frustrada

Incompreensão, Raiva

Uma estudante italiana partilha um apartamento com uma estudante austríaca. A estudante italiana convida amigos/as para a visitarem à noite na cozinha partilhada e não reage às queixas da sua companheira de apartamento.

CORTESIA:

A narradora sentiu que a sua companheira de apartamento italiana não pensou nas suas necessidades e desejos. Os seus valores de cortesia geral foram ameaçados.

COMUNICAÇÃO INDIRETA: A narradora queria que a sua colega de apartamento entendesse que ela se sentia incomodada sem que fosse necessário dizê-lo explicitamente. O seu estilo de comunicação era indireto. Ela pensa que, ao partilhar um apartamento, acabas por conhecer os teus companheiros/as e tens um maior acesso às necessidades dos outros/as devido a uma maior confiança e proximidade.

CONTACTO RESPEITADOR E USO DE ESPAÇO COMUM:

A narradora sentiu que, numa vida partilhada, há determinadas horas de "silêncio" que devem ser respeitadas e que os espaços comuns não devem ser ocupados de forma abusiva com demasiados convites a horas tardias. Para ela, a partilha de espaço significa partilhá-lo respeitosamente e negociar a sua utilização comum (o que é distinto de não perguntar sequer).

PERCEÇÃO ACERCA DA LIBERDADE CULTURAL: A narradora sentiu que a sua companheira italiana abusou da sua liberdade para viver a sua identidade cultural, dado que os hábitos de jantares tardios, muitos convidados em espaços partilhados e as discussões em voz alta na presença de colegas de apartamento, não são compatíveis com os hábitos culturais da narradora austríaca, que implicam que exista mais silêncio. A sua perceção de liberdade cultural termina quando fere os outros/as.

SERIEDADE NO ESTUDO: A narradora estava no seu país de origem e não experienciou o "viver fora" como a sua colega de apartamento. Ela estava mais focada nos estudos do que na sua vida social.

ESPAÇO COMUM: Certos sinais de respeito como baixar o tom de voz para respeitar a paz de companheiros/as de apartamento, mudança de convívios tardios para ambientes menos privados, etc., parecem aspetos de senso comum para a narradora, mas não para a sua colega de apartamento italiana.

HIERARQUIA DE NECESSIDADES: As culturas austríaca e italiana podem ter diferentes representações quanto à hierarquia de necessidades. Para a estudante austríaca, as boas noites pacíficas de sono, limpeza e outros valores podem ser considerados necessidades mais fortes de convivência caseira do que a necessidade de socializar em casa. A estudante austríaca poderá ter pensado que a socialização poderia ocorrer fora do apartamento.

HORÁRIO DE JANTAR E RITUAL: Na Áustria, o horário de jantar é cedo, mais ou menos por volta das 6 da tarde. Demora, no máximo, uma hora. Depois das 8 da noite, segue-se habitualmente um período mais calmo para ler, ver televisão e preparar a noite. Depois das 10 horas é considerado noite. Maioritariamente, as regras das casas – presentes no contrato de aluguer de apartamento, por exemplo – incluem o silêncio depois das 10 horas da noite, por forma a não incomodar as outras pessoas da casa. É habitualmente proibido ter a música alta, falar em voz alta, etc.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Uma estudante italiana partilha um apartamento com uma estudante austríaca. A estudante italiana convida amigos/as para a visitarem à noite na cozinha partilhada e não reage às queixas da sua companheira de apartamento.

MANTER AS TRADIÇÕES E LIBERDADE CULTURAL:

A estudante italiana vive livremente os seus hábitos culturais. Valorize as suas tradições, como sentar-se, beber ou comer em conjunto e ter uma vida social. Esta é especialmente importante quando se está fora de casa. Os rituais ajudam a sentir-se em casa.

DEFINIÇÃO DE COMUNICAÇÃO:

A estudante poderá ter pensado que, se a companheira de apartamento se sentia incomodada pelo comportamento dela, deveria tê-lo dito. Ela poderia esperar uma comunicação mais direta: caso contrário, não havia necessidade de mudança.

VIDA DO CAMPUS: Para a estudante italiana, a vida do *campus* ocorre em todos os locais (no *campus*, nas bibliotecas, ao ar livre, no seu apartamento). Considera, assim, o seu apartamento como uma parte da sua vida social, onde pode convidar amigos/as e colegas. Usa as divisões comuns do apartamento para se encontrar com amigos/os, comer e discutir, considerando estes atos comuns, característicos da vida partilhada, da sua definição de vida de estudante, do facto de estar fora do seu país e de ser uma estudante internacional.

PERCEÇÃO DA «VIDA DE ESTUDANTE / VIDA LOUCA»: A estudante italiana poderá pensar que a vida de estudante inclui a liberdade de estar com convidados/as a horas tardias, cozinhar e ter discussões em voz alta com eles/as. Poderá ser uma expressão do facto de não estar na sua casa, de ter uma “vida louca” por não morar com os seus pais pela primeira vez e de não ter de obedecer a certas regras enquanto estudante internacional.

COLETIVISMO: A estudante italiana vem de uma cultura mais coletivista, onde a família e os amigos habitualmente comem juntos e partilham um espaço delimitado. Ela está habituada a isto, comparativamente à sua colega austríaca, que vem de uma cultura mais individualista, na qual as pessoas vivem e dormem em divisões separadas e não partilham tanto o espaço como em Itália.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A partilha de um espaço de vida com pessoas de contextos culturais diferentes é uma fonte recorrente de experiências de choque cultural, uma vez que existe uma grande diversidade relativamente a normas e valores e as diferentes práticas são muito facilmente interpretadas como faltas de respeito.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

Contrato de aluguer no país de acolhimento: Poderá ser útil oferecer informação específica relativamente aos contratos de aluguer do país de acolhimento. Estes contêm também regras de boa convivência em conjunto, bases legais (e.g., horário noturno de descanso) e promove a consciência relativamente à partilha de espaços comuns em habitações interculturais.

Sessões de formação para estudantes internacionais e locais, utilizando os métodos do teatro: Poderá ser útil oferecer sessões especiais para os estudantes locais e internacionais, que vivem em conjunto, por forma a trabalhar os seus valores comuns e preferências. As técnicas lúdicas, baseadas no teatro, ou até as técnicas que combinem incidentes críticos e o teatro, poderão ser uma ajuda para promover uma maior consciencialização das diferentes preferências de estudantes internacionais e nacionais, sendo este o primeiro passo para uma construção ou negociação colaborativa de regras em comum.



Incidente Crítico

“Raparigas protegidas”

Viena

“Raparigas protegidas”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional, em Budapeste, registado em 2019 pela Universidade de Viena

“Há alguns anos, eu estudava na Hungria – era o meu ano de estudar no estrangeiro. Estudava numa faculdade de medicina, na qual se cruzavam diferentes nacionalidades. Era uma faculdade com muita diversidade. Num fim de tarde, saímos em turma e foi-me possível observar um grupo de iranianas, minhas colegas, que estavam também connosco. Durante todo o fim de tarde, estas raparigas eram acompanhadas por um iraniano, que parecia ser o seu guardião. Ele foi connosco a um bar, ficou connosco o tempo todo, e depois acompanhou as raparigas. Contudo, ele não parecia ser amigo das raparigas ou ter um estatuto de amigo. Quando perguntei a uma colega acerca dele, ela disse-me que estava lá para observar as raparigas e para ter a certeza de que elas não estavam com europeus. Isto chocou-me muito, na medida em que cresci com a ideia da liberdade de escolha; da liberdade de escolher sobre o que falar, com quem se fala e com quem se passa o tempo.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	O narrador é um jovem de 20 anos, oriundo da Alemanha e matriculado numa faculdade de medicina austríaca. Quando este incidente aconteceu, era estudante internacional em Budapeste.
OUTRA PESSOA	As pessoas que incitaram o incidente são estudantes iranianas que frequentam a mesma universidade húngara. As jovens têm cerca de 20 anos e são muçulmanas. Elas são acompanhadas por um homem iraniano que não foi apresentado aos restantes estudantes.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	As semelhanças entre eles são: estão inscritos na mesma universidade, na mesma turma. Têm como diferenças: país de origem, crenças religiosas e género.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação ocorre em espaço público, numa cidade da Hungria, durante um fim de tarde.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	<ul style="list-style-type: none"> - Colegas estudantes do narrador e estudantes iranianas (“turma”) - Não existiam pessoas mais chegadas no grupo, só os/as estudantes. - As estudantes iranianas eram todas raparigas, o restante grupo era um grupo misto de rapazes e raparigas.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Surpresos, confusos

Envergonhados, deslocados, confusos

Quando saíram à noite para ir a bares, as estudantes iranianas estavam acompanhadas por um homem, que parecia ser o seu guardião, mas ele não foi apresentado aos/às outros/as estudantes.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO E INDIVIDUALISMO:

O narrador cresceu a acreditar que cada indivíduo deveria ter o direito a escolher temas e parceiros/as de conversa, bem como atividades de tempos livres. Esta crença foi ameaçada ao ver as suas colegas serem privadas deste direito. Para o narrador, era óbvio que não era suposto as colegas terem contacto com outros/as estudantes, o que restringia a sua liberdade de escolha e individualismo.

PERCEÇÃO DE APRENDIZAGEM OU DE ESTUDO:

O narrador vê o estudo como algo não restrito à universidade ou à aprendizagem num edifício específico; ele está numa fase da vida marcada por diversas experiências cognitivas, sociais e emocionais. Para ele, estudar significa relacionar-se com pessoas e desenvolver novos contactos sociais, especialmente com pessoas que têm os mesmos interesses ou a mesma área de estudo. Segundo ele, a universidade também inclui as “saídas à noite”.

COMUNICAÇÃO RESPEITOSA:

O narrador fica intrigado com o facto de as estudantes do Irão não apresentarem ao grupo a companhia desconhecida; o narrador poderia ter acreditado que o facto de passarem tempo privado em conjunto implica que haja um mínimo de valorização e a apresentação de todas as pessoas. O guardião poderia ter dado um aperto de mão aos rapazes e/ou ter dito o seu nome.

EMANCIPAÇÃO FEMININA E IGUALDADE DE GÉNERO:

O narrador acredita na igualdade entre homens e mulheres. Ele assume que seja necessária a presença de um homem devido à herança nacional e cultural das estudantes do Irão. Contudo, na opinião do narrador, as raparigas podem passar tempo sozinhas sem que um homem esteja presente. O narrador não consegue entender ou ser empático face ao desejo de as raparigas sentirem necessidade de proteção, e ele não conhece outras raparigas que pensem dessa forma. A sua noção de igualdade foi agredida naquela noite. Contudo, ele não questionou as raparigas quanto ao guardião nem sobre a possibilidade de elas quererem ou não a sua companhia.

PERCEÇÃO ACERCA DE ESTUDAR FORA/ VIDA NO CAMPUS / VIDA NA CIDADE:

Para o narrador, estudar no estrangeiro é uma experiência complexa, o que significa conhecer uma nova cultura, uma nova cidade, o *campus* e ver outras partes da cidade. Para ele, é uma oportunidade de ver algo novo e o contacto com outras/os estudantes é uma necessidade durante esta experiência. Segundo ele, o tempo na universidade é um tempo para fazer amigos. Os relacionamentos sociais parecem ser um aspeto importante do tempo passado na universidade e o narrador não está habituado a que este tempo seja controlado ou supervisionado por uma terceira pessoa, como aconteceu com as estudantes iranianas.

GRUPOS ABERTOS E FECHADOS:

O narrador sentiu que o grupo de estudantes, que se conheciam todos/as pelo facto de estudarem juntos, foi invadido por um estranho. Este grupo de estudantes era um grupo chegado, um grupo que durante o dia passava imenso tempo em conjunto. Não existiam “pessoas externas” nas “saídas à noite”, exceto o guardião desconhecido. Tal originou uma quebra de confiança no narrador e ele não sabia nem confiava em pessoas desconhecidas e a presença de um desconhecido no grupo parecia estranho.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Quando saíram à noite para ir a bares, as estudantes iranianas estavam acompanhadas por um homem, que parecia ser o seu guardião, mas ele não foi apresentado aos/as outros/as estudantes.

ÁLCOOL E BARES:

Habitualmente, a ida a bares onde é servido álcool é, do ponto de vista cultural, uma “não saída” para raparigas iranianas. Assim, para que as estudantes iranianas pudessem desfrutar desta experiência, foi enviado o guardião, de modo a que elas pudessem conviver com homens estrangeiros estranhos, em locais onde existe álcool disponível.

ACULTURAÇÃO:

Muito provavelmente, a saída para bares onde é consumido álcool não é algo normal na vida universitária iranianas. O facto de as raparigas iranianas terem escolhido marcar presença neste evento parece ser um sinal do desejo de se adaptarem, aculturarem e ajustarem-se às práticas locais. Elas encontraram, inclusivamente, uma forma bastante engenhosa de o fazer, ao pedir a um homem mais velho da sua família (alargada) para ir com elas.

CONFORMIDADE CULTURAL E TER RECEIO DE PARECER “EXÓTICO”:

As estudantes poderiam ter sentido a necessidade cultural de se adaptarem à presença de um guardião por forma a terem a possibilidade de sair. O facto de o guardião não ter sido apresentado por elas pode ser explicado pelo eventual medo de serem criticadas, parecerem “exóticas”, “à moda antiga” ou “antifeministas”, e pelo facto de saberem que este tipo de comportamento não se enquadra nas normas sociais da Hungria ou da Europa Ocidental. Desta forma, mantiveram-se em silêncio e não explicaram esta conduta de uma forma aberta.

APRENDIZAGEM ORIENTADA PARA RESULTADOS: No Irão, a ideia de estudar fora poderá limitar-se aos conteúdos de aprendizagem e à aprendizagem nos edifícios da universidade, uma vez que é suposto que os/as estudantes rendibilizem o tempo passado fora e levem para casa o máximo de conhecimento possível. Os eventos sociais poderão não ser importantes. Contudo, as estudantes iranianas optam por sair com o grupo.

CULTURA DO COLETIVISMO: A cultura iranianas poderá não ter autorizado as estudantes internacionais a relacionarem-se com os estudantes do país onde elas estão. Elas podem usufruir da cultura coletivista e podem encontrar um grupo de amigos/as, família adotiva, guardiões, etc., para as ajudarem durante a sua estadia. Elas podem contar com colegas do seu país. As suas necessidades individuais (de liberdade, etc.) poderão não ser de grande importância face às necessidades da família e da comunidade. A comunidade é bastante preocupada com a reputação e a honra das raparigas estudantes.

PROTEÇÃO DAS MULHERES E INTEGRIDADE (CORPORAL):

As estudantes iranianas poderiam esperar que europeus desconhecidos as seduzissem ou convidassem para sair ou para beber um copo. Elas já experienciaram a necessidade de proteção nas suas casas ou noutros países, especialmente à noite. Elas poderiam aceitar e gostar desta situação por sentirem a necessidade. Elas sentem que o guardião as ajuda a proteger a sua integridade (corporal) e a permanecerem intactas perante possíveis ameaças, como serem abordadas por outros homens, serem roubadas, violentadas, etc.

COMUNICAÇÃO INDIRETA:

As estudantes iranianas não discutem o facto de serem supervisionadas ou acompanhadas por uma terceira pessoa quando estão com outros/as. Elas podem vê-lo como algo óbvio ou natural e podem ter crescido com este tipo de regras, portanto não há necessidade de existir uma comunicação direta.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O medo de invasão da outra pessoa: quando confrontadas com a possibilidade de um comportamento cultural diferente, que não conseguem explicar, as pessoas ficam relutantes e evitam fazer perguntas diretas, sentindo que pudessem ser invasivas com a outra pessoa. Não obstante, estas perguntas teriam muitas vezes respostas simples, o que poderia evitar palpites e a possibilidade de reforçar estereótipos.

Importância da familiarização com estudantes internacionais em espaços fora do *campus*: Os/as estudantes estrangeiros/as, especialmente os que vêm de países não europeus, poderão necessitar de uma maior orientação do que os estudantes europeus no que respeita à vida no *campus* e na cidade. Poderão necessitar de conhecimento específico em relação a lugares a ir e a evitar, bem como formação em questões de segurança, contactos de emergência e procedimentos.

O género, também conhecido como “dimensão tabu” (Hofstede) no contacto intercultural, tem uma grande diversidade de representações e abordagens. As construções de género são frequentemente relacionadas com questões de respeito, dignidade, decência. Por esta razão, elas poderão tornar-se muito sensíveis e despoletar tensões ou julgamentos.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

- **Importância de familiarizar estudantes internacionais com espaços fora do *campus*:** a universidade poderia assumir a responsabilidade por esta familiarização junto de estudantes estrangeiros/as.
- **As formações interculturais** podem ter módulos que levistem expectativas e representações face às questões de **género**. Estas sessões poderão não ser focadas apenas em estudantes internacionais, mas proporcionar, a todos/as os/as estudantes e *staff*, a oportunidade de exploração em conjunto da diversidade cultural, e como estas diferenças podem ter um impacto na vida universitária. Formações como estas podem impulsionar a adoção de regras em conjunto/protocolos, se necessário.
- **Formações em diversidade** podem ser a ocasião de descobrir em conjunto que abordagens a diferenças culturais são aceites ou não. Por exemplo, como é possível fazer perguntas que não sejam invasivas ou desrespeitosas, sem colocar o ónus de educar as/os estudantes maioritárias/os sobre as/os estudantes minoritárias/os.



Incidente Crítico

“Bolo de vinho tinto”

Viena

“Bolo de vinho tinto”

Incidente crítico relatado por uma estudante, na Suíça, registado em 2019 pela Universidade de Viena

“No contexto de um seminário sobre didática matemática, foi pedido às/aos estudantes para preparem uma apresentação sobre a implementação de uma didática interessante para uma aula de matemática. Eu preparei uma aula sobre frações para o ensino básico. Consequentemente, fiz um bolo em casa, que levei para a aula para que pudessem visualizar o tema à medida que ia cortando o bolo em fatias. No início da minha apresentação, rapidamente tive a atenção de colegas, portanto esperava apenas distribuir as fatias de bolo no final da aula – para que fosse o “auge” da apresentação. A intenção cumpriu-se totalmente – todos/as os/as colegas de turma gostaram do bolo e agradeceram pela iniciativa. Um dos estudantes gostou tanto que me pediu a receita, quando os outros já estavam de saída. Disse-lhe a receita prontamente, uma vez que a sabia de cor e não era difícil: “açúcar, farinha, canela, um copo de vinho tinto...” Nesse momento, fui bruscamente interrompida por um colega, um muçulmano do Kosovo, que ferveu com indignação. “O quê?!”, gritou ele, “Existia vinho naquele bolo? Porque é que não me disseste? Tu sabes que sou muçulmano e, consequentemente, não posso consumir álcool. Porque é que me fizeste comer aquele bolo?” Eu não me lembro exatamente do que ele disse mais, uma vez que fiquei completamente imobilizada com a reação dele. Dei algumas desculpas, algumas justificações, mas realmente não sabia o que lhe responder de forma apropriada naquela situação, uma vez que ele já tinha comido o bolo e era “demasiado tarde” para voltar atrás. Ele continuou a repreender-me por mais algum tempo. Nessa altura, permaneci em silêncio, até que o melhor amigo dele (!) o parou: “Olha, acalma-te agora, tu tens os teus princípios religiosos, e quanto a isso tudo bem”, disse ele, “mas se os queres manter com tanta restrição, então a responsabilidade é tua, não dos outros! Antes, tens de perguntar quais são os ingredientes da comida que desconheces.” Eu nunca tinha vivido uma situação como esta anteriormente e estava chocada. Levei algum tempo a pensar acerca de quem era a “culpa”, e devo dizer que não era fácil decidir. Foi inesquecível.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora era uma estudante de 20 anos de idade, oriunda do Luxemburgo. A sua língua materna é o alemão.
OUTRAS PESSOAS	Estudante muçulmano de 25 anos que veio do Kosovo. A sua língua materna é o albanês.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: estão inscritos na mesma universidade, são da mesma turma, e têm a mesma situação quanto à residência. Diferenças: país de origem, língua materna, religião, género e, principalmente, o seu estatuto.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	<ul style="list-style-type: none"> - Aula universitária (pequena sala de um seminário) com mesas e cadeiras em fila - Seminário de didática de matemática
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	<ul style="list-style-type: none"> - Aproximadamente 20 estudantes com diferentes contextos culturais e religiosos e um professor - Melhor amigo do estudante muçulmano como parte do grupo de estudantes
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Educação católica, predominante na Suíça

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Surpreso, confuso

A narradora explica um fenómeno matemático recorrendo a um bolo, que é depois oferecido a todos/as os/as estudantes. Um estudante muçulmano ofende-se quando descobre que o bolo continha álcool.

Envergonhado, deslocado, confuso

IGUALDADE ENTRE ESTUDANTES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM:

A narradora deu um pedaço de bolo a cada estudante presente, sem distinguir religião, cultura ou contexto social. Todas/os as/os estudantes participaram igualmente na atividade, uma vez que era tida como parte integrante da proposta didática. O ato de comer o bolo era, por assim dizer, parte do processo de aprendizagem e a forma como esta foi apresentada foi mais como um “presente”, adicional ao processo de aprendizagem. Em muitas culturas, o ato de negar presentes é visto como falta de respeito e, por isso mesmo, ali seria menos “opcional” rejeitar a fatia de bolo do que num restaurante, por exemplo.

RESPONSABILIDADE DAS PESSOAS ADULTAS PELOS SEUS VALORES/REGRAS CULTURAIS:

A narradora espera que as pessoas adultas assumam a responsabilidade pelas suas crenças/valores/regras. Se uma pessoa tem determinadas restrições alimentares, deve agir em conformidade e recusar/evitar essa comida “não autorizada”. A narradora detém fortes valores individuais e de responsabilidade direta (em vez de culpabilizar outros/as).

Ser estudante enquanto identidade coletiva: A narradora vê todos/as os/as estudantes sentados/as “no mesmo barco”, visto que têm de desenvolver atividades em frente às/aos restantes. Ela respeita os esforços dos/as colegas e não os/as ofenderia à frente da turma. A narradora sabe que o outro estudante também terá de atuar perante outros/as estudantes no futuro e é por isso que ela não esperava opiniões críticas, mas comportamentos positivos.

VIÉS UNIVERSALISTA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA QUANTO ÀS PERMISSÕES/RESTRICÇÕES ALIMENTARES:

A narradora cresceu num único contexto cultural/religioso, que permite que ela ingira álcool. Ela não questionou os ingredientes do seu bolo, talvez devido a um viés universalista ou ao facto de não ter tido anteriormente muito contacto com muçulmanos/as. Supostamente, o bolo não era um bolo tradicional “católico”, era suposto ser um presente para as/os colegas.

LAICISMO:

O incidente teve lugar na Suíça, próximo de França, onde o princípio de “laicidade” é importante. Devido a este princípio, a narradora poderá ter assumido que a religião não estaria presente na sala de aula. As universidades públicas não são vistas como espaços religiosos.

CULTURA DE RESOLUÇÃO DE CONFLITOS E DEBATE:

A narradora espera que eventuais desentendimentos ou criticismos sejam expressados de forma respeitosa, não agressiva, dialógica, em vez de serem ofensivos e desrespeitadores de culturas/religiões/valores. A sua disponibilidade para debater e discutir baseia-se numa forma sólida e verbal de resolução de conflitos, que não foi possível com o outro estudante.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A narradora explica um fenómeno matemático recorrendo a um bolo, que é depois oferecido a todos/as os/as estudantes. Um estudante muçulmano ofende-se quando descobre que o bolo continha álcool.

VISIBILIDADE DA SUA RELIGIÃO:

O estudante poderia ter pensado que seria evidente o facto de ser muçulmano (devido às suas roupas, barba, etc.), portanto ele não entende porque é que a narradora não reparou neste facto.

PRIORIDADE DA RELIGIÃO E ADESÃO A TRADIÇÕES RELIGIOSAS:

O estudante cresceu num contexto muçulmano, portanto ele percebe que não está autorizado a ingerir álcool de nenhuma forma. Ele tenta respeitar este princípio com muita dedicação. Para ele, as tradições religiosas têm prioridade.

A RELIGIÃO ESTÁ EM TODA A PARTE:

A religião está presente em todos os momentos e em todos os domínios da vida, assim como na esfera pública, e também nas salas de aula da universidade. Este é um contraste com outros praticantes da fé, para quem existem espaços específicos (como a igreja) ou períodos do ano (festas, celebrações...) dedicados à religião.

EXPRESSÃO ABERTA DE EMOÇÕES:

O estudante sente que está autorizado a expressar o seu desacordo de forma aberta e emocional face à narradora. Uma vez que não está satisfeito com a situação, reage de forma emocional. Acredita que expressar abertamente as emoções é saudável, especialmente num grupo onde todas/os as/os estudantes se conhecem (bem). Talvez as suas emoções fortes fossem, em parte, a culpabilização de si próprio, na medida em que falhou por não ter questionado quais eram os ingredientes.

FÚRIA CONTRA A DISCRIMINAÇÃO:

O estudante poderá ter sentido que este incidente era similar a outras situações que ele já tinha experienciado enquanto muçulmano num país católico, e poderia ter ficado zangado por ter sido (novamente) discriminado. Tal pode ser muito relevante para as "identidades de pessoas estigmatizadas" que, devido a experiências passadas de discriminação ou de preconceito, é muito provável que assim expliquem novas situações.

CONSIDERAÇÃO:

A consideração pela outra pessoa é ameaçada pela situação, já que a narradora não presta atenção às suas características individuais.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A falta de reconhecimento de uma identidade cultural pode provocar fortes reações emocionais negativas mesmo quando situações concretas parecem ser inofensivas, como a oferta de um presente de Natal. O ressentimento relativo à falta de reconhecimento poderá ser mais forte para grupos que são frequentemente discriminados.

Trazar comida tradicional para a universidade tem vantagens e desvantagens. Expõe elementos culturais, mas também pode enfatizar estereótipos (por exemplo: todos os estudantes turcos comem *Baclava*). Dizer sim ou não à comida na sala de aula pode estar relacionado com sinais culturais de respeito. Rejeitar a comida poderá ser visto como falta de educação, uma vez que foi encarada como um presente para os/as colegas estudantes e que a rejeição de presentes tem especificidades culturais.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

- **Possibilidade de mediação de conflitos interculturais por parte do/a professor/a**
O papel do/a professor/a, enquanto único profissional na sala, poderia ter sido o de assumir a responsabilidade face ao conflito e o de refletir sobre os valores culturais/religiosos em conjunto com os/as estudantes, por forma a evitar futuros incidentes críticos como este. As/os professoras/es poderiam ter intervindo ao mediar as partes discordantes.
- **Formações interculturais na universidade**
As universidades devem considerar a possibilidade de promover formações interculturais acerca das diferenças entre discriminação direta e indireta e as diversas formas de etnocentrismo e de “viés universalista”.



Incidente Crítico

“Não há apresentações”

Viena

“Não há apresentações”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Viena, registado em 2019 pela Universidade de Viena

No primeiro dia em que estava a assistir a um Seminário de Política Educativa, tive uma experiência surpreendente e muito diferente da minha experiência académica na América. Após o professor ter iniciado a aula, foi passada uma folha de presença com os nossos nomes enquanto o professor se apresentava a si e ao seu trabalho. Assumi que depois da sua apresentação pessoal, ele iria prosseguir com questões sobre nós mesmos, as nossas experiências e o nosso trabalho prévio. A turma era pequena, portanto parecia-me necessária uma apresentação, sobretudo porque alguns estudantes – incluindo eu própria – faziam parte de um programa de intercâmbio e eram novos no curso. Contudo, após a sua apresentação, o professor passou à introdução do tópico dos nossos trabalhos de casa, dispensando-nos depois o resto do dia. O professor nunca nos perguntou os nossos nomes. Fiquei chocada porque senti que era muito rude, particularmente enquanto estudante estrangeira, por não me familiarizar a mim mesma com os estudantes. Não disse nada, em parte porque não conhecia ninguém na turma. Mas toda esta experiência fez-me sentir muito pequena e infantil, principalmente por ser um curso de Mestrado.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, a narradora tinha 24 anos de idade, oriunda dos EUA. Era o seu primeiro ano em Viena.
OUTRA PESSOA	Tem cerca de 50 anos de idade, é austríaco e professor/investigador na universidade
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Os elementos envolvidos têm como semelhanças estarem ambos inscritos na mesma Universidade e terem a mesma classe social. As diferenças são: o seu país de origem, os seus estatutos na Áustria (residente vs. nativo), o género, e principalmente, o seu estatuto

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula Universitária
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes na aula

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Supresa, confusa

Envergonhado, deslocado, confuso

O professor apresentou-se a si próprio e ao curso, não pediu às/aos estudantes para se apresentarem a si próprias/os. A aula foi dada e as/os estudantes foram dispensados depois.

RECIPROCIDADE E CORDIALIDADE :

Para a narradora, a apresentação de todas as pessoas presentes é uma simples questão de cordialidade, não se devendo ignorar ou dispensar as pessoas. Para ela, a comunicação é um processo recíproco

COMUNICAÇÃO RESPEITOSA E ENCONTRO COM A OUTRA PESSOA:

Para ela é importante olhar nos olhos da outra pessoa e chamarem-se pelos seus nomes. Considera que estas são formas importantes de respeito interpessoal e a base para um real encontro com a outra pessoa.

COMUNICAÇÃO NÃO HIERÁRQUICA :

A estudante esperava uma comunicação de igual para igual, visto ser o seu primeiro dia na aula de Mestrado. Para a estudante, a sua perceção das regras de comunicação foram quebradas quando o professor se apresentou a si próprio sem deixar os/as restantes fazerem o mesmo. Para ela, dizer olá é uma regra de comunicação e de equidade, antes de se iniciar qualquer envolvimento com outra pessoa.

CULTURA DE ACOLHIMENTO AMIGÁVEL :

A narradora esperava uma cultura acolhedora no país e na universidade de acolhimento, especialmente no seu primeiro dia de aulas. A cultura acolhedora inclui também a possibilidade de dizer qual o país de origem e de ser reconhecida como estudante estrangeira no país de acolhimento. Este reconhecimento foi ameaçado porque ela não foi sequer autorizada a dizer o seu nome.

INDIVIDUALISMO :

Ela esperava ser tratada de forma diferente, mais personalizada, uma vez que estava num curso avançado. Esperava, por parte do professor, um maior interesse pessoal face às pessoas a quem se dirigia, dado que existem menos estudantes nos cursos de Mestrado. Contudo, na Áustria, os títulos académicos são considerados muito importantes e o professor ter-se-ia considerado alguém de alto estatuto, com o direito de se apresentar a si próprio, ao invés de estudantes sem título.

LIGAÇÃO NA TURMA / ASPETO SOCIAL DO ESTUDO:

A cultura de acolhimento também incorpora os aspetos sociais do estudo. Com a apresentação completa, ela poderia ter efetuado as primeiras conexões com os/as estudantes da turma e, possivelmente, com outros/as estudantes estrangeiros/as e tal poderia tê-la ajudado a desenvolver um sentimento de pertença. Em vez disso, ela sentiu-se isolada.

DESEJO DE ACULTURAÇÃO E CUMPRIMENTO :

A narradora está familiarizada com sistemas de ensino nos quais se supõe que estudantes não se manifestem e que cumpram as regras. Ela não se queria "destacar" no seu primeiro dia, mas tinha o desejo de se aculturar na Áustria. Desta forma, ela cumpriu as regras para se poder integrar.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

O professor apresentou-se a si próprio e ao curso, não pediu às/aos estudantes para se apresentarem a si próprias/os. A aula foi dada e as/os estudantes foram dispensados depois.

EFICIÊNCIA DE TEMPO :

O professor poderia estar stressado no início do semestre, querendo ultrapassar questões administrativas o mais rapidamente possível, por forma a não dispende muito tempo nas apresentações e a chegar aos conteúdos do curso o mais rápido possível. Ele também poderia ter tido várias aulas que começassem naquele dia e poderia ter esquecido uma apresentação completa pois poderia ter sido a sua terceira, quarta ou quinta aula daquele dia.

EFICIÊNCIA DE TRABALHO: Ele poderia ter pensado que as apresentações completas são uma perda de tempo e querer abordar logo os conteúdos do curso.

ORIENTAÇÃO PARA AS TAREFAS AO INVÉS DE RELAÇÕES PESSOAIS :

O professor focou-se no conteúdo e nas tarefas e não nas relações. Do seu ponto de vista, na aula, cabia-lhe sobretudo ensinar e não "ser amigo dos estudantes". Consequentemente, apresentou-se a si próprio mas não teve necessidade de saber quem eram as/os estudantes. Como profissional, não necessita de interação pessoal com estudantes.

INVISIBILIDADE DA DIVERSIDADE DOS ESTUDANTES :

O professor não estava ciente ou não entendeu como relevante o facto de alguns/mas estudantes estarem a experienciar o seu primeiro dia de estudo numa universidade nova. A estudante americana poderia parecer uma estudante europeia, portanto ele poderá não ter prestado atenção à diversidade de estudantes no geral.

PERCEÇÃO DA COMUNICAÇÃO PROFISSIONAL:

O professor percebe a comunicação profissional como uma forma de comunicação que não invade a privacidade e que mantém a objetividade e o anonimato na aula. Ele poderá também ter entendido as tarefas de comunicação pessoal, conexão com outros estudantes e trabalho em rede como questões a considerar fora da sala de aula.

REPRESENTAÇÃO DE EDUCAÇÃO: A estudante queria apresentar-se a si própria porque esperava ter a possibilidade de contribuir na aula, no futuro. O facto de não ter sido permitida a apresentação de estudantes conduz a uma menor interação e menos exemplos com base nas experiências dos/as estudantes. Tal também conduz a uma educação mais hierárquica. O professor parecia ser o detentor único do conhecimento.

RESPEITO E RELAÇÃO PESSOAL TÊM DE SER CONQUISTADAS :

Os/as estudantes não tinham ganhado ainda o respeito do professor (meritocracia). Na opinião do professor, uma abordagem mais individual, a estima e uma relação pessoal devem ser conquistadas, apesar de estas não serem características comuns de professores/as na Áustria.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O primeiro contacto de estudantes internacionais no *campus*, nas suas faculdades ou em qualquer outro lugar pode ser organizado pelo Gabinete Internacional ou por responsáveis pela mobilidade. Desta forma, a apresentação de novos estudantes não é algo remetido individualmente a professoras/es ou pessoal não docente. Os/as estudantes podem desenvolver um sentimento de pertença face à respetiva universidade com diversas tradições formais de apresentação. Em semestres mais avançados é esperado que as experiências e as opiniões de estudantes sejam incluídas e que as aulas sejam mais práticas e interativas. É esperado que as aprendizagens não ocorram apenas através de uma via única, mas que as experiências práticas ou questões levantadas por estudantes sejam consideradas. A transformação do conhecimento com estudantes apenas pode ocorrer no âmbito de uma relação pessoal. A discussão acerca dos níveis teórico e prático da educação universitária pode também conter questões sobre diferenças culturais.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

As/os estudantes podem desenvolver um sentimento de pertença face à respetiva universidade com outro tipo de apresentação formal (pequenas oficinas de formação, dia aberto, festa do primeiro dia de aulas, etc.). Adicionalmente, o intercâmbio entre estudantes internacionais e nacionais pode ser promovido com diferentes atividades compatíveis. Como são efetuadas as apresentações completas? Quão formais são elas? Que informações formais é que elas contêm (nome, experiência profissional, anos de estudo)? Que questões pessoais são permitidas? E não permitidas (estatuto familiar, língua materna, duração da estada no país de acolhimento, etc.)? Estas questões podem ser discutidas em reuniões institucionais por forma a alcançar-se um consenso entre professores/as a este respeito.



Incidente crítico “DE ONDE ÉS?”

Alemanha

“DE ONDE ÉS?”

Incidente crítico relatado por uma funcionária de uma universidade na Alemanha, registado em 2019 pela JGU

“Uma estudante entrou no meu local de trabalho, num centro da universidade, para uma entrevista para a posição de assistente de professor. A entrevista foi realizada por mim e pela minha chefe. Pelo nome da estudante nós não conseguíamos decifrar a nacionalidade dela, mas quando ela entrou no gabinete foi claro, pela sua aparência, que ela deveria ser ter uma origem intercultural/internacional, uma vez que a sua pele era um pouco mais escura e o seu cabelo era encaracolado. No final desta entrevista, eu perguntei-lhe de onde ela era e mencionei que o nome do seu pai parecia japonês. Ela não reagiu à minha questão. Isto surpreendeu-me uma vez que fico sempre ansiosa por saber mais acerca do contexto das outras pessoas. Eu própria sou uma pessoa com uma origem multicultural. Mas é possível que ela não tenha entendido que, também eu, sou de um contexto multicultural.

Ela ficou com a posição de assistente de professor e, mais tarde, quando trabalhávamos juntas, perguntei-lhe mais uma vez de onde é que ela era e ela respondeu que era da Alemanha. Ela nasceu na Alemanha e cresceu cá. Perguntei-lhe de onde vinham os pais dela e a resposta dela foi também Alemanha. Ela é negra e vive no seu país de origem, a Alemanha. Disse que associávamos uma determinada aparência com “ser alemão”. Esperávamos que os alemães parecessem “Alemães”, o que significava não serem negros. Ela disse que existiam muitas pessoas como ela. Falou sobre o racismo que tinha experienciado. Eu disse-lhe que a razão pela qual lhe tinha feito esta pergunta era devida à minha própria origem intercultural.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	Aquando desta situação, a narradora tem à volta de 50 anos, vive atualmente na Alemanha e tem uma origem multicultural (alemã, polaca, vietnamita e francesa). Trabalha há mais de 15 anos na universidade de Mainz como coordenadora de projetos.
OUTRA PESSOA	Tem trinta e poucos anos e é uma pessoa de cor de nacionalidade alemã. Ela é uma estudante da universidade de Mainz.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: género, serem ambas pertencentes à mesma universidade, terem ambas estatuto legal e falarem alemão. Têm como diferenças: as suas origens, a sua idade, o seu estatuto profissional, a sua cor da pele.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A entrevista teve lugar no Gabinete da Diretora do Centro, numa mesa redonda, com a Diretora do Centro e com a narradora, ambas sentadas em lugares oposto à entrevistada.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	A Diretora do Centro fazia parte da equipa de entrevistadores. Ela é uma mulher com mais de 50 anos de idade, uma pessoa de autoridade e uma alemã “branca” típica. A Diretora do Centro não acrescentou questões sobre este tópico, portanto, a narradora não fez mais perguntas. A Diretora do Centro influenciou esta situação por ser uma nativa alemã. Talvez as dinâmicas pudessem ter tido diferentes caso ela também tivesse origens num país diferente.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Em entrevistas oficiais, os alemães permanecem formais, mas estas poderão ser um pouco mais descontraídas quando a entrevista decorre numa universidade. Para a narradora, isto não era um evento formal, mas a outra pessoa poderia ter esperado uma maior formalidade. É esta diferença de perceção que justifica as questões informais feitas pela narradora.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Feliz, interessada,
curiosa

Irritada, confusa, rejeitada

Durante uma entrevista de emprego, a narradora pergunta à estudante negra entrevistada de onde ela veio. Contudo, a estudante negra não tem nenhuma reação a esta pergunta, mesmo tendo sido efetuada novamente.

ASSOCIAR A COR DA PELE À MULTICULTURALIDADE:

Os marcadores visíveis da diferença (cabelo, pele, etc.) são habitualmente indicadores de uma história multicultural. Na Alemanha, esses traços visíveis implicam, habitualmente, uma origem noutra cultura ou uma experiência de migração. Para além disso, a narradora encontra-se numa posição que reconhece e não nega a cor (“color-fair” e não “color blind”). Isto significa que para a narradora é aceitável que se observem diferenças relativamente ao tom de pele e à cor, falar delas não é um tabu.

AMEAÇA IDENTITÁRIA DA PESSOA/FORMADORA INTERCULTURAL:

A narradora poderá ter acreditado que a sua questão pudesse ser entendida como parte da sua (mútua) revelação da identidade multicultural. A recusa da estudante subverteu esta expectativa. A narradora sente-se autorizada a fazer este tipo de questões pois identifica-se a si própria como uma pessoa que também é multicultural. A narradora sempre trabalhou em equipas e contextos internacionais, nos quais esta questão não era vista como algo de extraordinário.

UMA HISTÓRIA PESSOAL MULTICULTURAL É UM RECURSO, UMA FONTE DE COMPETÊNCIAS:

Poderá ser uma fonte de contribuições positivas, especialmente numa universidade internacional. Por isso, não é uma questão inapropriado numa entrevista de emprego

PERCEÇÃO DE DIVERSIDADE, MULTICULTURALIDADE COMO VALOR:

Devido à sua herança multicultural vasta, a narradora percebe a diversidade como uma fonte de riqueza e de beleza.

INFLUÊNCIA DE UMA HISTÓRIA FAMILIAR MULTICULTURAL:

Ter tantas histórias familiares multiculturais é incomum e a narradora estava ansiosa por trabalhar com uma estudante com que pudesse partilhar a origem multicultural.

COMUNICAÇÃO DIRETA / INDIRETA:

É permitida a colocação de questões desde que estejam dentro do leque de questões cordiais. Para a narradora, a questão acerca da “origem” não é uma questão rude ou indiscreta, portanto, pode ser feita. Contudo, a sua origem multicultural não é visível à primeira vista, e por isso, a estudante negra não sabia disso. Escolher não responder a uma questão efetuada pelo potencial futuro empregador numa entrevista de emprego não é adequado. É sinal de que ficou ofendida.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Durante uma entrevista de emprego, a narradora pergunta à estudante negra entrevistada de onde ela veio. Contudo, a estudante negra não tem nenhuma reação a esta pergunta, mesmo tendo sido efetuada novamente.

IGNORÂNCIA ACERCA DA HISTÓRIA ALEMÃ NEGRA:

A História Alemã Negra não é muito conhecida pelos alemães não-negros. É por isso que estes tendem a não associar a cor de pele mais escura a pessoas alemãs, mas a pessoas de outras nacionalidades ou com contextos culturais. Ao colocar a questão “De onde és?”, estamos implicitamente a negar que as pessoas negras possam ser alemãs.

PAPEL DAS MINORIAS:

Poderiam existir muitas razões pelas quais esta questão não foi respondida. A estudante não queria revelar detalhes. Não é o papel de minorias educar os membros dos grupos majoritários. Perante tal pergunta, é uma posição legítima ignorar a pergunta e escolher não responder. Tal não deveria ser qualificado como rude.

RESPONSABILIDADE DA UNIVERSIDADE E PRINCÍPIOS DA NÃO-DISCRIMINAÇÃO:

Esta questão não deveria ser colocada durante uma entrevista de emprego.

CATEGORIZAÇÃO DO “OUTRO” BASEADA NA COR DA PELE:

O tom da pele implica uma exposição permanente a se ser objetivo de uma categorização como “o outro”. As experiências passadas de preconceito, discriminação e racismo tornam-na demasiado sensível face estas situações e, desta maneira, interpreta o racismo como uma explicação possível. O seu fenótipo (ser negra) não implica nenhuma diferença cultural, no seu caso.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Será que esta situação realça algum problema relativamente à prática profissional, ou, de um modo mais geral, sobre os desafios que os estudantes internacionais em mobilidade enfrentam ou o modo como as questões da diversidade são tratadas na universidade? É necessário fazer um grande esforço para encontrar um bom equilíbrio entre o reconhecimento da diversidade e as diferenças culturais, de forma a conceder espaço suficiente para que as pessoas se definam a si próprias.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Aprender mais acerca da História Alemã Negra pode potencialmente promover um maior entendimento sobre a diversidade em instituições de ensino superior e não só.



Incidente crítico

“ESCREVER SOBRE AS
NOSSAS PRÓPRIAS
REALIZAÇÕES”

Alemanha

“ESCREVER SOBRE AS NOSSAS PRÓPRIAS REALIZAÇÕES”

Incidente crítico relatado por uma funcionária de uma Instituição de Ensino Superior na Alemanha, registado em 2019

“Em 2018, uma estudante solicitou informações sobre uma bolsa. A estudante vinha da América do Sul e tinha estado a estudar na Alemanha por 2 anos, mas não falava Alemão. A entidade que promovia a bolsa de estudos exigia dois relatórios científicos de professores e uma declaração detalhada da candidata referente às suas realizações enquanto cientista e à sua perspetiva de carreira. Antes de submeter a candidatura é obrigatório ter uma reunião individual com o Serviço do Centro para a Igualdade e Diversidade. No seu testemunho pessoal, a jovem rapariga cientista não escreveu nada acerca da informação que era exigida. Uma vez que a sua candidatura poderia ser considerada incompleta, eu perguntei qual o motivo de ela não ter respondido àquelas questões. Ela estava a ficar extremamente nervosa e parecia-me que ela estava a pensar em não se candidatar à bolsa de estudos. Tentei traduzir a convocatória para a bolsa, que tinha apenas sido publicada em alemão. As candidaturas também só eram autorizadas em Alemão. Mas a língua não parecia ser o problema. Depois de algum tempo, ela disse que se sentia muito desconfortável ao escrever algo sobre as suas realizações enquanto cientista e sobre a perspetiva de carreira, uma vez que dois professores já tinham escrito sobre ela. Disse que tal seria considerado rude no seu país de origem. Tentei encorajá-la, dizendo-lhe que na Alemanha isso é comum e dei-lhe alguns exemplos acerca do que deveria escrever. Por fim, duas ou três semanas depois, ela enviou a sua declaração individual. Ela não recebeu a bolsa de estudos na sua primeira candidatura. A segunda candidatura teve sucesso.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é alemã. É uma mulher e mãe de duas crianças. É doutorada e tem sido conselheira na universidade ao longo de 10 anos.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa é de nacionalidade colombiana e é uma residente legal na Alemanha. É mãe de uma criança. É estudante de doutoramento e há dois anos que está na universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	As semelhanças entre a narradora e a outra pessoa são: género, maternidade, educação, estatuto legal na Alemanha e a universidade com que, de diferentes formas, ambas se relacionam. As diferenças são: o seu país de origem, a sua língua materna, o seu estatuto profissional na universidade, os anos de vivência nessa universidade e a área de estudos.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação ocorreu na universidade, mais especificamente nos Serviços do Centro para a Igualdade e Diversidade.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Não estavam outras pessoas presentes.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	O estatuto mais baixo da narradora, que é uma estudante de doutoramento, em comparação ao estatuto dos professores.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Irritada,aborrecida

Confusa

Feliz

A estudante, ao candidatar-se à bolsa, não queria preencher a informação exigida na sua declaração individual, apesar de esta ser claramente obrigatória.

COMUNICAÇÃO (DE OUTRA LÍNGUA):

Contexto de comunicação reduzida/direta. A comunicação escrita num formulário de candidatura é direta. O que é importante necessita de ser expresso de uma forma direta e explícita. Considerações relacionais são irrelevantes. O facto de a estudante ter de escrever uma declaração acerca da sua própria carreira académica não é importante ou relevante, uma vez que dois professores já tinham dado as suas contribuições por escrito. Apenas são relevantes o conteúdo e a mensagem. Isto é o que a candidatura exige.

GÉNERO:

Será esta mulher colombiana, uma mulher não emancipada? O comportamento da estudante é uma demonstração de “humildade”. Foi difícil para ela ter de explicar o seu comportamento a outra mulher com uma autoimagem completamente diferente. Dois diferentes modelos e papéis femininos: uma mulher moderna e emancipada e uma forte crença na hierarquia académica dominada por homens.

IDENTIDADE:

Individualismo: Uma perspetiva individualista implica que sejamos nós mesmos os responsáveis pelo nosso sucesso. Portanto, neste caso, é da responsabilidade da estudante, não do sistema de relações (por exemplo, dos professores). Uma autoestima elevada permite ao indivíduo falar sobre as suas competências e realizações. E era isto o que era esperado na candidatura: ser capaz de realçar as próprias competências, realizações e sucessos futuros, em vez dos seus pontos fracos, incertezas ou simplesmente a falta de conquistas. Faz parte da competição académica demonstrar-se ser uma pessoa forte e segura de si própria.

HIERARQUIA:

A estudante não se atreve a acrescentar mais nada acerca da sua qualidade académica, uma vez que dois líderes académicos poderosos, com posição muito mais alta que a estudante, já tinham escrito algo sobre ela e sobre a sua carreira académica. Ela não sente que esteja em posição para acrescentar algo e, conseqüentemente, para completar a imagem esboçada pelos professores. Seria como criticá-los.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A estudante, ao candidatar-se à bolsa, não queria preencher a informação exigida na sua declaração individual, apesar de esta ser claramente obrigatória.

HIERARQUIA E PODER (RESPEITO POR):

A estudante de doutoramento não queria ser desrespeitosa ao escrever algo sobre ela própria uma vez que dois professores já feito essa apreciação por escrito. No seu país de origem, isto seria considerado um comportamento incorreto. Por esta razão, ela optou por não responder a uma questão explícita no formulário de candidatura. Tal significa que a ansiedade em ofender os dois professores ao “corrigi-los” (ao adicionar algo de acordo com a sua perspetiva) era muito maior que a exigência de cumprimento dos requisitos nos formulários (alemães).

COMUNICAÇÃO:

Durante a conversa acerca da sua candidatura, ela finalmente referiu o seu conflito interno (“corrigir dois professores enquanto (mulher) estudante ao escrever uma declaração acerca dela própria não é permitido no seu país de origem). O facto de ela ter entendido e designado o conflito mostra que ela compreende os diferentes requisitos dos dois sistemas académicos diferentes.

GÉNERO:

Na Colômbia, é elevado o respeito por uma hierarquia académica dominada por homens e pelo poder dos académicos. Este respeito é ainda reforçado pelo facto de ela ser uma mulher. Portanto, ela tem duas desvantagens: enquanto estudante, ela tem um nível académico inferior dentro da hierarquia académica, e também é uma mulher.

IDENTIDADE:

Isto poderá estar relacionado com a sua identidade cultural. Partindo do princípio que a sua identidade cultural é caracterizada por uma abordagem coletivista marcante, adaptar-se a uma perspetiva mais individualista poderá ser um desafio. A este respeito, parece existir um grande diferença entre as tendências culturas colombianas e alemãs. A conselheira alemã pensa em termos de indivíduos, enquanto a estudante colombiana pensa em si própria enquanto parte de um sistema de relações de dependência (dependendo ela própria da vontade dos professores).

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O problema poderá ser não só as diferenças de linguagem, mas também as diferenças culturais de regras e valores. Quais são as regras dentro do sistema académico? Qual é o processo de se candidatar a algo, como te apresentas a ti própria? É permitido dizeres algo que já foi dito por uma pessoa numa posição hierárquica superior à tua? Existe o medo de dizer algo incorreto ou de se sentir envergonhada quando nos avaliamos a nós próprias numa forma positiva.

E em relação à hierarquia académica nos diferentes países? Em que medida estão as mulheres representadas em posições académicas altas? Como são as diferentes regras dos diferentes sistemas académicos (são apenas os professores que têm de atestar a qualidade do estudante/estudantes também têm de escrever algo sobre como avaliam o seu trabalho e como se avaliam a si próprios)?

O que é que os estudantes internacionais/de mobilidade necessitam de saber quando se candidatam a algo dentro do sistema académico, com o qual eles não estão familiarizados?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

No que concerne as diferentes perspetivas sobre identidade, é importante estar consciente dos impactos das diferenças entre dimensões individualistas/coletivistas.



Caso crítico

“UMA MULHER NUM
CARGO ELEVADO”

Alemanha

O caso “UMA MULHER NUM CARGO ELEVADO”

Incidente crítico relatado por uma funcionária de uma universidade na Alemanha, registado em 2019 pela JGU

“Um professor convidado entrou no meu gabinete. Ele queria informações acerca dos programas e dos currículos que tínhamos. Dei-lhe alguns materiais e expliquei-lhe quem era, o que fazíamos e quais eram as condições para fazer parte dos nossos programas. Pareceu-me que ele não escutou com muita atenção: ele olhava para baixo, para a secretária, verificava as mensagens no telemóvel, não olhava na minha cara nem nos meus olhos, organizou os seus papéis e parecia-me muito nervoso e distraído.

Era óbvio que ele não tinha prestado muita atenção, mas não consegui entender porquê.

Portanto, tentei não ficar irritada pelo comportamento dele e continuei a conversa por mais 10 minutos. No fim, perguntei se ele tinha alguma questão. Em vez de responder à minha questão, ele perguntou-me: “Quando é que o teu chefe chega?” Eu expliquei-lhe que era a responsável máxima do departamento e que o meu chefe era o presidente da universidade. “Então quero falar com ele”. Eu disse-lhe que, neste caso, tal não era possível porque eu era a pessoa responsável para as suas questões e que o próprio presidente não tinha muito tempo para falar com professores convidados acerca de questões para as quais tinha equipas e especialistas. O professor convidado levantou-se abruptamente e saiu do meu gabinete”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma mulher alemã com quarenta e muitos anos. Ela é de uma classe social alta. É doutorada e a Diretora do Centro Académico de Educação Contínua da universidade em questão.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa é um homem egípcio à volta dos cinquenta anos. Ele é pós-doutorado e, quando esta situação ocorreu, era professor convidado na universidade em questão. É de uma classe social alta e estava há um ano nesta universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: idade, educação, classe social. Têm como diferenças: nacionalidade, língua materna, género, estatuto profissional.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Situação oficial num gabinete da universidade, mais precisamente, no gabinete da Diretora do Centro. Situação oficial e normal de um professor convidado. Mesa redonda com a Diretora do Centro/narradora de um lado da mesa e a outra pessoa no lado oposto.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Não estavam presentes outras pessoas.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Durante as visitas, os Alemães mantêm-se formais, mas isso depende do contexto da universidade. Para a narradora, era uma situação formal. O facto de o visitante ser um professor convidado (pago por uma bolsa escolar da universidade anfitriã) sublinha a importância da sua função.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Irritado, inseguro

Desconfortável

Ignorada, não respeitada

Humilhada

Um professor convidado vai ao Centro Académico de Educação Contínua da universidade para pedir informações. A diretora do gabinete dá-lhe informação detalhada, mas o professor realmente não presta atenção e, finalmente, pergunta pelo seu chefe. Entretanto, de repente, vai-se embora do gabinete.

HIERARQUIA:

Na sociedade da narradora, as pessoas lutam por igualar a distribuição de poder e exigem justificações para as desigualdades geradas pelo poder. Isto significa que se evitam hierarquias. A narradora sempre se dirigiu ao professor convidado pelo seu título completo (Professor). Ele próprio não se dirigiu à narradora utilizando o seu título completo (Doutora).

IGUALDADE DE GÉNERO:

É esperado que homens e mulheres tenham os mesmos direitos. Os papéis de género estão sobrepostos. Atualmente, há muitas mulheres que estão a dirigir unidades académicas em instituições de ensino superior. Ele não teve em consideração a anfitriã feminina, mesmo apesar de ser seu convidado.

CORTESIA:

O professor convidado foi indelicado ao olhar para baixo, para a mesa, ao verificar as mensagens do seu telemóvel, ao não olhar na cara ou nos olhos da narradora e ao organizar os seus papéis. Ele parecia nervoso e distraído.

COMUNICAÇÃO DIRETA / INDIRETA:

Para a narradora, a linguagem corporal do professor convidado foi muito clara e ofensiva. É um sinal muito forte não receber uma resposta a uma pergunta direta. É uma quebra da reciprocidade que identifica um problema maior, de que algo está errado no processo de interação. É rude abandonar uma reunião de repente e sem nenhuma desculpa.

AMEAÇA IDENTITÁRIA:

A narradora sentiu-se ofendida, desrespeitada e não levada a sério no seu papel de diretora de um serviço da universidade.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Um professor convidado vai ao Centro Académico de Educação Contínua da universidade para pedir informações. A diretora do gabinete dá-lhe informação detalhada, mas o professor realmente não presta atenção e, finalmente, pergunta pelo seu chefe. Entretanto, de repente, vai-se embora do gabinete.

HIERARQUIA – PODER SUPERIOR DISTANTE À SOCIEDADE:

As pessoas que, na sociedade, exibem um grande grau de distanciamento ao poder aceitam a ordem hierárquica de que cada pessoa tem um lugar e, por isto, não há necessidade de justificações adicionais. Na imaginação do professor convidado, poderá não ser usual o facto de uma mulher liderar sozinha uma unidade tão importante como esta, sem ter um chefe (homem). Ele assumiu que parte da sua receção apropriada e correta deveria ter sido efetuada por um chefe homem ao recebê-lo enquanto professor convidado do sexo masculino.

COMUNICAÇÃO / INDIRETA:

Para mostrar o seu desgrado, o professor enviou sinais corporais claros que indicavam que ele ignorou as informações dadas pela narradora.

SOCIEDADE MASCULINA:

Diferenciação superior baseada no género. Os homens precisam de ser assertivos, inflexíveis e orientados para os factos materiais, enquanto as mulheres necessitam de ser modestas e sensíveis (nenhuma posição de liderança nos setores profissionais).

VERIFICAÇÃO DA INFORMAÇÃO:

Muito provavelmente, ele estava à espera de uma verificação da informação dada por parte de alguém masculino, e.g., uma pessoa bem informada e de confiança.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Género/Sexo: Como é que as outras nacionalidades lidam com géneros diferentes? É um tópico tabu? Será possível explicar a uma pessoa estrangeira que, na Alemanha, homens e mulheres são iguais?

Comportamento comum: Que outros papéis de interação e de cordialidade são comuns em diferentes nacionalidades?

Que outros papéis, dentro das escolhas familiares/profissionais são comuns nas diferentes nacionalidades?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Hierarquia: Futuramente, aquando da comunicação via email, talvez ajude atestar claramente que a diretora do departamento é uma mulher. Assim tornar-se-á claro, desde o início, que ela é uma líder feminina (escrever Senhora Doutora XXX XXX), especialmente porque, de uma perspetiva não alemã, o seu primeiro nome não a reconhece como sendo alguém do sexo feminino. Poderia ser anexada uma fotografia quando se enviasse um email. O Gabinete Internacional poderia também apresentar uma brochura com informação básica sobre os Diretores das unidades (homens e mulheres).



Incidente crítico

“DEMASIADAS
CORREÇÕES”

(ponto de vista da
professora)

Alemanha

“DEMASIADAS CORREÇÕES (ponto de vista da professora)”

Incidente crítico relatado por uma professora de uma universidade na Alemanha, registado em 2019 pela JGU

“Eu sou a diretora do Departamento de Alemão enquanto Língua Estrangeira/Segunda Língua, dou aulas em diferentes cursos na Universidade de Mainz. Uma estudante dos Estados Unidos da América entregou um relatório no seu seminário final. Eu considero-a uma excelente aluna, com a possibilidade de fazer um exame final perfeito para a obtenção do seu grau de Mestre. Habitualmente, os relatórios dos seminários finais são entregues, avaliados, e é apenas isso. Ora, os relatórios académicos, na Alemanha, são muito especiais e pensei que poderia ajudá-la ao torná-lo num relatório “perfeito” do seminário e, nas minhas correções digitais, utilizei o sistema de correção do word. Devolvi o relatório por email e sugeri que nos encontrássemos para discutir o relatório. Contudo, não mencionei que o conteúdo em si estava muito bom e era suficiente para terminar o curso. Antes da reunião de orientação, ela frequentou uma outra aula minha e estava-se a comportar de uma forma algo diferente (não se ria, não sorria e não mantinha o contacto visual). Tivemos a reunião de orientação e em vez estar agradecida, o que eu esperava, ela estava – eu acredito – zangada, frustrada e profundamente afetada pela minha “ajuda”. Acredito que tenhamos conseguido suavizar o desentendimento.

Estou habituada a trabalhar com estudantes internacionais e um dos objetivos explícitos da Universidade é atrair os estudantes internacionais, criando aos outros uma cultura de boas vindas”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é alemã/japonesa. É uma mulher com cerca de cinquenta anos de idade. Ela pertence à classe social média. Ela é doutorada e trabalha na universidade há 30 anos. É professora auxiliar e diretora do departamento de Alemão enquanto língua estrangeira.
OUTRA PESSOA	Aquando desta situação, a estudante tem à volta de 26 anos. Ela é dos EUA. Vive na Alemanha e tem um visto de estudante. A sua língua materna é o Inglês. Na altura deste caso, ela é, por 3 semestres, uma estudante de mestrado no departamento de Alemão enquanto língua estrangeira.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: o género e a universidade à qual estão ambas relacionadas. As diferenças entre elas são: idades, países de origem, língua materna, estatuto profissional na universidade, os anos passados na universidade em questão.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação ocorreu numa universidade alemã.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Não estavam outras pessoas presentes.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Envergonhada

Confusa, surpresa

A professora recebeu o relatório de um seminário de uma estudante e devolveu-o com muitas correções, o que fez com que a estudante ficasse zangada.

COMUNICAÇÃO DIRETA:

Os comentários da professora foram diretos e escritos em formato de revisão no documento da estudante. O foco estava no conteúdo. A comunicação não incluía qualquer conversa de circunstância ou sequer uma pequena indicação à estudante de que o relatório já estava realmente bom e que os comentários seriam para o melhorar para um nível ainda superior.

IDENTIDADE / MISSÃO DA PROFESSORA:

A professora entende que é missão do professor identificar os bons estudantes, orientá-los para o sucesso e fazer-lhes comentários para que eles possam progredir ainda mais.

HIERARQUIA:

Os professores existem para apoiar os estudantes. Eles não os ajudam se não lhes fizerem comentários extensivos e diretos. Os estudantes não precisam, necessariamente, que os comentários sejam “enquadrados” num formato amigável que os faça parecer menos duros. Para além disso, os professores não têm tempo para tal.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A professora recebeu o relatório de um seminário de uma estudante e devolveu-o com muitas correções, o que fez com que a estudante ficasse zangada.

IDENTIDADE / MISSÃO DA PROFESSORA:

Os professores deveriam focar-se nos seus estudantes, no seu bem-estar e no seu desenvolvimento. A “missão do professor” deveria ser a de um guia, uma fonte de apoio para os estudantes, com o objetivo de motivar, ajudar a ultrapassar as dificuldades, em vez de as criar. Isto significa que os comentários teriam de ser efetuados de uma forma clara e motivadora.

FALHA NA COMUNICAÇÃO:

Antes dos comentários terem sido efetuados houve uma clara falta de comunicação entre a professora e a estudante. A professora viu um relatório muito bom. Ela pensou que o relatório apenas necessitava de alguns ajustes para se tornar um relatório perfeito. Contudo, a estudante pensou que nada estava bom.

HIERARQUIA:

Os professores têm de ter tempo para tecerem comentários construtivos, de forma a motivarem os estudantes. Eles sempre tiveram consciência de que o facto de tecerem comentários pudesse ser mal compreendido. É suposto que eles sejam orientadores dos estudantes.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Como é que se dá e recebem comentários construtivos? Como é que escrevemos um relatório ao longo de um seminário, como é a cultura de comentários construtivos (implícitos/ explícitos, orais, face a face ou escritos), como é que comunicamos? Precisaremos de mais aulas de introdução sobre diferentes países para os estudantes ou de como trabalhar de forma científica?

Como é entendida a hierarquia nos diferentes mundos/países académicos? Qual é o papel do professor e quais são os papéis dos estudantes? Como é que eles se relacionam? O que é que os estudantes internacionais/de mobilidade necessitam, para serem capazes de estudar bem, quando chegam a um novo país?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Aumentar a conscientização das equipas e dos estudantes perante as diferentes culturas que existem no mundo do Ensino Superior. Os comentários deveriam ter sido entregues com reforços positivos desde o início do documento. Em determinados contextos culturais, dar uma ajuda extra ao dar um comentário extra mostra que alguém acredita que o estudante é um estudante muito bom. Nesta cultura, se nós pessoalmente não gostamos de alguém, não pensaríamos em fazer comentários adicionais.



Incidente Crítico

“Demasiadas
Correções (ponto de
vista da aluna”

Paris

DEMASIADAS CORREÇÕES

(ponto de vista da aluna)

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional na Alemanha, registado em 2019 pela JGU

"Eu era aluna de mestrado no meu 3º semestre no programa de alemão como língua estrangeira / segunda língua na Alemanha. O incidente envolveu duas partes - uma com a professora A e outra com a professora B.

Depois de entregar o meu trabalho final, recebi um e-mail da professora A dizendo-me que este trabalho era uma ótima oportunidade para praticar a minha escrita académica e que anexava algumas correções. O meu choque inicial (um e-mail deste tipo é geralmente reservado para alunos reprovados) foi então confirmado quando abri o documento e vi as correções: grandes seções da introdução riscadas com alguns comentários ao lado. Pareceu-me um e-mail a sugerir que reescrevesse o artigo inteiro. Isso preocupou-me bastante, porque até ao momento eu tinha recebido apenas uma classificação, que era exatamente dessa professora A, com uma nota que indicava que eu precisava de trabalhar na minha escrita académica. Por esse motivo, eu já havia me encontrado com a professora A e achei que a reunião não tinha sido útil.

No dia seguinte, vi a professora A depois da aula. Afirmei que não tinha certeza quais eram os pontos fracos da minha escrita e que me sentia sobrecarregada com a perspectiva de ter de reescrever todo o trabalho novamente, numa altura em que o excesso da carga de trabalho já tinha um impacto perceptível na minha saúde física e mental. A professora A explicou que a sua intenção era ajudar-me. Ela sentiu que a excelência manifesta no meu desempenho em aula não se refletia no meu trabalho escrito. Ela explicou que esta era uma oportunidade para eu melhorar, referiu que se eu efetuasse uma simples revisão teria uma nota mais baixa. Ela afirmou ainda que, se eu desejasse, ela também poderia apenas atribuir uma nota ao trabalho atual. Eu senti que ela não tinha as ferramentas adequadas para me ajudar a melhorar a escrita académica - eu precisaria de sugestões concretas: uma lista de vocabulário, um guião de estilo ou, pelo menos, correções mais concretas. Senti-me bastante frustrada. Mais tarde, no mesmo dia, falei com a professora B depois da aula dela. Analisámos o texto e ela fez sugestões, enquanto me assegurava que as correções necessárias eram mais "cosméticas" (de forma) do que outra coisa. Depois dessa reunião senti-me menos pressionada, fui para casa e revi o resto do trabalho naquela noite.

Encontrei a professora A no dia seguinte e entreguei-lhe a versão revista do texto. Pedi-lhe desculpa pelo meu comportamento do dia anterior e agradeci. A professora A também me pediu desculpas e disse que as minhas correções melhoraram significativamente o artigo. Ela sugeriu pequenas alterações na versão revista, enfatizando que eu não precisava necessariamente de as considerar. Concordei com as mudanças, fiz as revisões necessárias e entreguei a versão final do artigo mais tarde, naquele mesmo dia."

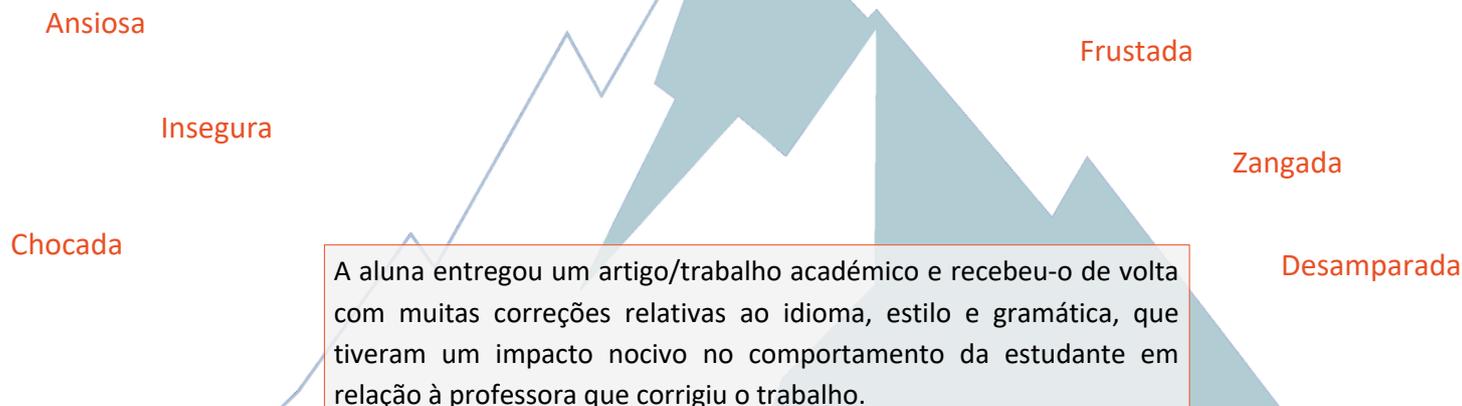
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora tem cerca de 26 anos. É dos EUA. Atualmente, mora na Alemanha e possui um visto de estudante. A sua língua nativa é o inglês. No momento do incidente, ela é uma estudante de mestrado de alemão como língua estrangeira, por três semestres.
OUTRA PESSOA	A professora é alemã/japonesa. É uma mulher com cerca de 50 anos de idade. Pertence à classe social média. É doutorada e trabalha na universidade de Mainz há 30 anos. É professora assistente e chefe do departamento de alemão como língua estrangeira.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças o género e a universidade com a qual estão relacionadas. As diferenças são: idade, país de origem, idioma nativo, status profissional na universidade, anos de permanência na universidade em questão.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação aconteceu numa universidade alemã.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	A professora B não estava presente durante a conversa com a professora A, mas foi uma conselheira importante no desenrolar da situação.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Mais tarde, no mesmo dia, a aluna conversou com a professora B sobre o seu texto. Ela deu dicas concretas. O facto de ela se sentar com a narradora e ler o artigo foi o que realmente fez a diferença. Ela garantiu que o trabalho tinha qualidade, mostrou as áreas menos fortes da sua escrita, trabalhou-as com a estudante e deu-lhe orientações.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



A aluna entregou um artigo/trabalho académico e recebeu-o de volta com muitas correções relativas ao idioma, estilo e gramática, que tiveram um impacto nocivo no comportamento da estudante em relação à professora que corrigiu o trabalho.

COMUNICAÇÃO / FACEWORK:

A comunicação oral em vez de um longo feedback por e-mail poderia ter evitado o mal-entendido. A aluna saberia que o artigo é bom e que todas as correções foram feitas apenas para melhorar o texto e ajudá-la a obter uma nota ainda mais alta. A professora A forneceu um feedback crítico, o que pode ser um ato ameaçador. A professora A usou estratégias de feedback com as quais a narradora não estava familiarizada. Transmitiu o feedback de uma maneira indelicada. O feedback positivo foi comunicado de forma muito implícita.

SÍNDROME DO IMPOSTOR: Pode acontecer que estudantes estrangeiros com boas notas se sintam como "impostores" quando obtêm notas mais altas do que os nativos, especialmente se eles acham que têm competências linguísticas mais baixas, pensando "é impossível eu acompanhar os falantes nativos". Sendo avaliada apenas pelas suas competências gramaticais, todos os seus medos se tornaram realidade e ela ficou muito ansiosa com os resultados do final do ano.

IDENTIDADE: A autoconfiança académica da estudante internacional não está bem estabelecida; portanto, a identidade como investigadora é facilmente questionada; ansiedade em relação à carreira científica. Parece confirmar muitos medos subjacentes que muitos estudantes estrangeiros costumam sentir - algo como a síndrome do impostor: "o meu alemão não é bom o suficiente / a minha escrita está repleta de erros flagrantes", "não há como eu conseguir acompanhar falantes nativos", "é evidente que não pertenço a este local devido às minhas competências linguísticas", etc.

SAÚDE FÍSICA E MENTAL: A maior parte dos estudantes internacionais encontram-se sozinhos no país estrangeiro, sem o seu sistema de apoio (família, amigos). Escrever num idioma não nativo pode ser uma tarefa muito longa, difícil e stressante, e o trabalho universitário pode acrescentar ansiedade a um modo de vida que já será mais stressante do que o de um local (lidar com o cartão VISA, morar sozinho pela primeira vez, sem conhecer a cidade, sem ter muitos amigos, etc). Os professores devem estar cientes disso, sem tratar os estudantes internacionais e nacionais de forma diferente.

HIERARQUIA: Críticas extensivas de um professor podem ser um julgamento destrutivo para o estudante.

TEXTOS NÃO NATIVOS (TRATADOS COMO NATIVOS): ao receber muitas correções na gramática e não focar no conteúdo, o narrador sente que está apenas a ser corrigido e não é recompensado por todo o esforço que fez, considerando que escreveu o artigo numa língua estrangeira. Esse pode ser um problema muito comum para estudantes internacionais, especialmente quando eles precisam de escrever num idioma totalmente diferente. A narradora explicou as emoções e os sentimentos que podem ocorrer quando um professor julga duramente as suas competências gramaticais e quando a trata da mesma forma que trata um estudante nativo.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A aluna entregou um artigo/trabalho académico e recebeu-o de volta com muitas correções relativas ao idioma, estilo e gramática, que tiveram um impacto nocivo no comportamento da estudante em relação à professora que corrigiu o trabalho.

COMUNICAÇÃO: Na Alemanha, as pessoas dão feedbacks muito longos e rigorosos. Não "desperdiçam" o seu tempo começando pelas coisas positivas. Começam diretamente com as coisas que podem ou devem ser melhoradas. Mas seria mais útil dar feedback sobre o conteúdo primeiro e reservar críticas à linguagem e ao estilo para depois. A forma da escrita científica é muito diferente e a professora acha importante trabalhar com precisão. Poderia, no entanto, ser importante recordar as dificuldades com que os estudantes internacionais se deparam a escrever numa língua estrangeira, e que é muito difícil dominar a língua alemã ou falar a um nível muito elevado.

IDENTIDADE: O autoconhecimento do papel de professor. Como ensinar os alunos (como iguais, levá-los a sério) e como dar feedback. Investir muito tempo e trabalhar nas correções dos artigos deve ser útil e não totalmente desencorajador. A professora passa muito tempo nas correções e quer apoiar os estudantes a melhorar a sua qualidade de escrita, especialmente quando sabe que já estão a ser bons alunos e que, com alguma ajuda, poderiam fazer ainda melhor.

Hierarquia: A Professora quer comunicar de forma frontal. A estudante não está habituada a isso e interpreta mal o feedback e as correções, ficando a pensar que o trabalho é um fracasso total. Os professores devem estar cientes das diferenças de interação social e tentar encontrar a melhor maneira de lidar com os problemas dos estudantes internacionais (interação presencial, após as aulas, no gabinete, etc...)

CORREÇÃO E VALORIZAÇÃO DO CONHECIMENTO: Para os estudantes internacionais, por vezes é difícil ser recompensado pelos muitos marcos que alcançam. Se as correções são necessárias e exigidas no contexto do Ensino Superior, poderá ser útil adicionar uma nota que sublinhe o progresso alcançado pelos estudantes internacionais ou ser mais específico na correção (especificando por que razão as correções foram feitas, explicando as regras da escrita académica, dizendo que o trabalho é suficiente para aprovação e que o estilo académico é excelente).

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Apoio Internacional aos Estudantes: Como se pode apoiar e acolher os estudantes internacionais e de intercâmbio quando chegam a um novo país e a uma nova universidade, com uma cultura académica diferente? Muitas vezes, os alunos sentem-se inseguros, às vezes assustados, não sabem com quem podem falar, sentem-se sós e sobrecarregados com muitas tarefas diferentes.

Comunicação: Entre professores e alunos há uma relação hierárquica. Os alunos dependem dos seus professores. É importante tentar evitar mal-entendidos.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Apoio Internacional ao Estudante: Seria importante ter embaixadores/assistentes de estudantes de diferentes países e continentes, que estejam presentes nos dias de boas-vindas, e mesmo antes, quando se candidatam a uma instituição de ensino superior.

Comunicação: Entre o professor e o estudante internacional as regras de comunicação e feedback têm de ser claras e compreensíveis para todos. Talvez possam ser clarificadas no início da sua relação, no primeiro dia de aulas, e, se possível, em colaboração entre alunos e professores.



Incidente Crítico

“MULHER SILENCIOSA”

Alemanha

O incidente “MULHER SILENCIOSA”

Incidente crítico relatado por uma funcionária de uma Instituição de Ensino Superior na Alemanha, registado em 2019

“O Centro de Serviços Familiares oferece serviços de aconselhamento para os pais, combina todos os serviços disponíveis nesta área, atua como um ponto central de contacto para estudantes e empregadores que estejam à procura de informação e ajuda-os nos seus estudos/carreira e assuntos relacionados com a família.

Durante o horário aberto de consultas, um casal chegou para uma consulta, não tendo tinham agendado antecipadamente uma hora com o Centro de Serviços Familiares. Nesta altura, não sabia o nome do casal. Cada um deles apresentou-se a si próprio. O homem explicou que a sua mulher tinha começado a estudar na universidade e que ele estava a trabalhar noutro sítio fora do campus. O casal tinha, obviamente, um contexto intercultural/internacional uma vez que a sua pele era um pouco mais escura, falavam com um sotaque forte e ela usava um lenço na cabeça. Ninguém disse nada durante alguns segundos. Para além disso, depois de uma pequena pausa, ele começou a falar comigo. Ele perguntou por jardins de infância para os seus filhos mais novos (nesta altura tinham 3 filhos). Perguntei as idades das crianças e quais as suas escolas ou jardins de infância no momento. Para além disto, depois do marido responder às minhas questões, dirigi-me diretamente à mulher e perguntei qual era o seu tema de estudos na universidade e pedi-lhe mais detalhes acerca do seu horário. Mas, uma vez mais, era apenas o homem que falava comigo e que me dava todas as respostas. Disse-me que ela tinha começado a estudar farmácia. O casal não interagiu um com o outro, nem de forma verbal nem não verbal. Portanto, não consegui perceber se algum deles se sentia desconfortável com esta situação.

Para mim, esta foi uma situação muito frustrante porque queria saber mais sobre ela e ajudá-la a conciliar a vida de estudante com os deveres familiares, de forma a que fosse compatível, porque não é fácil cuidar de crianças enquanto se estuda ao mesmo tempo. No final da nossa reunião, pedi-lhes os nomes e endereços de email (para manter o contacto). Mais uma vez, apenas o homem reagiu, escrevendo apenas o seu nome e o seu endereço de email.

Depois de eles saírem, fiquei a pensar no que teria acontecido e se teria havido um conflito entre o casal. Será que a mulher fez algo que o marido não concordava? Porque é que ele era o único que respondia às minhas questões? Porque é que ela não respondia às minhas questões? No início da conversa, eu referi que poderíamos falar em Inglês ou em francês. O homem recusou respeitosamente, dizendo que a sua mulher entendia alemão. Tentei fazer com que a sessão fosse o mais agradável possível. Ocorreu num pequeno gabinete com uma mesa de reuniões e havia café/água/chá, etc”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DA IDENTIDADE DO NARRADOR E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR	Aquando a situação, a narradora é uma mulher de 37 anos de idade e é alemã. Ela tem estado a trabalhar na universidade há cerca de 15 anos e atualmente ela é responsável pelo departamento de desenvolvimento pessoal do Centro de Serviços Familiares.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa é um homem marroquino com, aproximadamente, 30 anos de idade, que não tem estatuto de estudante na universidade em questão.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: as suas idades e o facto de eles não terem estatuto de estudante. Têm como diferenças: as suas nacionalidades, o género, estatuto profissional, a sua cor de pele

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Era uma situação oficial de aconselhamento num gabinete universitário.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Existia também a esposa da pessoa na origem da situação. Ela era estudante na faculdade de farmácia da mesma universidade. Ela não falava, mesmo sendo a estudante inscrita na universidade, e mesmo quando a narradora falou diretamente para ela, foi o seu marido que respondeu.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Situação formal de aconselhamento, numa estrutura “segura”.

Irritada, incomodada

Um casal dirigiu-se ao Centro de Serviços Familiares da JGU para receber aconselhamento acerca dos locais dos jardins de infância para um dos seus filhos visto que a esposa tinha o estatuto de estudante. Quando a narradora colocou perguntas aos dois, apenas o homem respondeu.

Curiosa, reflexiva

GÉNERO – IGUALDADE ENTRE HOMEM E MULHER: Na perceção da narradora, igualdade significa que quer os homens quer as mulheres têm direitos iguais. Isto significa que não existe hierarquia quando se está a ter uma conversa. Qualquer pessoa poderá expressar a sua opinião pessoal, os seus pareceres e poderá contribuir para a conversação com outros. Para a narradora, a visão de uma mulher emancipada tem de ser caracterizada por igualdade. Ela tem os mesmos direitos que os homens têm. Ela não se deve reduzir a determinadas regras antigas (mãe, esposa, filha, dona de casa), mas ela é livre e poderá escolher o seu estilo de vida.

INDIVIDUALISMO: A narradora acha estranho que a mulher não tenha ido ter com ela sozinha, o que reflete uma expectativa individualista..

COMUNICAÇÃO: A forma de comunicação preferencial da narradora é a forma direta, a comunicação verbal. O problema é a não comunicação da esposa. A expectativa é que todos os que estão presentes numa reunião falem uns com os outros. Também é esperado que todos sejam iguais em relação ao nível de participação na comunicação. A narradora é demasiado cuidadosa ao colocar a questão a ambos: “Qual é a tua opinião?”, evitando dirigir-se diretamente à mulher estudante, e levar a comunicação a um meta-nível ao perguntar: “Porque é que tu própria não respondes às minhas questões? Porquê?” Porque ela não queria correr o risco de ver a situação escalar. Nem para ela, nem para a mulher estudante.

HIERARQUIA: Todos os esforços que na narradora faz para quebrar o gelo entre ela e a pessoa mais importante (mulher estudante) foram ignorados/rejeitados quer pelo marido quer pela esposa. Talvez o casal soubesse que não dependiam da narradora. A narradora não está em posição de decidir se alguém terá acesso a um bom jardim de infância ou não.

RECIPROCIDADE: A narradora esperava que a esposa, e não o marido, respondesse às questões que lhe foram dirigidas. As sociedades modernas ocidentais tendem a favorecer a reciprocidade imediata. As boas vindas são habitualmente respondidas pelo outro, uma iniciativa de interação produz uma reação por parte do outro. Quando a narradora faz uma pergunta e a esposa não a responde, vai contra as regras de comunicação e é interpretado como um sinal de desequilíbrio, de comportamento fora do normal; nós não estamos habituados a isso.

Um casal dirigiu-se ao Centro de Serviços Familiares da JGU para receber aconselhamento acerca dos locais dos jardins de infância para um dos seus filhos visto que a esposa tinha o estatuto de estudante. Quando a narradora colocou perguntas aos dois, apenas o homem respondeu.

PAPÉIS DE GÉNERO: As mulheres são menos importantes que os homens, as mulheres dependem dos homens. As mulheres têm de fazer o que os maridos mandam. Elas não são livres. Elas têm de obedecer. Elas têm de se cingir às regras tradicionais.

HIERARQUIA: O marido era condutor em part-time e a sua mulher ficava em casa com os filhos. A mulher já tinha estudado no seu país de origem (não sabemos se ela se licenciou) e decidiu continuar os seus estudos na Alemanha. Parece que a dificuldade era a de a) a mulher iria deixar de ficar em casa com os filhos e b) ela começava a estudar enquanto ele fazia entregas em pequenas quantidades.

COMUNICAÇÃO: Se um homem (marido) está presente e fala, não há necessidade/permissão para a mulher falar.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODEREMOS ESBOÇAR FACE AO ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS E AO TRATAMENTO DE DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Temos de aceitar e entender que a nossa definição de liberdade e igualdade é diferente da de outras pessoas. Talvez o relacionamento de um casal não seja o que parece ser quando eles se apresentam em público. Talvez a mulher esteja feliz com a sua vida e a oportunidade de estudar na Alemanha, na nossa perspetiva, seja vista como um pequeno passo. Não existia violência nesta situação, não havia choro, nenhum sinal claro de existir desconforto por parte da mulher.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Existe uma barreira que não devemos atravessar: Julgar o comportamento de um homem /casal por um comportamento que não entendemos. Temos de ser cuidadosos antes de julgar indevidamente alguém em determinada situação, com base na nossa perspetiva ocidental. Aprender mais sobre outras culturas e sobre comunicar nestes casos. Como poderemos melhorar a situação? Talvez entendê-la em primeiro lugar?



Incidente crítico “Piadas sobre o Holocausto” Alemanha

“Piadas sobre o Holocausto”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional alemão nos Estados Unidos, registado em 2019 por JGU

“Durante a minha experiência como monitor numa faculdade nos Estados Unidos da América, encontrei muitos estudantes internacionais com quem passava bastante tempo. Um dia, enquanto estávamos a almoçar com um casal também internacional e amigos norte-americanos, a nossa conversa virou-se para o tópico da II Guerra Mundial e Hitler – como frequentemente acontecia. Eu senti que isso é algo de que as pessoas gostam de falar quando os alemães estão presentes. Eu não me importo de falar sobre estes tópicos na medida em que é importante recordar essa parte da história da Alemanha e geralmente não me sinto pessoalmente atacado ou ofendido quando as pessoas apontam as atrocidades no Holocausto que foram cometidas pela Alemanha Nazi. Contudo, durante a nossa conversa, um estudante arménio e um estudante francês começaram a fazer a saudação de Hitler “brincando” para ver como é que eu iria reagir, enquanto também me perguntavam se eu já tinha satisfeito a minha “quota diária de queimar Judeus” para aquele dia. Eu disse-lhes que piadas como essas eram de mau gosto e que não era realmente respeitoso falar sobre vítimas do Holocausto desse modo. Não foi a primeira vez disseram algo como aquilo (o estudante francês regularmente começava a farejar quando entrava em minha casa para me dizer que cheirava a Judeu queimado), portanto eu fiquei realmente zangado quando eles disseram que não é nada demais e que eu deveria apenas acalmar-me e ultrapassar isso e deixar para lá. Eu levantei-me e saí sem dizer nada mais – não voltei a estar com eles até ao fim do semestre”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA QUE ESTÁ NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, o narrador tem 22 anos de idade e é um homem alemão cuja língua nativa é o alemão. É estudante e monitor que está na universidade em questão pelo período de 1 ano.
OUTRA PESSOA	As outras duas pessoas são respetivamente de nacionalidade arménia e francesa. Têm 20 e 21 anos de idade. São ambos homens. Eles são ambos estudantes. O homem francês tem estado na universidade pelo período de 1 ano, enquanto que o arménio por 2 anos.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: o seu género, a sua idade, o seu estatuto de estudantes e o tempo passado na universidade em questão. Têm como diferenças: a sua nacionalidade e a sua língua materna.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Situação informal: almoçar juntos como um grupo de jovens estudantes; local físico: a cantina.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estavam 4 outras pessoas, 1 americano, 2 espanhóis e 1 nativo da Gronelândia. Não estava nenhum outro alemão presente. Eles não reagiram a estes comentários.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Tem havido situações similares nas alturas em que o rapaz francês e o rapaz arménio estavam de visita ao narrador no seu apartamento.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Raiva, Farto, Curioso

Desconsideração

Enquanto estavam na cantina da universidade, uma discussão inicia-se entre dois estudantes e o narrador; a conversa sobre Hitler, Judeus e II Guerra Mundial começou nos comentários que foram feitos em relação à pessoa alemã (narrador).

Ameaçando a identidade nacional:

Os alemães são críticos sobre a sua recente história e especialmente sobre Hitler. Há um forte sentimento de vergonha relativamente a este capítulo da história e parece que os alemães são indelevelmente associados com esta parte da sua história. É um fardo que faz com que seja difícil falar sobre isto com neutralidade. Piadas com não alemães são um assunto tabu.

Respeito para com as vítimas:

Piadas sobre o Holocausto são de mau gosto. É desrespeitador falar sobre as vítimas do Holocausto desse modo. Piadas antisemitas não são toleráveis.

Comunicação direta / indireta:

O narrador já havia enviado sinais claros de que “demais é demais”. Para ele, a comunicação não foi politicamente correta.

Assuntos politicamente corretos:

Parece que existem alguns assuntos tabu que o são, apenas para uma identidade nacional específica, particularmente relacionados com os eventos históricos do passado. Isto é claramente um assunto muito suscetível e que pode provocar uma reação muito forte se não for tratada de forma respeitosa.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Enquanto estavam na cantina da universidade, uma discussão inicia-se entre dois estudantes e o narrador; a conversa sobre Hitler, Judeus e II Guerra Mundial começou nos comentários que foram feitos em relação à pessoa alemã (narrador).

Assuntos politicamente corretos:

Há diferentes “linhas vermelhas” ou tabus em diferentes países e para diferentes indivíduos. Para os participantes não-alemães na conversa este assunto permite diferentes tipos de piadas, e isso é algo de que se podem rir. A perceção do assunto claramente não é a mesma para o narrador: não é um assunto engraçado sobre o qual se possa fazer piadas, isso é totalmente desrespeitador a partir da perspectiva do narrador alemão.

Cultura e interiorização de humor racista:

Os franceses têm um tipo diferente de humor negro, mesmo entre os mais jovens. Piadas antisemitas estão bastante espalhadas e são o símbolo de um humor específico, propagado por Pierre Desproges ou Dieudonné. Esta forma de fazer graça com quase tudo e todos, sem sequer se dar conta de quão difícil pode ser para uma pessoa alemã, faz com que seja muito difícil estabelecer uma boa relação.

Respeito por outros momentos críticos da História:

Os estudantes não têm respeito por tópicos potencialmente críticos respeitantes às origens históricas de outras nações. Foi uma situação desconfortável, mas não teve consequências visíveis para a popularidade do narrador.

Fronteiras de comunicação:

O que é educado e o que é provocador pode precisar de ser especificado e explicado quando se encontra alguém que faz este tipo de piadas de “humor negro”.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

SOLUÇÕES POSSÍVEIS

Antes de fazer piadas com os outros: Pense sobre possíveis tabus que existem e que tópicos críticos e aspetos das diferentes culturas existem na história da nação. A linguagem corporal pode frequentemente ser reveladora em situações ofensivas. Se escutarmos com atenção também podemos ler/ouvir entre as linhas.



Incidente Crítico

“Sentar no chão”

Paris

“Sentar no chão”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Paris, registado em 2019 pelo Élan Interculturel

Aconteceu nos primeiros dias em que estava a estudar em França. Eu entrei na aula de teatro, que era num anfiteatro – chamado anfiteatro 4. O professor já lá estava, sentado numa cadeira no meio do palco. No início, estávamos todos sentados nas cadeiras em círculo, quando, de repente, uma aluna (Fanny) decidiu deitar-se e ouvir o professor deitada no chão. O professor não se aborreceu, ou pelo menos não deu sinal disso. Pouco depois, os outros seguiram-na, deitando-se no chão ou sentando-se livremente no espaço em frente ao professor, que continuou sentado na sua cadeira.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente a narradora tem 24 anos e é oriunda da Rússia. Ele já se encontrava em França há ano e meio, como estudante de mestrado em teatro.
OUTRA PESSOA	Professor de 60 anos de idade, a trabalhar na universidade há 20 anos. Ele é francês e heterossexual.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: integram a mesma aula de teatro, na universidade. Diferenças: o país de origem, o seu estatuto (imigrante-nativo e estudante-professor) e a sua idade.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Contexto universitário. O anfiteatro com o palco e a plateia, o espaço não-formal onde decorria a aula. A aula universitária era um mestrado em teatro.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Grupo de estudantes da sua turma (aproximadamente 20 pessoas) e o professor.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Faculdades de Belas Artes e de Artes Performativas têm a reputação de serem mais “não conformistas”, menos ligadas às formas de dar aulas de outros departamentos.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Envergonhada

Intimidada

Chocada

Zangada

Decepcionada

Enquanto ouve o professor, uma estudante decide deitar-se no chão e o professor não reage.

Aprendizagem acontece quando o corpo está imóvel: para que exista aprendizagem não há necessidade de movimento, o corpo deve estar imóvel para permitir que a mente se foque.

Comunicação não-verbal de respeito: Respeito é expresso através da repressão de um movimento disruptivo. “Deitar no chão” é claramente uma comunicação de confronto com a autoridade, logo um sinal de desafio.

Autoridade equivale a disciplina: autoridade só existe quando há disciplina, não há outra forma para ter estatuto e poder.

Autoridade é importante para a aprendizagem: se não houver manifestação de autoridade, isto significa que o professor não merece essa autoridade. Logo, isso significa que não há conhecimento, logo não há aprendizagem possível. Ela sentiu uma grande falta de autoridade, que está diretamente relacionada com a ideia de conhecimento, uma falta de autoridade que pode ser traduzida numa falta de aprendizagem.

Quebrar o cenário expectado: Vivenciamos cada situação com um “cenário expectado” que não é necessariamente consciente, mas que se traduz em expectativas concretas sobre a coreografia corporal de como a situação vai acontecer. Se nessas expectativas existe alguma margem de liberdade, também existem tabus, limites inultrapassáveis. Quando estes são ultrapassados, o implícito ou não-consciente torna-se repentinamente foco de consciência e cria uma sensação de quebra, de perda do quadro de referência.

Uma ideia diferente do uso do espaço na universidade: No ambiente universitário russo, não é possível comportar-se desta forma (deitar-se, sentar no chão livremente) em frente ao professor que está a dar aula. Temos de respeitar os códigos, não estar ao mesmo nível que o professor, não perturbar o professor com os nossos movimentos, os nossos comportamentos. Deitarmo-nos em frente ao professor é uma falta de respeito, falta de atenção e de concentração. Demonstra que o que está a acontecer não tem importância, particularmente o que o professor está a dizer.

Consciência da separação dos outros: Nesta situação, em que para o narrador a postura de deitar-se pertence ao espaço informal e não deveria ser tolerada no espaço formal da universidade, onde disciplina e autoridade são elementos críticos, quebrar o cenário expectado cria uma disrupção muito intensa. Ao mesmo tempo, também é uma disrupção entre ela e os colegas, pois ela percebe que não pertence a este grupo que acompanha esta coreografia; ela pertence a outro.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Enquanto ouve o professor, uma estudante decide deitar-se no chão e o professor não reage.

Aprendizagem como ação incorporada: como professor de teatro, ele pode acreditar que a aprendizagem é uma prática incorporada, pode não acreditar que a disciplina e a imobilização do corpo são necessárias para a concentração. Pelo contrário, o professor pode acreditar que o movimento e o ajustamento corporal podem contribuir para o processo de aprendizagem.

Encorajar a estar presente através do corpo, encorajar o uso criativo do espaço: como especialistas em teatro, ele pode encorajar os seus estudantes a estarem conscientes das necessidades do seu corpo, ajustando-o aos seus sentimentos, usando o espaço físico livremente.

Autoridade não depende da disciplina: na representação do professor, a autoridade não depende de disciplinar os alunos, mas de eles reconhecerem o seu conhecimento e as suas competências. Ele não precisa da rigidez para sentir que tem mais estatuto.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A observação de um comportamento pouco usual no contexto académico, como sentar no chão é interpretado como uma falta de autoridade do professor e avaliado como falta de competência e de mérito do professor. A diferença no comportamento não-verbal é relacionada com a avaliação da competência do professor.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Tornar explícita a cultura institucional da Faculdade, como regras de comportamento e códigos de comunicação, podem ajudar a prevenir mal-entendidos. Estas introduções são frequentemente ultrapassadas porque as Faculdades consideram-nas desnecessárias, o que, como se mostra este incidente, pode causar ainda maiores mal-entendidos.



Incidente Crítico

“Vai para casa!”

Paris

“Vai para casa!”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, a estudar em Pais, registado em 2019 por Élan Interculturel

“Um dia, durante a aula, eu não estava a prestar atenção ao professor. Quando o professor se apercebeu, ele insistiu para que eu fosse ao quadro. Não sabia o que fazer porque não estava a entender nada. Então, o professor disse-me “Vai para casa, não tens nada a fazer aqui”.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente a narradora é uma rapariga, de 23 anos. Apesar de ter origem chinesa, possui nacionalidade francesa. É uma estudante de bacharelato, mais velha do que os seus colegas, porque teve de repetir diversos anos.
OUTRA PESSOA	O professor é um homem francês, de 40 anos de idade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: nacionalidade francesa. Diferenças: o estatuto (estudante-professor), o seu país de origem, a idade e o género.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A sala de aula regular
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Toda a turma: os colegas eram mais novos, aproximadamente 18, proficientes na fonética.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Se os estudantes internacionais genericamente não são raros nas universidades Francesas, eles são mais facilmente identificados em cursos como Fonética.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Chocada

Humilhada

Necessidade de ser
encorajada

Aborrecida

Falta de confiança

O professor repara que a estudante está focada no seu telemóvel, pede-lhe para responder a uma pergunta em frente à turma e quando ela falha, ele diz-lhe para “ir para casa”.

Respeito: o professor disse-lhe algo que não era suposto ter dito em voz alta e em frente a toda a gente. Ela percebeu a falta de empatia para com uma estudante em necessidade.

Profissionalismo e zelo: pelo bem-estar dos estudantes, porque o professor não quis esperar pelo fim da aula, nem lhe perguntou o que se estava a passar. Parece que, em França, os professores estão habituados a dizer aos seus alunos que não têm sucesso, para mudarem de ideias e tentarem outro campo científico. No entanto, não é usual que este tipo de comentários seja realizado em frente de toda a turma.

Tratamento inadequado: porque, na opinião dela, o professor nunca teria tido esta atitude se ela fosse uma estudante francesa. Contudo, isto não é claro, por causa do que foi dito antes.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

O professor repara que a estudante está focada no seu telemóvel, pede-lhe para responder a uma pergunta em frente à turma e quando ela falha, ele diz-lhe para “ir para casa”.

Hierarquia: o papel do professor é educar os alunos e dizer-lhes se eles são vocacionados para a universidade (aparentemente comum em França). Ele identifica uma má estudante sem interesse na aula; por isso na perspetiva dele está apenas a ajudá-la; realizar aquele curso não é bom para ela.

Risco de perder o prestígio: « se alguém não está a ouvir significa que não estou a ser respeitado » pode ter condicionado o professor a agir rápida e agressivamente; pode ter-se sentido atacado.

Elitismo: dizer que a estudante não tinha perfil para estar a frequentar a universidade, por isso não devia ali estar, reforça que apenas os bons devem estar na universidade; e a discriminação associada às origens chinesas de Amélie, numa aula de Fonética (*ela não é francesa, logo nunca será capaz de realizar um exercício de fonologia, por isso não vale a pena perder tempo a ajudá-la*).

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Porque estava irritado por a estudante não estar atenta à aula, o professor humilha a estudante em frente à turma, através de comentários com conotações xenófobas.

**POSSIVEIS
SOLUÇÕES**

Em muitos países – como na França – a formação dos professores centra-se na disciplina que vão lecionar. Assim, é possível tornar-se um professor universitário sem nenhuma educação formal em pedagogia. Isto faz com que a formação contínua em domínios como a comunicação, a relação e a gestão emocional seja mais necessária, de forma a que os professores não atuem com base apenas nas suas emoções, mas possam estar conscientes das suas emoções e que as trabalhem de forma mais adaptativa. Uma formação que promova a consciência pode ajudar os professores a evitarem comentários com conotações xenófobas.



Incidente Crítico

“Ir à casa de banho”

Paris

“Ir à casa de banho”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Paris, registado em 2019 pelo Élan Interculturel

“O meu choque cultural foi em 2018, no meu 3º ano na Universidade, nos subúrbios de Paris. Um dia, durante o intervalo das aulas para almoço, uma rapariga levantou-se e disse que ia defecar. Fiquei chocada, porque, para mim, ir à casa de banho é pessoal, íntimo. Particularmente ir defecar. Basicamente é humilhante.

Depois disso, habituei-me ao facto de aqui as pessoas dizerem que vão à casa de banho, porque aqui não é desconfortável fazê-lo como no meu país de origem, Mali.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente Marie, a narradora tem 21 anos, oriunda do Mali. Estava há um ano em França, na universidade. Ela é cristã e tem um visto de estudante em França. A sua língua materna é bambara. Pertence à classe média.
OUTRA PESSOA	Julie é uma jovem francesa de 21 anos. Ela está no 2º ano da universidade e a sua língua materna é o francês. Pertence à classe média.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: o género, a idade, a classe social e o seu estatuto de estudantes. Diferenças: o seu país de origem, o seu estatuto (imigrante – nativa), a sua língua materna e possivelmente a sua religião.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula, durante a pausa de almoço.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Grupo de pares, sem professor.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	A sala de aula parecia não ter impacto no incidente, enquanto a pausa para almoço sim. Em França a pausa de almoço pode decorrer na sala de aula, enquanto outros alunos podem ir comer fora ou na cantina. No entanto, é comum ficar na sala com uma marmitta caseira.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



Durante a pausa para almoço, a Julie disse alto para o grupo que ia à casa de banho defecar.

Flúidos corporais: Para a Marie, os flúidos corporais são temas tabu. De facto, informações sobre urina e excrementos são evitadas o mais possível em comunicações indiretas ou contextuais. Por exemplo, no Mali é frequente esperar que os convidados se vão embora para se ir à casa de banho. Por isso, para ela foi tão chocante ouvir alguém falar sobre isso tão abertamente.

Comunicação - considerar as reações dos outros: Marie pensou que a Julie deveria ter em atenção ao que diz porque os outros podem pensar mal dela, considerando-a uma má rapariga e desvalorizar a sua dignidade e respeito pessoal. Quando comunicamos com os outros devemos ter em atenção o impacto que a nossa comunicação terá nos outros: como irão perceber o que dizemos.

Hora de almoço: A justaposição de comida e excrementos é particularmente desconfortável. Se a associação lógica entre eles é evidente, deve ser evitada, porque reduz os seres humanos a entidades biológicas. Esta relação está associada a uma sensação de vergonha.

Auto-exposição e respeito: Falar excessivamente sobre assuntos íntimos implica demasiada exposição, procurar a atenção dos outros, o que é oposto a uma comunicação humilde e respeitosa. A Marie pensa que por causa desta exposição íntima a Julie não tem respeito por ela própria e que se humilhou publicamente.

Linguagem inapropriada, estatuto e conformidade: Falar sobre defecar é associado a linguagem inapropriada, o que é conotado com baixo estatuto social e classe social baixa. Isto é um choque na universidade, que reclama que é uma instituição de pessoal altamente educado (trabalhadores e estudantes). Para a Marie integrar-se e ser reconhecida como uma estudante normal é de grande valor, mas à Julie essas normas não interessam.

Adaptação cultural / Risco de ficar mal: Marie verificou as reações dos outros e percebeu que ninguém mais ficou chocado. Ela compreendeu que não foi o comportamento da Julie, mas a sua interpretação que fica ressaltada no contexto. Ela sentiu necessidade de se adaptar e não reagir abertamente.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Durante a hora de almoço Julie disse alto à sua turma que ia à casa de banho defecar.

Segurança e espaço de confiança: A Julie pode sentir-se segura neste espaço, para ela igual aos outros; por isso ela nunca pensou que este assunto poderia ser tabu para alguém. Ela sentia-se segura, respeitada e não julgada. Simplesmente livre.

Corpo e os seus fluídos fazem parte da vida: Para a Julie o seu corpo pertence a si própria e ela sente-se bem com isso. Falar sobre o seu corpo (qualquer parte dele) é simplesmente normal e pragmático. Não é preciso escondê-lo ou ter inibições sobre o corpo.

Individualismo e comunicação direta: a comunicação é antes de mais nada a transmissão de informação, direta e verbal. Considerações sobre as reações dos outros são secundárias. O desejo de se expressar está primeiro.

Transgressão é a norma / identidade do estudante: alguma dose de transgressão é ideal para balancear o conformismo e o não-conformismo, de forma a expressar a identidade do estudante sempre pronto para estar na fonteira, mas sem se esquecer completamente das normas ao ponto de parecer maluco. Em França, desde 1960, que é normal que os comportamentos dos jovens reflitam um pouco de transgressão e rebeldia. Ser um pouco diferente e não se preocupar com o politicamente correto é sinal de um espírito livre e de uma mente aberta.

Culture-blindness: Marie was a friend, but Julie did not imagine that this could be a problematic subject for her. She treated her like anybody else, without any need to adjust to possible cultural differences.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Os fluídos corporais estão relacionados com as conceções de limpeza e pureza, logo intrinsecamente ligados aos tabus do que é, ou não, decente. Por isso, podem gerar reações muito profundas de choques culturais.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

Estes tabus também podem ser trabalhados num ambiente seguro e até divertido em formações sobre interculturalidade. Ainda assim devem ser tomadas algumas precauções para que a formação não seja interpretada como um ensino de boas maneiras para aqueles que não as têm, mas antes uma análise comparativa e inclusiva de diferentes tabus, de forma a garantir que podem ser respeitados.



Incidente Crítico

“DESPIR-SE”

Paris

“DESPIR-SE”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Paris, registado em 2019 pelo Élan Interculturel

“Quando, em 2014, cheguei à Faculdade de Belas Artes, em França, vi alguns dos meus colegas a tirar as suas camisolas no anfiteatro ou cá fora, quando tinham calor... Mais especificamente, lembro-me de uma colega (Laurene) ter retirado a sua camisola no anfiteatro, durante uma aula de história de arte. Ela estava sentada em frente a mim, à minha esquerda. Era uma ação que fazia no dia-a-dia. Ela estava a usar um top por debaixo da camisola e eu fiquei sem saber para onde olhar e como reagir. Primeiro, para mim, foi um choque, porque na Coreia ninguém tira as camisolas. Nós vestimos um casaco ou uma blusa que feche com fecho ou botões. Por isso, eu achei que o ato de levantar os braços e tirar a camisola em frente de alguém era interpretado como um sinal de provocação.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente a narradora tem 19 anos de idade, oriunda de uma região rural do Sul da Coreia. Tinha acabado de chegar a França, para o início do ano académico. Não é muito religiosa e pertence à classe média.
OUTRA PESSOA	Laurene é um ano mais nova que a narradora - tem 18 anos. É uma rapariga branca, francesa e a frequentar a mesma universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: estão inscritas na mesma universidade, na mesma disciplina. Diferenças: o seu país de origem, o seu estatuto em França (imigrante vs. nativa) e a cor da pele.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação decorre no anfiteatro da universidade, enquanto todos os alunos estão a olhar em frente para o que o professor está a projetar.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estão presentes 40 estudantes e o professor. Tendencialmente são franceses, com características semelhantes às de Laurene. A ausência de reação do professor ao gesto de Laurene fez com que a narradora percecionasse a particularidade da sua reação.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

**Surpresa, chocada,
envergonhada**

Uma estudante, do género feminino, retira a sua camisola levantando os braços durante uma aula, no anfiteatro. Ela vestia um top por debaixo da camisola.

**Embaraçada,
desconfortável**

FOMALIDADE DO CÓDIGO DE VESTUÁRIO

Na Coreia do Sul, todos os alunos do 3º ciclo e secundário usam uniforme, com regras muito restritas: proibição de unhas pintadas, maquilhagem e alguns penteados, etc. A narradora, que acabou de terminar o secundário na Coreia, experimentou um pouco de liberdade no que concerne ao seu vestuário.

EXOPOSIÇÃO E VULNERABILIDADE

Como os seus braços se levantam para tirar a camisola, o narrador não consegue ver o que se está a passar, nem mexer-se. Nesta posição ela não consegue perceber, nem controlar as impressões que causa nos outros.

DIFERENÇAS INTER-GÉNERO

Os papéis de género são muito assimétricos, com os homens a terem um estatuto maior do que as mulheres, de quem se espera que não sejam independentes ou autónomas, mas antes submissas à autoridade do homem. O valor dominante para as mulheres é a modéstia.

INTIMIDADE / PARTES DO CORPO PÚBLICAS E PRIVADAS

O corpo é precioso. Não deve ser mostrado a ninguém. Especialmente no caso das mulheres, a parte de cima do corpo deve ser bem reservada. Exibir partes do corpo ao vestir um top é associado ao desejo de atrair a atenção sexual dos homens.

DESPIR-SE EM PÚBLICO É ATRAIR A ATENÇÃO

A mudança de roupa deve ser feita de maneira discreta, longe dos olhares dos outros. Só deve aparecer em público depois de o ato de retirar a camisola estar finalizado. Realizar este processo em público expõe a intimidade pessoal e é associado ao desejo de atrair a atenção e de provocar.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Uma estudante, do género feminino, retira a sua camisola, levantando os braços durante uma aula, no anfiteatro. Ela vestia um top por debaixo da camisola

INDIVIDUALISMO

Laurene não parece importar-se com o julgamento dos outros. Em vez disso, centra-se nas suas necessidades e desejos (tem calor, tira a camisola).

EXPOSIÇÃO DO COPRO FEMININO

É aceitável que se mostre alguma pele dos braços, antebraços e ombros. Estas não são consideradas partes privadas do corpo, que não possam ser mostradas em público.

INFORMADLIDADE (RELATIVA)

A hierarquia entre professores e estudantes e a formalidade em geral é menos restrita nas Belas Artes do que em outras instituições. Há uma maior aceitação dos estudantes e também do código de vestuário (um top é aceitável).

More freedom is permitted for students, also in dress code

VISUALIZAÇÃO DO PROCESSO NÃO PÕE EM CAUSA A DIGNIDADE

Tirar uma camisola ou outras peças de vestuário não é considerado como um ato demasiado íntimo, desde que as partes consideradas “privadas” não fiquem descobertas. De facto, as mulheres francesas frequentemente maquilham-se nos transportes públicos, o que surpreende os restantes.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O género, também referido como a “dimensão tabu” (Hofstede) nos contactos interculturais, apresenta uma grande diversidade de representações e abordagens. As construções de género estão frequentemente relacionadas com questões como respeito, dignidade e decência. Por esta razão é um tópico muito sensível e que ativa conflitos e tensões.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

A formação intercultural pode incluir temas que reflitam abertamente sobre as expectativas e representações no que concerne o vestuário e mais genericamente o corpo. Estas sessões não devem ser dirigidas apenas para alunos estrangeiros, mas antes serem uma oportunidade para que todos os estudantes possam explorar em conjunto a diversidade cultural nos diferentes domínios da vida e como essas diferenças podem ter impacto na vida universitária, adotando regras/protocolos conjuntos, se necessário.

Sessões que abordem as concepções de género são particularmente relevantes porque é possível que os estudantes se envolvam em relações íntimas, ou que se considerem mutuamente como potenciais parceiros e as representações de comportamento apropriado e de género são efetivamente muito diversas e sensíveis.



Incidente Crítico

“Os chineses comem
cães”

Paris

“Os chineses comem cães”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, em Paris, registado em 2019 pelo Élan Interculturel

“Um dia, durante uma aula de fonologia, o professor estava a tentar explicar o som [CH] e deu como exemplo a frase “Les chinois mangent des chiens” [Os chineses comem cães]. Ela escreveu a frase no quadro e eu realmente não entendi como e porquê ela tinha escolhido este exemplo. Então, eu levantei-me e disse alto à professora que nem todos os chineses comem cães e que ela não tinha respeito pela nossa cultura. Ela disse-me para sair porque estava a perturbar a aula.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente a narradora é uma mulher de 24 anos. Ela é filha de uma imigrante chinesa e tem nacionalidade francesa. As suas línguas maternas são o francês e o chinês. Ela é estudante na Universidade há meio ano.
OUTRA PESSOA	A professora é uma mulher francesa de 45 anos. A sua língua materna é o francês. Ela está na Universidade há mais de um ano.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: o seu género e a sua nacionalidade. Têm como diferenças: o seu estatuto na universidade, a sua língua materna (chinês) e a sua idade.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula regular
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Toda a turma estava presente, cerca de 40/45 pessoas (no 1º ano do curso as universidades francesas têm turmas grandes).
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Não havia mais estudantes chineses/asiáticos, mas havia outras pessoas de origem Africana. Além disso, os colegas eram mais novos que Amélie.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Zangada e aborrecida

Desvalorizada

Humilhada

Desgostosa

Culpada

Chocada

Na aula de fonologia, para ilustrar o som 'ch' a professora dá o exemplo "Os chineses comem cães"

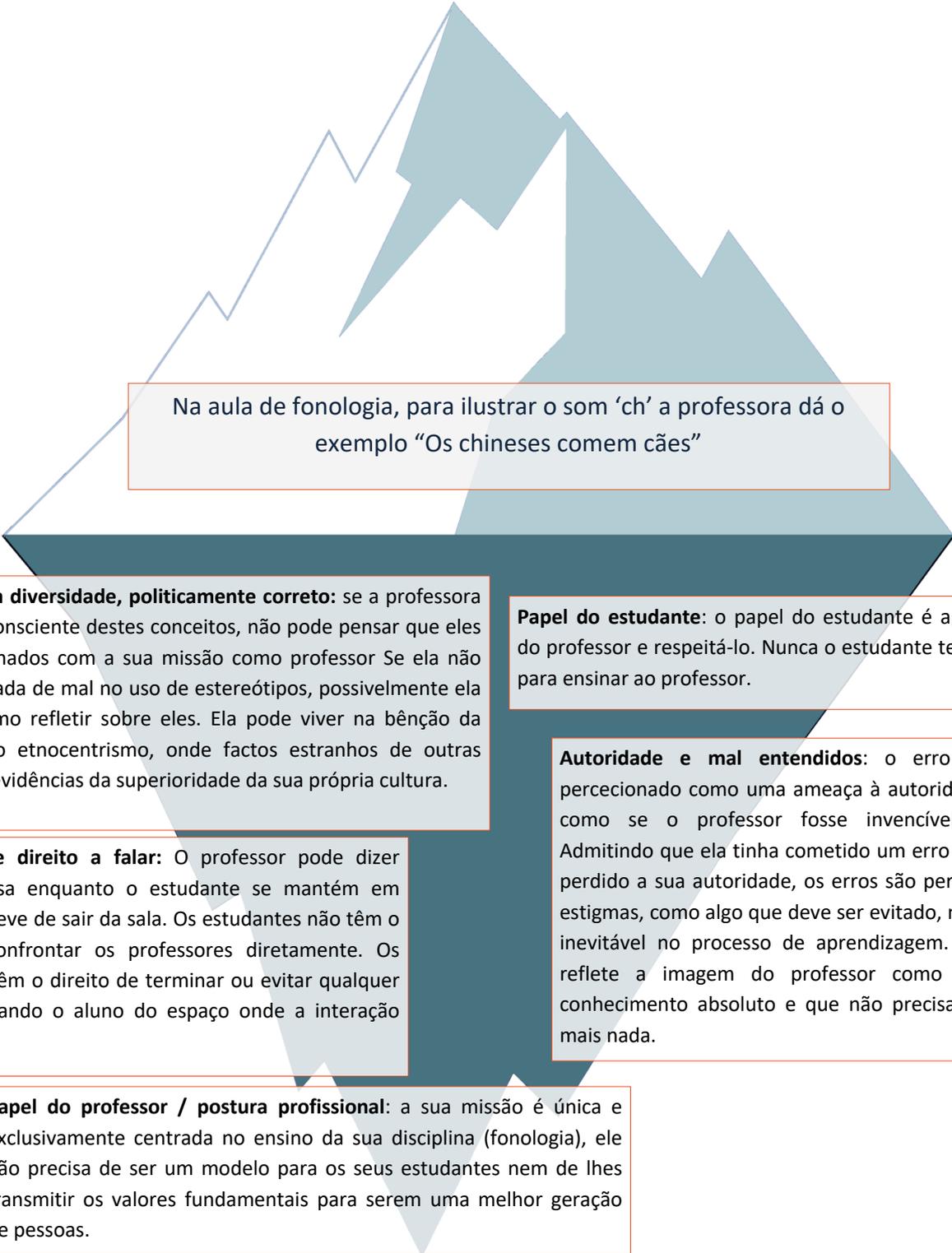
Ensinar o respeito pela diversidade cultural: Frases como esta não devem ser toleradas no meio universitário, especialmente pelos professores. Os professores devem transmitir aos estudantes o respeito fundamental por outras culturas; eles não devem usar exemplos de outras culturas como forma de reforçar a superioridade ou a identificação da cultura francesa. Isto não deve depender de existirem estudantes representantes dessa cultura em particular.

A generalização sobre outras culturas ou grupos de pessoas é má: a frase "os chineses comem cães" é uma generalização, que traz todos os chineses para a mesma categoria – os que comem cães. Mesmo que alguns chineses considerem aceitável comer cães, nem todos os chineses concordam. Dizer esta frase, nem a integrar no contexto, pressupõe que todos os chineses podem ser categorizados numa única categoria. Uma declaração tão simplista sobre outra cultura não pode ser usada como exemplo na sala de aula.

Construção do lugar do outro/ desconforto em se colocar no lugar do outro: utilizar estereótipos sobre hábitos gastronómicos de outras culturas, mais concretamente fazer declarações sobre as coisas estranhas que os outros comem é um item *standard* na construção do lugar do outro. Este tipo de frases fortalece as diferenças e divide as pessoas reforçando a separação entre as categorias "nós" e "eles", construindo uma imagem muito negativa dos chineses. As outras culturas presentes na sala de uma certa forma coligaram-se contra a Amélie, porque ela passou a ser "a que come cães".

Recusa à negociação, bloqueio dos outros: a professora recusou qualquer possibilidade de comunicação ou diálogo com a única pessoa chinesa que se encontrava na sala, para explorar o seu ponto de vista. Tal contrasta com a expectativa de Amélie de ter uma oportunidade de aprendizagem para desconstruir estereótipos e corrigir os erros.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

An iceberg diagram where the tip above water represents a specific classroom example, and the much larger part below water represents various underlying issues. The tip contains a text box about a phonology lesson. The submerged part contains four text boxes: 'Respeito pela diversidade, politicamente correto', 'Papel do estudante', 'Autoridade e mal entendidos', and 'Papel do professor / postura profissional'.

Na aula de fonologia, para ilustrar o som 'ch' a professora dá o exemplo "Os chineses comem cães"

Respeito pela diversidade, politicamente correto: se a professora não estiver consciente destes conceitos, não pode pensar que eles estão relacionados com a sua missão como professor. Se ela não percebe nada de mal no uso de estereótipos, possivelmente ela não sabe como refletir sobre eles. Ela pode viver na bênção da ignorância do etnocentrismo, onde factos estranhos de outras culturas são evidências da superioridade da sua própria cultura.

Papel do estudante: o papel do estudante é aprender através do professor e respeitá-lo. Nunca o estudante tem alguma coisa para ensinar ao professor.

Autoridade e direito a falar: O professor pode dizer qualquer coisa enquanto o estudante se mantém em silêncio; ela teve de sair da sala. Os estudantes não têm o direito de confrontar os professores diretamente. Os professores têm o direito de terminar ou evitar qualquer diálogo, retirando o aluno do espaço onde a interação pode ocorrer.

Autoridade e mal entendidos: o erro cometido é percebido como uma ameaça à autoridade do outro, como se o professor fosse invencível e infalível. Admitindo que ela tinha cometido um erro crasso, e logo perdido a sua autoridade, os erros são percebidos como estigmas, como algo que deve ser evitado, não como algo inevitável no processo de aprendizagem. Isto também reflete a imagem do professor como alguém com conhecimento absoluto e que não precisa de aprender mais nada.

Papel do professor / postura profissional: a sua missão é única e exclusivamente centrada no ensino da sua disciplina (fonologia), ele não precisa de ser um modelo para os seus estudantes nem de lhes transmitir os valores fundamentais para serem uma melhor geração de pessoas.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A expressão “politicamente correto” tem má fama. Por vezes é vista como uma ferramenta nas mãos das minorias para reprimir e vitimizar alguns membros das maiorias. Frequentemente esta temática é tratada de forma superficial e encoberta num profundo preconceito, porque impossibilita a sua expressão e a resolução de questões que são muito relevantes para todos. Pode valer a pena que as comunidades universitárias tornem isto num debate explícito, discutindo em conjunto o posicionamento “ideal” da comunidade universitária perante o politicamente correto, que possa ajudar a criar um lugar seguro para todos e onde todos possam aprender.

Hierarquia – ou: podem os professores cometer erros? Esta situação ilustra bem a dificuldade dos professores em assumirem os seus erros. Ao invés de tomar consciência da generalização que fez e de aproveitar a intervenção da estudante chinesa para retificar o que tinha acontecido, ela simplesmente manda-a sair da sala, refletindo provavelmente o seu ponto de vista do erro. Através desta ação ela não só ensinou à turma que é correto usar estereótipos sobre outra cultura, mas também que é correto utilizar uma estratégia de evitamento quando se faz um erro.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Criação de uma divisão interna na turma: independentemente da posição ideológica relativa à diversidade cultural e ao politicamente correto, os professores devem reprimir os comentários que possam criar/reforçar as divisões dentro da turma com base a cultura (nacionalidade, etnia, religião etc.).

O valor do respeito pela diversidade cultural e a missão do professor: muitas universidades afirmam que o respeito pela diversidade é um dos seus valores essenciais. Mas valores essenciais nem sempre são bem representados por professores enquanto indivíduos. Se este fosse um valor que a universidade realmente defende, deveriam ser desenvolvidas ações de formação e orientações para assegurar a sua aplicação na prática.



Incidente Crítico

“Questionário de satisfação”

Paris

“Questionário de satisfação”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional em Paris, registado em 2019, pelo Élan Interculturel

“Eu tinha preparado um questionário para encontrar soluções para os trabalhos em pequeno grupo. Sempre que o professor propunha trabalhos em pequeno grupo, havia sempre montes de problemas. No entanto, um dos estudantes olha para o questionário e atira-o contra mim. Ela não o queria preencher, tudo bem, tem direito à sua escolha, não obriguei ninguém a fazê-lo, mas a liberdade individual termina onde a liberdade do outro começa. Liberdade não pode significar colocar os outros numa situação humilhante. Para mim, foi uma total falta de respeito”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente a narradora é uma mulher, heterossexual, de 30 anos. Ela é oriunda da Argélia e é muçulmana. É estudante de mestrado na universidade há 6 meses, em França.
OUTRA PESSOA	Fanta é uma mulher francesa, de 23 anos, descendente de migrantes possivelmente do Mali. A sua língua materna é o francês e soninke. Ela é muçulmana.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: o seu género e a sua religião. Têm como diferenças: o seu estatuto de migrante em França, o seu país de origem e a sua idade.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula típica da universidade, com mesas e cadeiras.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estavam outros estudantes presentes, mais ou menos toda a turma. Durante o intervalo.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Os restantes colegas não reagiram, o que não foi bem recebido pela Myriam. A heterogeneidade da turma pode ter tido algum impacto: parece haver uma separação entre os estudantes franceses e os restantes.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Raiva

Humilhada

Falta de respeito

Uma estudante distribui um questionário de satisfação à turma, mas uma estudante atira-o contra ela.

Comportamento não-verbal agressivo / violência: é considerado má educação e uma falta de respeito pelo outro.

Integração: uma adequada integração em sala de aula significaria que estudantes franceses e de outras nacionalidades trabalham em conjunto e que os pequenos grupos de trabalho são também heterogêneos. Não era o caso nesta turma, na qual os estudantes franceses tendiam a trabalhar juntos, excluindo os estrangeiros. Para a inclusão da Myriam, integração devia ser um valor.

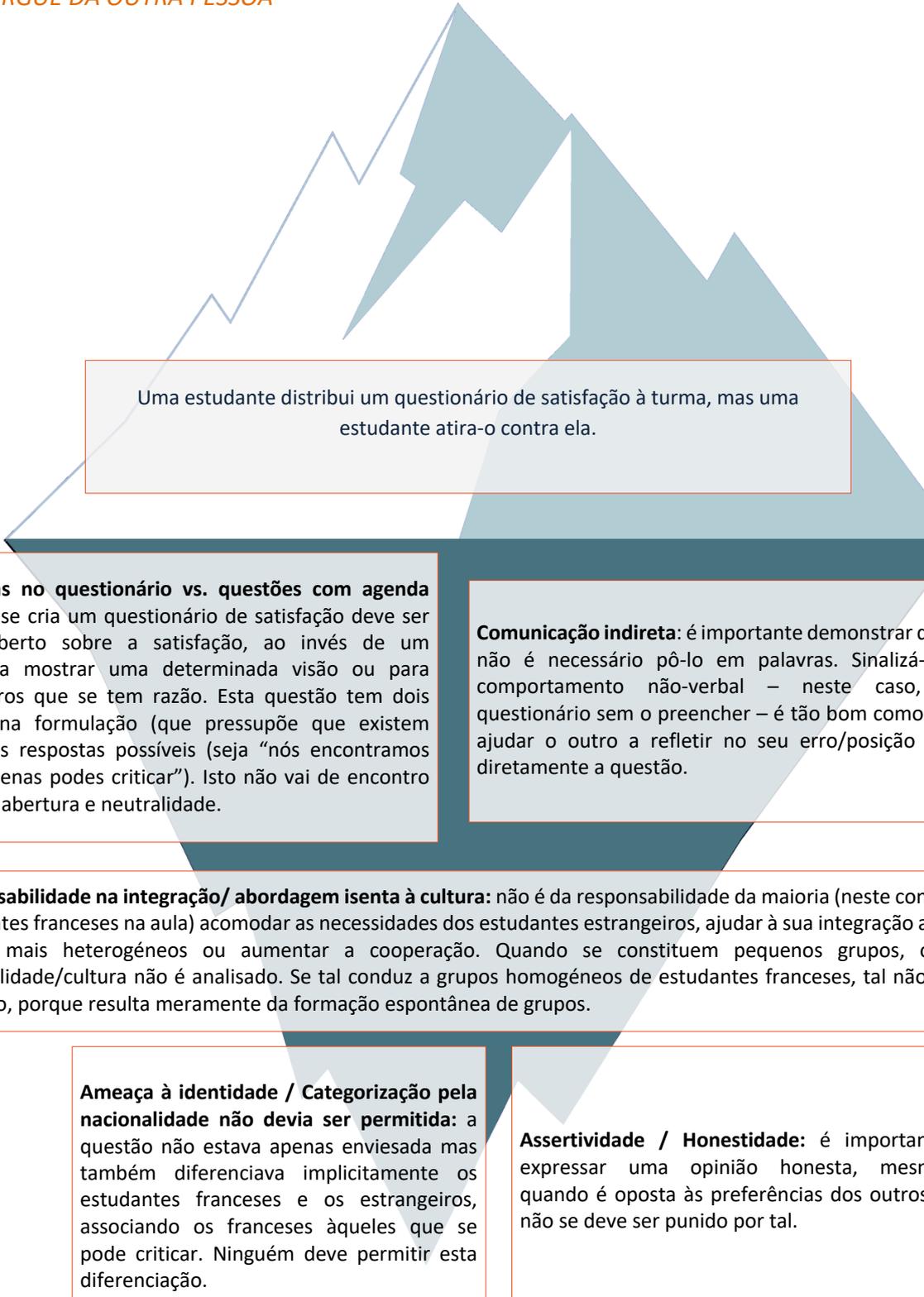
Resolução de conflitos: Tentar ignorar o conflito ao invés de o assumir e de o tornar explícito é uma forma de hipocrisia. Apesar de muitos estudantes concordarem com ela, quando o conflito se tornou explícito, não exprimiram a sua opinião publicamente. A estratégia de evitamento foi percebida como hipócrita.

Comunicação crítica / expressão facial: é possível criticar o trabalho de outra pessoa, mas deve garantir-se que a crítica é feita de forma respeitosa.

Comunicação direta: é preferida como estilo de comunicação, explorando as questões explicitamente. Num conflito é preferível a exploração ativa das questões em vez de apenas se ter em conta a reação simbólica dos outros (como atirar o questionário ao outro). As reações simbólicas sem explicações deixam detalhes implícitos.

Solidariedade: pessoas da mesma turma devem ajudar-se mutuamente, especialmente quando algumas delas são estrangeiras.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA



Uma estudante distribui um questionário de satisfação à turma, mas uma estudante atira-o contra ela.

Questões abertas no questionário vs. questões com agenda própria: quando se cria um questionário de satisfação deve ser um inquérito aberto sobre a satisfação, ao invés de um instrumento para mostrar uma determinada visão ou para mostrar aos outros que se tem razão. Esta questão tem dois enviesamentos: na formulação (que pressupõe que existem problemas) e nas respostas possíveis (seja “nós encontramos soluções” ou “apenas podes criticar”). Isto não vai de encontro aos requisitos de abertura e neutralidade.

Comunicação indireta: é importante demonstrar desagrado, mas não é necessário pô-lo em palavras. Sinalizá-lo através de comportamento não-verbal – neste caso, entregar o questionário sem o preencher – é tão bom como explicar. Deve ajudar o outro a refletir no seu erro/posição sem explicitar diretamente a questão.

Responsabilidade na integração/ abordagem isenta à cultura: não é da responsabilidade da maioria (neste contexto dos estudantes franceses na aula) acomodar as necessidades dos estudantes estrangeiros, ajudar à sua integração através de grupos mais heterogêneos ou aumentar a cooperação. Quando se constituem pequenos grupos, o critério nacionalidade/cultura não é analisado. Se tal conduz a grupos homogêneos de estudantes franceses, tal não deve ser criticado, porque resulta meramente da formação espontânea de grupos.

Ameaça à identidade / Categorização pela nacionalidade não devia ser permitida: a questão não estava apenas enviesada mas também diferenciava implicitamente os estudantes franceses e os estrangeiros, associando os franceses àqueles que se pode criticar. Ninguém deve permitir esta diferenciação.

Assertividade / Honestidade: é importante expressar uma opinião honesta, mesmo quando é oposta às preferências dos outros E não se deve ser punido por tal.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O incidente do inquérito esconde um conflito latente que é a dificuldade de cooperação entre os estudantes franceses e os estrangeiros, em particular nos trabalhos de grupo. Os estudantes franceses preferem trabalhar com outros franceses, por o percecionarem como mais “eficiente”, uma vez que antecipam que estes falam e escrevem melhor francês, logo são parceiros de grupo melhores.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Os trabalhos de grupo podem ser instrumentos muito úteis no processo de aprendizagem, mas os professores que querem fazê-lo devem ensinar aos alunos princípios básicos e ferramentas de como fazê-lo. Isto pode incluir uma explanação sobre a constituição profunda e diversa do grupo. Uma diversidade visível implica que podem categorizar os membros de acordo com características visíveis ou audíveis em diferentes subgrupos. No entanto, esta categorização não implica que existam diferenças ao nível dos valores, práticas e normas. Isto é referido como “diversidade profunda”. Grupos heterogéneos no sentido de uma “diversidade profunda” podem ser mais criativos e produtivos do que grupos homogéneos. No entanto, a curto prazo, estes grupos enfrentam maior tensão, mais mal-entendidos ou conflitos. De forma a ultrapassar isso, precisam de negociar um processo de trabalho comum.



Incidente Crítico

“O beijo”

Paris

“O beijo”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional em Paris, registado em 2019 pelo Élan Interculturel

“ Ao sair da sala de aula, fui parada por outra estudante, uma francesa, branca. “Olá Issa”, disse ela. E eu respondi “Bom dia”. Enquanto eu me virava, ela estava mesmo atrás de mim pronta para me beijar [“la bise”]. Eu vi-a a chegar-se mais perto, os seus lábios a preparem-se. Eu não percebi o que se estava a passar, não me mexi; a minha face a ficar pálida e incapaz de falar. Ela estava quase a chegar à minha face, quando de repente parou e com surpresa na voz disse: “você não se beijam [“la bise”]?”. E eu, até aquele momento, nem sequer sabia o que era isso.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente o narrador tinha 23 anos, oriundo de uma região rural do Senegal. Estava em França há um ano, sendo este o seu primeiro ano na universidade francesa. Ele é muçulmano, mas não muito religioso. Ele é heterossexual.
OUTRA PESSOA	Jeanne é uma rapariga branca, francesa, no início dos seus 20 anos, que frequenta a mesma universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: frequentam a mesma universidade e integram a mesma turma. Diferenças: o seu país de origem, o seu estatuto em França (emigrante vs. Nativa), a sua cor da pele, o género e provavelmente a religião.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A situação decorre no corredor da universidade, entre as aulas.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Existem outros estudantes presentes, tendencialmente franceses. Ter outros estudantes como testemunhas a “olharem para ele” exacerbou a sensação de desconforto e de ter cometido uma gafe.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Na universidade francesa é usual existirem estudantes estrangeiros de países com fortes relações com a França, como o Senegal. Neste sentido, Issa não é uma “raridade”.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Surpresa

Incompreensão

Público

Modéstia

Desconforto

No corredor da universidade, uma rapariga aproxima os seus lábios da face do narrador para o cumprimentar, e ele não sabe como reagir.

Rituais de saudação: No Senegal saudar as pessoas é muito importante e existem vários rituais associados; a vida social atual é estruturada em torno desses rituais como uma forma de reconhecer os outros e estabelecer contactos sociais. As saudações são verbais; por exemplo, quando se reconhecem, as pessoas chamam o outro repetidamente, por exemplo “Sané!” “Diallo!” “Sané!” “Diallo!”, e depois perguntam sobre os aspetos essenciais da vida, como família, trabalho, saúde, entre outros. Uma importante parte do tempo é passada nos rituais de saudação.

Ficar mal por não saber, ter consciência que se é estrangeiro: O narrador sentiu-se muito mal quando foi confrontado com esta situação; para além de não usual, ele não compreende estes hábitos culturais, incapaz de descodificar o comportamento da colega quando ele nunca se tinha sentido um estrangeiro em França. Este incidente fê-lo sentir diferenças culturais de que ele ainda não tinha tomado consciência. Parece que ele ficou mais desapontado por não estar consciente deste hábito, do que zangado ou chocado com a situação, que se resolveu rapidamente.

Beijar como um ritual de saudação: Beijar não é considerado uma expressão de intimidade primária ou necessária, nem mesmo entre membros da família nuclear. Em geral, o contacto físico não é a forma comum de mostrar proximidade emocional, sendo esta mais demonstrada através da relação verbal, do tempo de conversação e da partilha.

Intimidade física entre homem e mulher: Intimidade física – como os lábios de um adulto a tocar a pele de outro adulto – é reservada para a esfera privada e acontece em relações íntimas.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

No corredor da universidade, uma rapariga aproxima os seus lábios da face do narrador para o cumprimentar, e ele não sabe como reagir.

RITUAIS DE SAUDAÇÃO / TENDÊNCIA FORMAL: Em França, e mais particularmente em Paris, há tendência para uma comunicação formal, o que significa que se dá importância às formas das interações. Por exemplo, todas as manhãs os estudantes da mesma turma ou as pessoas que trabalham juntas saúdam-se beijando-se bilateralmente (ao invés de dizer simplesmente “olá”).

UNIVERSALISMO E ASSIMILAÇÃO COMO O MODELO GERAL DE DIFERENÇAS CULTURAIS: Em França o modelo geral/oficial para lidar com a diversidade é esbatê-la ou negá-la, de forma a favorecer/fortalecer a sensação de pertença à mesma comunidade. Por esta razão, a saudação apropriada a estrangeiros é a mesma que para os locais. Fazer distinção seria uma forma de discriminação.

BEIJAR COMO RITUAL DE SAUDAÇÃO: “La bise” ou o beijo na cara é um ritual de saudação aceite por todos os géneros. Funciona como um ritual de 1º contacto e nos contactos seguintes. Tal não está reservado apenas para as relações íntimas, apesar de em ambientes formais e de grandes diferenças de estatuto poder ser percebido com muito intimista. É certamente o padrão dominante entre estudantes da universidade que se conhecem.

«VOCÊS NÃO SE BEIJAM?»: Jeanne reconheceu que o Issa não estava a responder reciprocamente à sua ação de o beijar através de uma questão que revelava a explicação que ela construiu. Ela não pensou numa explicação relacionada com os sentimentos que o Issa tem por ela, mas numa em que, por razões pessoais, ou mais provavelmente convicções culturais, o Issa não segue este ritual. Não se sabe como Jeanne relacionou estes aspetos.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Aparentemente atos banais como saudar o outro podem causar choques culturais quando as pessoas não estão familiarizadas com os mesmos códigos de educação. Os rituais de saudação estão associados à necessidade básica das pessoas de serem reconhecidas, logo quebras de reciprocidade induzem a sentimentos de se sentir desrespeitado.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

As formações interculturais frequentemente iniciam com rituais de saudação, uma vez que são bons pontos de entrada para explorar as diversas formas de comunicação, assim como as reações dos outros à diferença - e mais concretamente a interpretação automática das quebras de reciprocidade como uma demonstração de falta de respeito do outro ou a nossa própria incompetência.



Incidente Crítico

“UMA HORA ATRASADO PARA A APRESENTAÇÃO”

Varsóvias

O incidente “UNA HORA ATRASADO PARA A APRESENTAÇÃO”

Um incidente crítico reportado por um estudante polaco que estuda em Varsóvia, gravado em 2019 por San

“Nós estávamos a trabalhar num projeto numa equipa de quatro pessoas. Os membros da equipa eram de três países diferentes: Polónia (eu), Ucrânia (dois estudantes), Índia (um estudante). Eu era o líder da nossa equipa. Nós dividíamos tarefas e encontrávamo-nos várias vezes para discutir. No dia em que iríamos apresentar o nosso projeto, o nosso colega indiano veio quase 1 hora e meia mais tarde. Felizmente o nosso professor permitiu-nos fazer a apresentação. Contudo, nós já estávamos ansiosos, e isso afetou negativamente o nosso desempenho. Durante o intervalo, eu perguntei ao nosso colega indiano porque é que chegou atrasado sabendo quão importante a apresentação era. Ele disse-me que não tinha acontecido nada, ele veio e apresentou a sua parte. Ele não conseguia compreender porque eu fiquei nervoso”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO NARRADOR E PESSOA QUE ORIGINOU O INCIDENTE

NARRADOR	O narrador é um homem polaco de 23 anos possuindo o nível de licenciatura e que está atualmente inscrito como estudante de mestrado na Faculdade de Gestão e Estudos de Segurança
OUTRA PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é um estudante de 24 anos no mesmo programa, proveniente da Índia
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Têm como semelhanças: o seu género, a sua idade, a sua profissão futura e o seu atual estatuto de estudante. Têm como diferenças: a sua nacionalidade e o seu estatuto como membros da sociedade (local vs estrangeira)

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	O conflito emergiu durante a aula na sala de aula, a conversa que se seguiu teve lugar no corredor, durante o intervalo, depois da apresentação da aula.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Durante a apresentação toda a turma esteve presente, assim como o professor. As outras pessoas mais envolvidas são os dois estudantes ucranianos, igualmente membros do seu grupo de estudantes.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Atualmente os estudantes indianos são os que estão em maior número nas universidades polacas, entre os estudantes internacionais. Isto não implica, no entanto, que todos os estudantes polacos tenham tido interações prévias com estudantes indianos, nem isto implica que os estudantes polacos estivessem familiarizados de modo sistemático com traços culturais dos estudantes indianos.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Envergonhada

Ofendida

Desconfortável

Incompreendida

O membro indiano da equipa chegou 1,5 atrasado para a apresentação do projeto que o narrador da equipa estava a apresentar

Quando questionado sobre o atraso, ele alegou que nada aconteceu e não compreendeu as reações que o seu comportamento provocaram

PERCEÇÃO LINEAR/MONOCRÓNICA DO TEMPO: o narrador vem de uma cultura monocrónica, a qual tende a colocar um alto valor na pontualidade. Falta de pontualidade implica a falta de respeito pelo trabalho conjunto e pelos outros membros da equipa.

ABORDAGEM UNIVERSALISTA: o narrador representa uma abordagem mais universalista e acredita que toda a gente deve ser tratada da mesma maneira. De acordo com ele, todos os membros da equipa devem ser pontuais.

HORA DE ALMOÇO: A justaposição de comida e excrementos é particularmente desconfortável. Se a associação lógica entre eles é evidente, deve ser evitada, porque reduz os seres humanos a entidades biológicas. Esta relação está associada a uma sensação de vergonha.

AUTO-EXPOSIÇÃO E RESPEITO: Falar excessivamente sobre assuntos íntimos implica demasiada exposição, procurar a atenção dos outros, o que é oposto a uma comunicação humilde e respeitosa. A Marie pensa que por causa desta exposição íntima a Julie não tem respeito por ela própria e que se humilhou publicamente.

HIERARQUIA – DISTÂNCIA DE ELEVADO PODER: o narrador vem de uma cultura de distância do alto poder na qual os estudantes tratam os professores com respeito reservado para pessoas de elevado estatuto. De acordo com este narrador, chegar atrasado à apresentação foi um sinal de falta de respeito.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

O membro indiano da equipa chegou 1,5 atrasado para a apresentação do projeto que o narrador da equipa estava a apresentar

Quando questionado sobre o atraso, ele alegou que nada aconteceu e não compreendeu as reações que o seu comportamento provocaram

PERCEÇÃO POLICRÓNICA DO TEMPO: O estudante é de uma cultura policrónica, a qual classifica o envolvimento pessoal e o completar de tarefas abaixo das exigências do horário previamente estabelecido.

ABORDAGEM PARTICULARISTA: o estudante representa a abordagem mais detalhada e acredita que as pessoas devem ser tratadas diferentemente de acordo com as suas necessidades e a avaliação da situação pode mudar baseada no que está a acontecer no presente e em quem está envolvido.

BASEADO NA ANÁLISE, QUAIS AS CONCLUSÕES QUE PODEM SER DESENHADAS SOBRE RECEBER UM ESTUDANTE INTERNACIONAL OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DO ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODERIAMOS ANTECIPAR?

OBSERVAÇÕES

Diferenças culturais nas percepções de tempo frequentemente resultam na espera de uma pessoa pela outra /outras. Esperar dá uma sensação de falta de respeito e de perda de credibilidade, por isso uma diferença cultural relativamente “simples” começa a ser ligada a sentimentos de desrespeito e tem potencialmente um impacto forte na relação.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

A universidade precisa de informar os estudantes sobre a importância de manter limites de tempo e assegurar-se que os estudantes têm consciência de todos os prazos. Ela também precisa de organizar reuniões de trabalho durante as quais os estudantes se tornem conscientes das diferentes percepções de tempo (por exemplo, com estudos de caso e role-plays/situações hipotéticas).

Pode ser uma boa ideia para os professores trabalharem com grupos multiculturais para ajudar os alunos a tomarem consciência da amplitude das diferenças que eles podem esperar quando iniciam o trabalho de grupo e, à medida que se tornam conscientes das diferenças, eles possam concordar em regras comuns.

Se os estudantes (locais e internacionais) não se tornarem-se conscientes das diferentes percepções em relação ao tempo e à colaboração, e não aprenderem como negociar a comum cultura de trabalho eles terão problemas em trabalhar num local de trabalho internacional e diverso.



Incidente crítico

“Vais cozinhar para
mim”

Varsóvia

“Vais cozinhar para mim”

Incidente crítico relatado por uma funcionária da Universidade, que trabalha no gabinete internacional, registado em 2019 pela SAN University

“Eu trabalhava como assistente no departamento de Varsóvia de programas internacionais da universidade. O gabinete estava localizado no mesmo edifício dos dormitórios dos estudantes. Uma vez um estudante da Arábia Saudita, que estava a iniciar os seus estudos, veio ao meu gabinete e disse-me – tu vais cozinhar para mim. Eu fiquei chocada, mas perguntei-lhe se isso era uma piada. Ele repetiu – “tu vais cozinhar para mim, não és a assistente dos alunos? Eu posso pagar-te.” Eu fiquei zangada, e ao mesmo tempo, senti-me humilhada por ele me ter tratado como uma criada.”

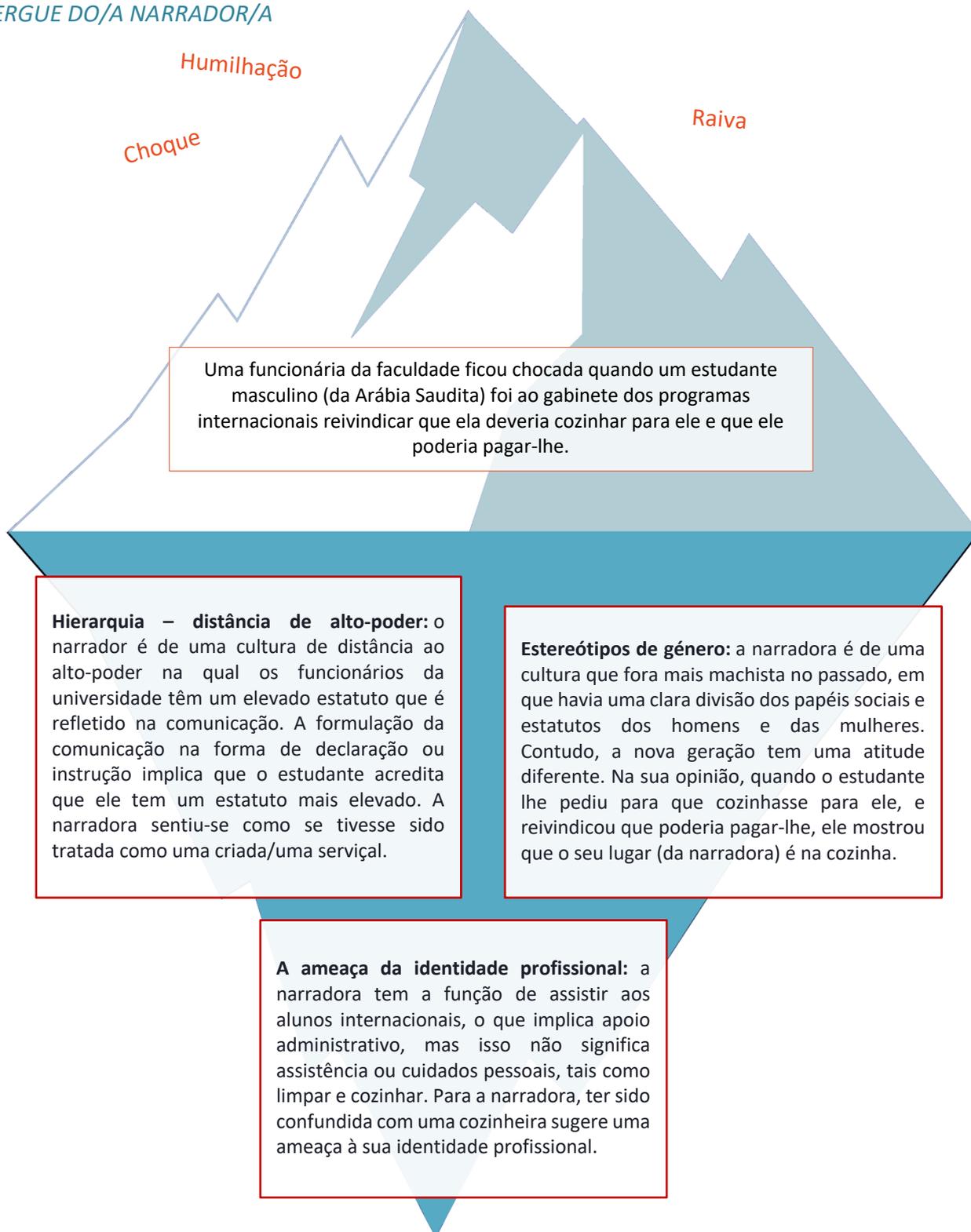
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A situação é narrada por uma mulher polaca de 24 anos, que trabalha como assistente no gabinete de programas internacionais da Faculdade de Gestão e Estudos de Segurança de uma Universidade em Varsóvia.
OUTRA PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é um homem de 26 anos da Arábia Saudita, que está inscrito como estudante na Faculdade de Gestão e Estudos de Segurança de uma Universidade em Varsóvia. Está lá há duas semanas.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a idade e a ligação à mesma Universidade. Diferenças: género, papéis na Universidade, estatuto de local/estrangeiro.

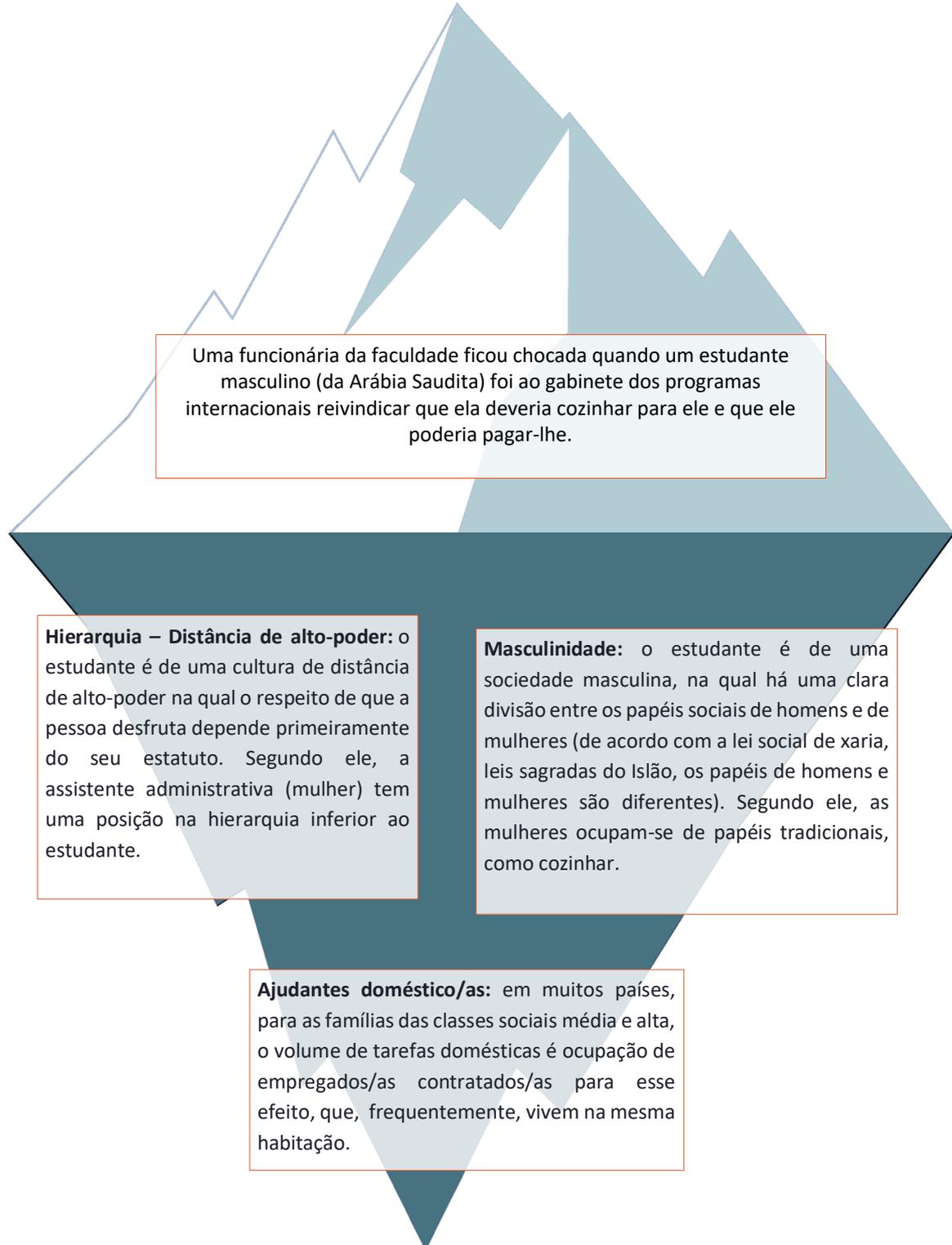
ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A interação verbal teve lugar no gabinete dos programas de estudo internacionais, localizado no mesmo edifício do dormitório. A localização do gabinete pode ter contribuído para a confusão, porque o estudante poderia assumir que a posição de assistente assinalada na porta significaria assistente/auxiliar dos estudantes.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Não estava mais ninguém presente.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	O papel de assistente no gabinete de programas de estudo internacionais implica trabalho administrativo, suporte legal e não cuidados pessoais.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA



Uma funcionária da faculdade ficou chocada quando um estudante masculino (da Arábia Saudita) foi ao gabinete dos programas internacionais reivindicar que ela deveria cozinhar para ele e que ele poderia pagar-lhe.

Hierarquia – Distância de alto-poder: o estudante é de uma cultura de distância de alto-poder na qual o respeito de que a pessoa desfruta depende primeiramente do seu estatuto. Segundo ele, a assistente administrativa (mulher) tem uma posição na hierarquia inferior ao estudante.

Masculinidade: o estudante é de uma sociedade masculina, na qual há uma clara divisão entre os papéis sociais de homens e de mulheres (de acordo com a lei social de xaria, leis sagradas do Islão, os papéis de homens e mulheres são diferentes). Segundo ele, as mulheres ocupam-se de papéis tradicionais, como cozinhar.

Ajudantes doméstico/as: em muitos países, para as famílias das classes sociais média e alta, o volume de tarefas domésticas é ocupação de empregados/as contratados/as para esse efeito, que, frequentemente, vivem na mesma habitação.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O género, também referido como a “dimensão tabu” (Hofstede) no contacto intercultural tem uma grande diversidade de representações e abordagens. As construções de género são frequentemente relacionadas com tópicos de respeito, dignidade e decência. Por esta razão, eles podem tornar-se aspetos muito sensíveis e funcionarem como gatilho de conflitos e tensões.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

A Universidade precisa de formar quer o pessoal quer os estudantes na diversidade cultural e comunicação intercultural. Por exemplo, organizar reuniões/oficinas de trabalho em diferentes estilos de comunicação (direta vs indireta, alto-contexto vs baixo contexto).

A formação intercultural deve ter módulos que abram as expectativas e representações em relação ao género. Estas sessões não devem focar-se apenas nos estudantes internacionais; em vez disso devem tornar-se uma oportunidade para todos os estudantes e trabalhadores explorarem a diversidade cultural em conjunto.



Incidente crítico

“Pode alterar o prazo?”

Polónia

“Pode alterar o prazo?”

Incidente crítico relatado por um professor da universidade em Varsóvia, registado em 2019 pela SAN University

"Eu era professor do curso Métodos e Estratégias de investigação. Como trabalho final, cada estudante tinha de preparar um relatório da sua investigação e realizar a apresentação. Os estudantes apresentaram os resultados dos seus projetos na última aula do período letivo. Dois dias depois, um estudante indiano veio ao meu gabinete, dizendo que ele gostaria de realizar a apresentação e trabalhar no relatório. Eu expliquei-lhe que o prazo limite tinha sido há dois dias, e que não poderia aceitar nem o seu documento nem a sua apresentação. Ele insistiu comigo para ficar com o seu relatório, dizendo que completou o projeto e que todos os requisitos estavam alcançados. Eu disse-lhe que era impossível, e ele precisaria de fazer a repetição do exame. Ele começou a ficar zangado e levantou a sua voz. Na sua opinião, eu poderia facilmente mudar o prazo limite se apenas eu quisesse fazê-lo. Eu pedi-lhe para baixar o tom da sua voz e repeti que isso era impossível."

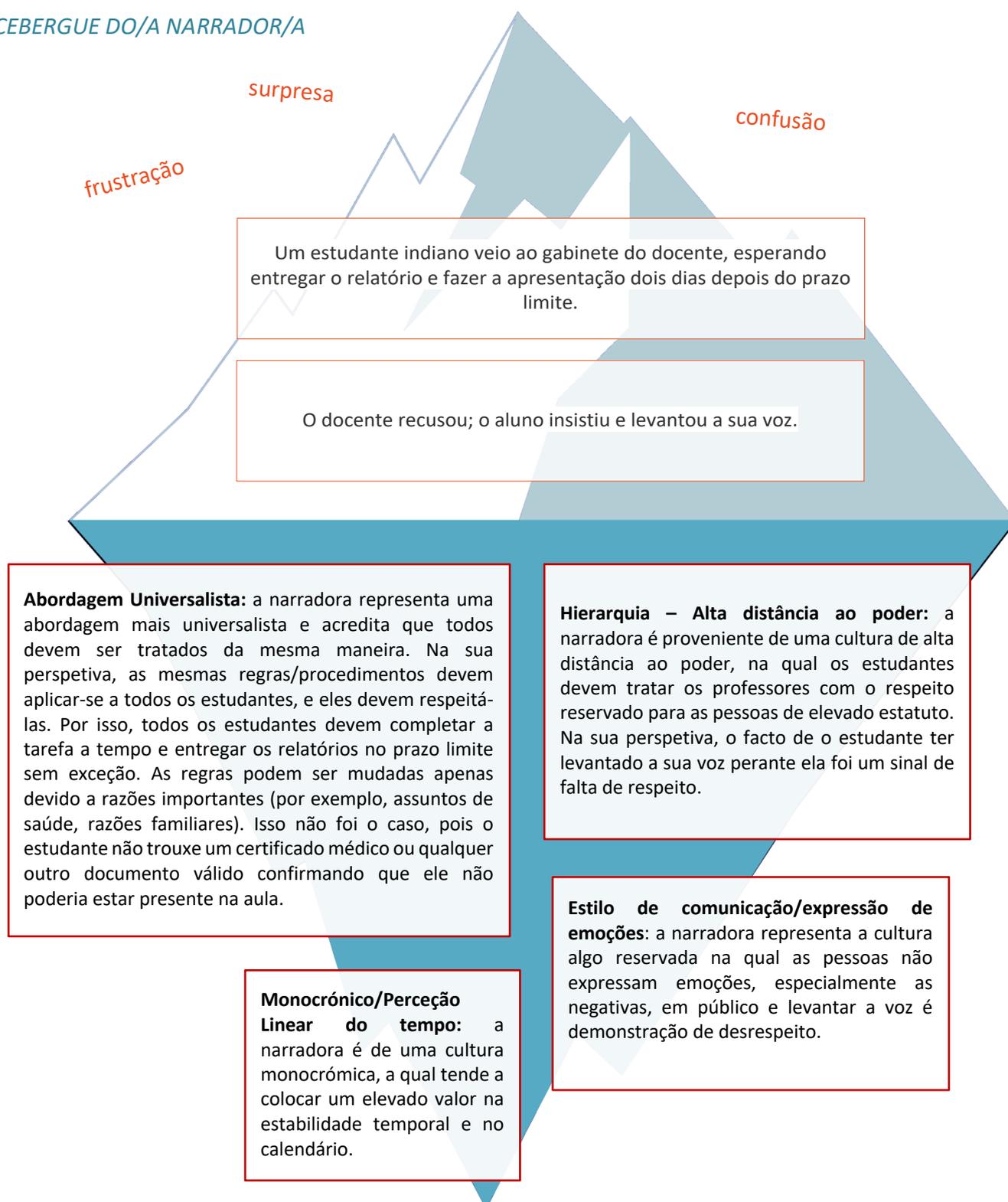
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	O narrador é uma mulher polaca de 41 anos detentora de um doutoramento, e que trabalha como docente universitária na Faculdade de Gestão e de Estudos de Segurança de uma universidade polaca.
OUTRA PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é um estudante indiano masculino de 26 anos de idade que detém uma licenciatura e está inscrito num programa de mestrado da faculdade. Ele está na Universidade por um semestre (aproximadamente cinco meses).
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: ligação à mesma Universidade. Diferenças: o seu género, papéis na Universidade, educação formal e os seus estatutos de local/estrangeiro.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A conversa teve lugar no gabinete da docente.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Mais ninguém estava presente.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Atualmente os estudantes indianos são os que estão mais representados nas universidades polacas, entre os estudantes internacionais. Isto não implica, contudo, que todos os membros das faculdades polacas tenham interação prévia com os estudantes indianos, nem implica que eles devam estar estruturalmente familiarizados com traços culturais dos estudantes indianos.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Um estudante indiano veio ao gabinete do docente, esperando entregar o relatório e fazer a apresentação dois dias depois do prazo limite.

O docente recusou; o aluno insistiu e levantou a sua voz.

Perceção policrónica do tempo: o estudante é proveniente de uma cultura policrónica, que considera que o envolvimento pessoal e o completar de tarefas como mais importante do que as exigências de cumprir um horário pré-estabelecido.

Abordagem particularista: o estudante representa uma abordagem mais particularista e acredita que as pessoas devem ser tratadas diferentemente de acordo com as suas necessidades e a avaliação da situação pode mudar, baseado no que acontece no momento, e em quem está envolvido.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Diferenças entre culturas frequentemente parecem fáceis e banais à primeira vista, mas na vida real causam a quebra da reciprocidade, por isso a pontualidade tende a ter um importante impacto emocional. Certamente, quebras na reciprocidade podem ser interpretadas como um sinal muito básico de que o outro não está a considerar-nos um companheiro de interação valioso, não nos dá o respeito básico que merecemos como outro ser humano.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

A universidade precisa de informar os estudantes sobre a importância de manterem limites de tempo e de se assegurar que eles estão conscientes de todos os prazos limite. Também precisa de organizar reuniões de trabalho durante as quais os estudantes se tornem conscientes das diferentes perceções de tempo (por exemplo, com estudos de caso e situações hipotéticas).

A universidade precisa de formar tanto o pessoal docente como estudantes na diversidade cultural e comunicação intercultural. Por exemplo, numa diferente abordagem às regras (abordagem universalista vs particularista) assim como nos diferentes estilos de comunicação.



Incidente crítico

“Uma coisa de cada vez”

Polónia

“Uma coisa de cada vez”

Incidente crítico relatado por uma estudante universitária em Varsóvia, registado em 2019 pela SAN University

“Nós estávamos a trabalhar num projeto de uma equipa de quatro pessoas. Os membros da equipa eram de quatro países diferentes: Polónia (eu), Ucrânia, Uzbequistão, Índia. Eu era a líder da nossa equipa. Nós dividimos tarefas e decidimos para cada tarefa a data de início e fim. Nós reunimo-nos uma vez por semana para trabalhar juntos. Foi difícil para mim lidar com a minha colega indiana que durante as reuniões mudava de um tópico para outro e mandava-me materiais que diziam respeito a diferentes aspetos do nosso projeto (não eram relevantes no momento). Durante uma das nossas reuniões, eu pedi-lhe para se focar no tópico da nossa reunião. Ela pareceu ficar ofendida e disse-me que nós não estávamos a reconhecer os seus esforços. Eu fiquei surpreendida, mas disse-lhe que isso não era verdade. Depois ela decidiu sair da sala/apartamento. Eu fiquei desapontada”.

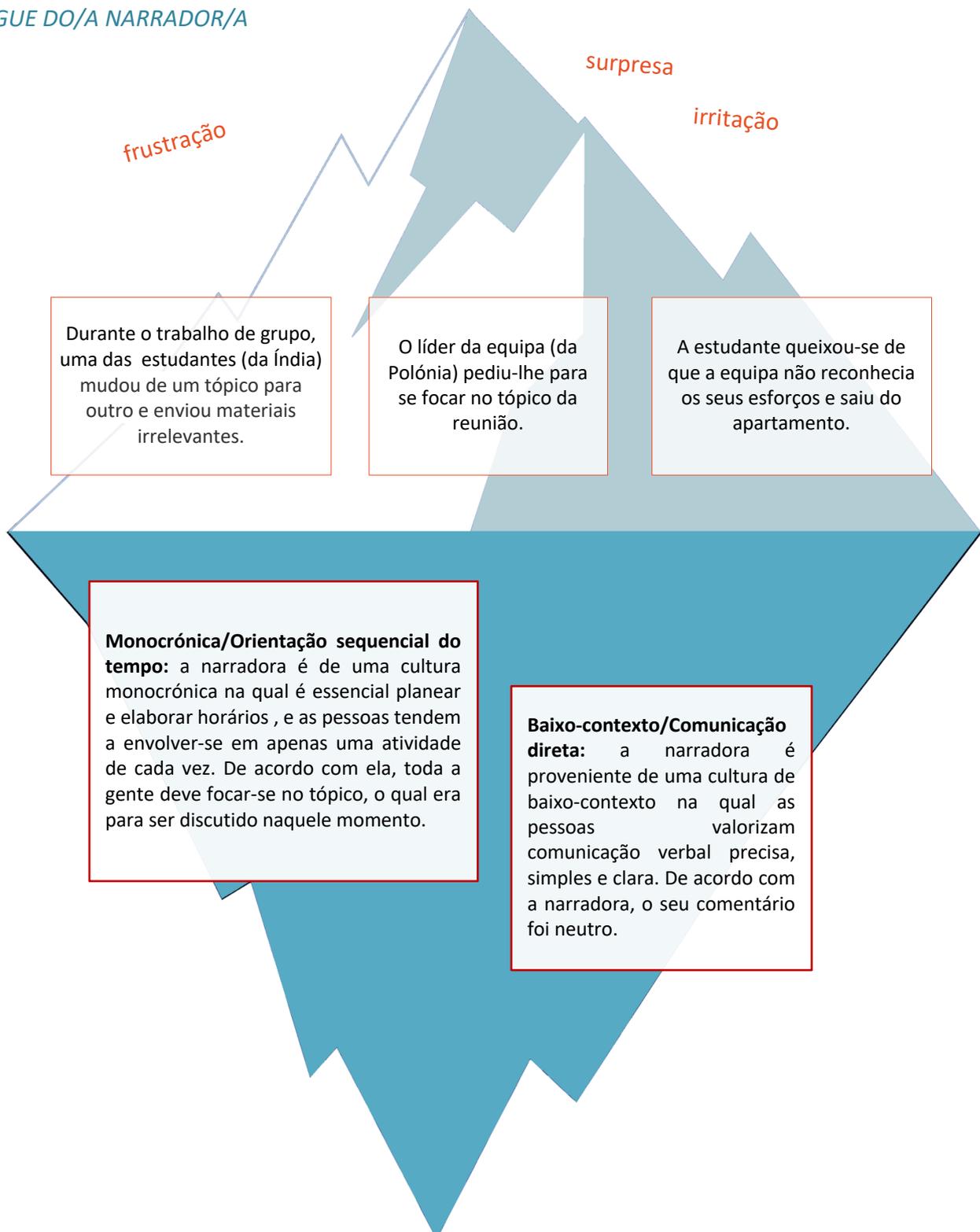
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma mulher polaca de 23 anos, estudante e detentora de uma licenciatura e atualmente está inscrita no programa de mestrado da Faculdade de Gestão e Estudos de Segurança de uma universidade polaca. Ela está na universidade há 3 semestres.
OUTRA PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é uma estudante, do género feminino, de 24 anos, inscrita no mesmo curso e vinda da Índia. Ela está na universidade há 3 semestres.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: o género, a idade, a futura profissão e o atual papel de estudante. Diferenças: a nacionalidade e o estatuto, como membro da sociedade (local vs. estrangeira).

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A conversa decorreu no apartamento de um dos membros da equipa.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Os outros membros da equipa presentes são dois colegas de turma da Ucrânia e do Uzbequistão que conheciam quer a narradora quer a rapariga que se sentiu ofendida.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Atualmente os estudantes indianos são os mais representados nas universidades polacas, entre os estudantes internacionais. Isto não implica, no entanto, que todos os estudantes polacos tivessem tido interação prévia com estudantes indianos, nem isto implica que os estudantes polacos estivessem familiarizados, de modo sistemático, com características culturais dos estudantes indianos.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Durante o trabalho de grupo, uma das estudantes (da Índia) mudou de um tópico para outro e enviou materiais irrelevantes.

O líder da equipa (da Polónia) pediu-lhe para se focar no tópico da reunião.

A estudante queixou-se de que a equipa não reconhecia os seus esforços e saiu do apartamento.

Policrónica/Orientação sincrónica do tempo: a estudante é de uma cultura sincronicamente orientada na qual as pessoas estruturam sincronicamente o tempo e usualmente fazem várias coisas ao mesmo tempo, permitindo que muitas coisas aconteçam simultaneamente. De acordo com ela, ela fez muito pela equipa, i. e. preparou muitos materiais.

Alto-contexto/comunicação indireta: a estudante é de uma cultura de alto-contexto na qual as pessoas valorizam a formalidade e a comunicação capaz de salvar a face s. De acordo com ela, o comentário da líder da equipa foi negativo. A líder da equipa queixou-se de que a colega não estava a focar-se o suficiente.

Coletivismo: a estudante é proveniente de uma cultura coletivista na qual a equipa e o trabalho de equipa desempenham um papel essencial. Segundo ela, a equipa não reconheceu os seus esforços e sentiu que não fazia parte da equipa.

“Rosto-Trabalho”: a estudante é de uma cultura na qual salvar a face é essencial, e é crucial lidar sensivelmente com a informação, sem ofender a outra pessoa. De acordo com ela, devido ao comentário da narradora de que ela deveria focar-se no tópico da reunião, ela sentiu-se posta em causa, porque, na sua opinião, isso significou que o que ela tinha feito até ali estava errado.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

A Universidade precisa de formar os estudantes na diversidade cultural e comunicação intercultural. Nesta situação, formar os estudantes em diferentes perceções do tempo e estilos de comunicação poderiam ajudar a evitar o resultado negativo da situação.

Pode ser uma boa ideia para professores que trabalham com grupos multiculturais, ajudar os estudantes a tornarem-se conscientes da amplitude de diferenças que eles podem esperar quando iniciam o trabalho de grupo e, à medida que eles se tornam conscientes das diferenças, eles podem chegar a um acordo sobre regras comuns.

Se os estudantes (locais e internacionais) não se tornarem conscientes das diferentes perceções de tempo e colaboração, e não aprenderem como negociar uma cultura de trabalho comum, irão ter problemas em trabalhar num local de trabalho diverso e internacional.



Incidente crítico

“Podias fazer melhor”

Polónia

“Podias fazer melhor”

Incidente crítico relatado por uma estudante universitária polaco-americana em Varsóvia, registado em 2019 pela SAN University

“Nós estávamos a preparar apresentações da equipa para um dos nossos cursos. No dia da apresentação, nós íramos ouvir vários discursos. Depois de cada uma das apresentações, nós tínhamos algum tempo para questões e comentários. Eu disse ao líder da segunda equipa que eles poderiam fazer melhor. Tive a oportunidade de ouvir algumas das outras apresentações realizadas pela mesma equipa e, na minha opinião, os seus discursos anteriores tinham sido muito mais bem preparados. De repente, ele levantou-me a voz e disse-me que eu não tinha o direito de comentar o desempenho da sua equipa pois só o professor pode comentar. Fiquei surpreendida e irritada.”

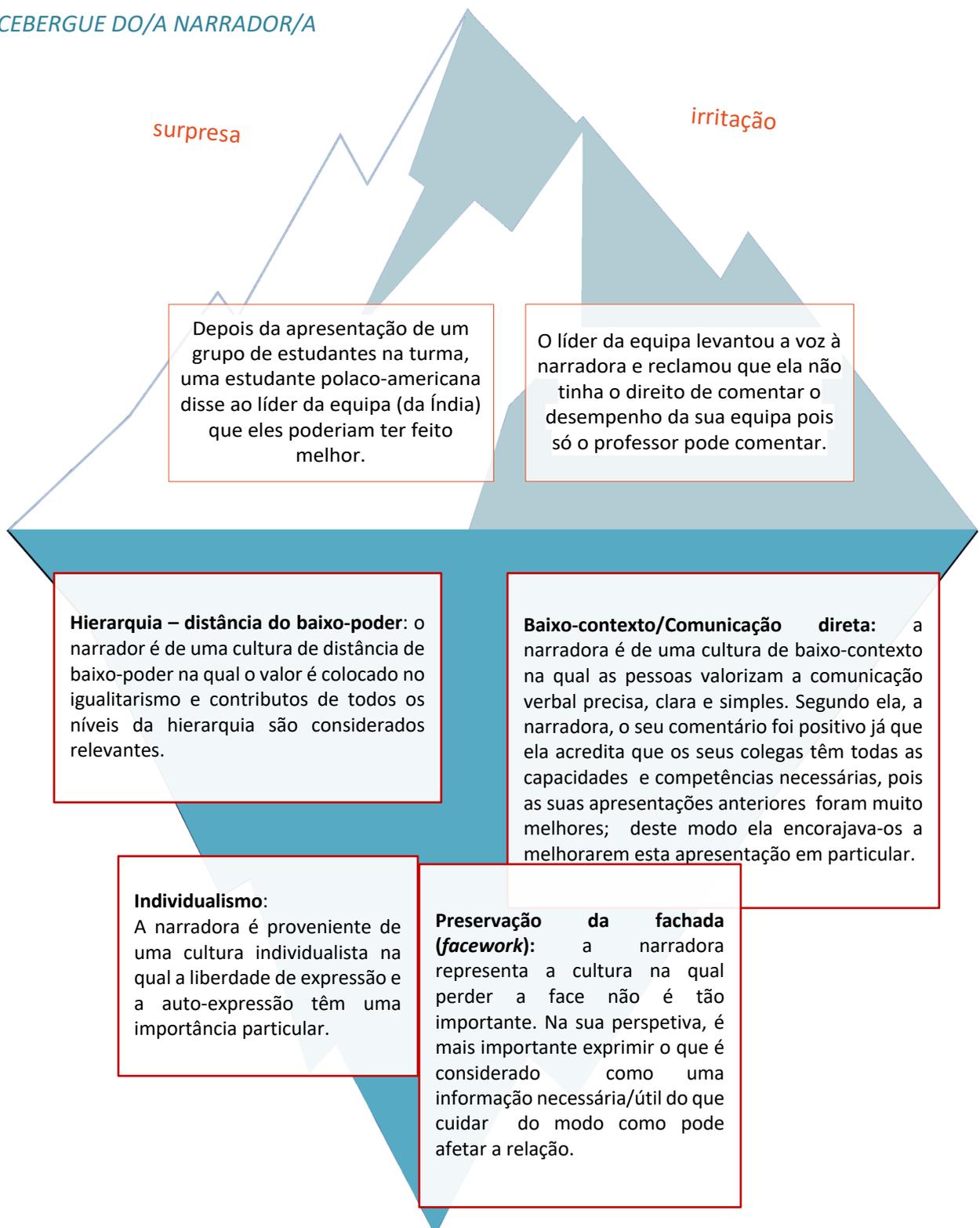
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma estudante feminina de 27 anos com dupla nacionalidade (polaco-americana), doutorada, atualmente inscrita no curso de mestrado da faculdade de Gestão e Estudos de Segurança de uma universidade polaca. Ela está na universidade há 3 semestres.
OUTRA PESSOA	A pessoa que provocou o choque é um estudante da Índia, de 24 anos de idade, detentor de mestrado, inscrito no mesmo curso. Ele está na universidade há 3 semestres.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: idade, futura profissão e o atual estatuto de estudante. Diferenças: o género, as qualificações académicas, a nacionalidade e o seu estatuto como membro da sociedade (local vs estrangeiro).

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A interação verbal teve lugar durante uma das aulas.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estavam presentes aproximadamente 30 outros estudantes na sala de aula: colegas de turma, que conheciam quer o narrador quer o líder de equipa e outros membros da equipa. O professor também estava presente.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Atualmente os estudantes indianos são os que estão mais representados nas universidades polacas, entre os estudantes internacionais. Isto não implica, contudo, que todos os estudantes polacos tivessem interação prévia com os estudantes indianos, nem implica que eles estivessem familiarizados, de modo sistemático, com características culturais dos estudantes indianos.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Depois da apresentação de um grupo de estudantes na turma, uma estudante polaco-americana disse ao líder da equipa (da Índia) que eles poderiam ter feito melhor.

O líder da equipa levantou a voz à narradora e reclamou que ela não tinha o direito de comentar o desempenho da sua equipa pois só o professor pode comentar.

Preservação da fachada (*facework*): o estudante é de uma cultura na qual não ferir suscetibilidades é essencial, e é crucial lidar com a informação sensivelmente sem ofender a imagem do outro. Na perspetiva do estudante, devido ao comentário da narradora “tu poderias fazer melhor”, ele perdeu o respeito dos outros, foi humilhado. Sendo o líder da equipa, ele foi pessoalmente responsável pelo desempenho da equipa.

Hierarquia – Distância do alto-poder:

o estudante é de uma cultura com distância em relação ao alto poder na qual os estudantes tratam os professores com um respeito/ deferência reservado às pessoas de elevado estatuto. Segundo ele, apenas o professor, que está num patamar mais elevado, pode comentar o desempenho da sua equipa. his team performance.

Alto-contexto/comunicação indireta:

o estudante é de uma cultura de alto-contexto na qual as pessoas valorizam a formalidade e a comunicação com contenção de sentimentos negativos. Segundo ele, o seu comentário (da narradora) foi negativo e ofendeu-o a ele e à sua equipa pois, deste modo, ela sublinhou que a apresentação não estava bem feita.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

A Universidade precisa de formar os estudantes em diversidade cultural e comunicação intercultural. Por exemplo, organizar reuniões/oficinas de trabalho em diferentes estilos de comunicação (direta vs indireta, alto-contexto vs baixo contexto) e no conceito de preservação da fachada (*facework*).

A Universidade pode também introduzir procedimentos de mediação de conflitos e o pessoal com experiência pode servir de mediador em situações de conflito como esta, entre os estudantes.



Incidente crítico

“Cartão de visita no
bolso de trás”

Polónia

“Cartão de visita no bolso de trás”

Incidente crítico relatado por uma funcionária da Universidade em Varsóvia, registado em 2019 pela SAN University

“Eu trabalhei no gabinete de admissões internacionais. Uma vez um estudante chinês do programa de MBA veio ao gabinete. Aparentemente estava num excelente estado de humor. Ele sorria muito. A razão era que ele queria convidar-me para a abertura do seu novo negócio. Ele ainda me deu o seu cartão identificativo da empresa. Havia muitos papéis na minha secretária e, portanto, eu coloquei o seu cartão da empresa no meu bolso de trás. Eu agradeci-lhe pelo convite e disse-lhe que daria o meu melhor para comparecer. De repente, reparei que o estudante parou de sorrir, disse adeus sem olhar para mim e saiu. Eu fiquei surpreendida.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	A narradora é uma mulher polaca de 25 anos de idade que trabalha como especialista no gabinete de admissões internacionais. Ela tem um mestrado e trabalha na Universidade desde há dois anos.
OUTRA PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é um estudante chinês de 30 anos, detendo uma licenciatura, inscrito no programa de MBA. Ele está na universidade há dois anos.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a sua ligação à Universidade. Diferenças: a sua idade, o seu papel na Universidade, as qualificações que eles já possuem, a sua nacionalidade, o seu estatuto como membros da sociedade (local vs. estrangeiro).

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A conversa decorreu no gabinete de admissões internacionais.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Mais ninguém estava presente.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

surpresa

O estudante chinês repentinamente deixa de sorrir, deixa de estabelecer contacto ocular e sai quando a narradora promete “fazer o seu melhor” para ir ao evento para o qual está a ser convidada e coloca o cartão da empresa dele no seu bolso de trás.

Baixo-contexto/comunicação direta: a narradora é de uma ‘cultura de baixo-contexto’ na qual as pessoas valorizam uma comunicação verbal precisa, simples e clara. De acordo com ela, a sua atitude em relação ao estudante foi positiva - ela agradeceu ao estudante pelo convite e prometeu fazer o seu melhor para comparecer na abertura do seu novo negócio. Ela queria ir. Colocou o cartão da empresa no seu bolso de trás na medida em que não havia espaço na sua secretária; nem sequer pensou que este gesto pudesse ter um qualquer significado e ser mal interpretado

A cortesia é importante, mas ela é expressa através de mensagens verbais, contacto ocular e o ato de sorrir.

Cartões de empresa são ferramentas de comunicação, que suportam informação útil e prática. O objeto em si mesmo não é importante, apenas a informação que está inscrita nele.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

O estudante chinês repentinamente deixa de sorrir, deixa de estabelecer contacto ocular e sai quando a narradora promete “fazer o seu melhor” para ir ao evento para o qual está a ser convidada e coloca o cartão da empresa dele no seu bolso de trás.

‘Alto-contexto’/comunicação indireta: o estudante é proveniente duma cultura onde o estilo de comunicação de alto-contexto é dominante, na qual as pessoas valorizam a formalidade e a comunicação não verbal é tão importante na transmissão da mensagem como a verbal. O estudante pode ter percebido a resposta como uma rejeição atenciosa ao seu convite, na medida em que ela prometeu “fazer o seu melhor”, o que é uma forma educada de dizer “não”.

Compostura (facework): o estudante é de uma cultura na qual a harmonia relacional e a comunicação alinhada com a deseabilidade social são importantes. Isto implica que a comunicação coloca a ênfase no atender às preocupações da outra pessoa (desculpas, explicações, ...).

Cartões de empresa representam a identidade das pessoas e, por isso mesmo, devem ser tratados com respeito e consideração. Colocar o cartão da empresa de alguém no bolso é um claro sinal de desrespeito.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

A Universidade precisa de formar quer os colaboradores quer os estudantes na diversidade cultural e comunicação intercultural. Por exemplo, organizar reuniões de trabalho em diferentes estilos de comunicação (direta vs indireta, alto-contexto vs baixo contexto) e o conceito de 'facework'. Estas sessões não devem focar-se apenas nos estudantes internacionais, em vez disso devem tornar-se uma oportunidade para todos os estudantes e membros colaboradores explorarem juntos a diversidade cultural.



Incidente crítico

“Elogiada perante a
turma”

Polónia

“Elogiada perante a turma”

Incidente crítico relatado por um docente da universidade polaca em Varsóvia, registado em 2019 pela SAN University

“Eu era professora de um curso de Marketing Global. Os estudantes ocuparam-se com os trabalhos individuais durante a aula. Depois eu pedi-lhes para apresentarem resultados. Eu estava animada pelo excelente desempenho de uma estudante tailandesa, e elogiei-a à frente dos seus colegas de turma. Fiquei surpreendida com a sua resposta “A professora embaraçou-me”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	O narrador é uma mulher polaca de 42 anos, doutorada, trabalhando como docente universitária na Faculdade de Gestão de uma universidade de Varsóvia.
OUTRAS PESSOA	A pessoa que está a provocar o choque é uma estudante do género feminino de 23 anos, licenciada, e inscrita no mesmo curso, proveniente da Tailândia. Está há um ano na universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: o género e a sua ligação à Universidade. Diferenças: a idade, as qualificações académicas que já têm, a nacionalidade, o seu estatuto como membro da sociedade (local vs estrangeira).

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	A conversa decorreu durante uma aula.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estavam aproximadamente 25 outros estudantes na sala de aula: colegas de turma que conheciam a estudante.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

surpresa

Uma estudante tailandesa queixa-se por se sentir envergonhada quando a docente a elogia pelo seu excelente desempenho durante uma apresentação na aula.

Desafio e reconhecimento são essenciais: a narradora é de uma cultura na qual é natural exprimir elogios aos alunos excelentes e os estudantes valorizam bastante o seu desempenho. Segundo ela, o excelente desempenho da estudante tailandesa deveria ser apreciado, e esperava-se que a estudante estivesse orgulhosa de si própria.

Orientação individualista: a narradora é de uma sociedade individualista na qual é importante reconhecer o desempenho individual. O sucesso é, acima de tudo, uma questão de esforço pessoal, o qual é comunicado e é a fonte de estatuto e de orgulho.

Baixo-contexto/Comunicação verbal direta: as mensagens são comunicadas verbalmente de uma forma simples e direta. É natural e esperado valorizar explicitamente os excelentes estudantes.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Uma estudante tailandesa queixa-se por se sentir envergonhada quando a docente a elogia pelo seu excelente desempenho durante uma apresentação na aula.

Modéstia é essencial: a estudante é de uma cultura na qual é natural valorizar os estudantes mais fracos, para os encorajar, mais do que abertamente, elogiar os bons estudantes. Os estudantes subvalorizam ligeiramente o seu desempenho. Por essa razão ela se sentiu envergonhada.

Orientação coletivista: a estudante é de uma cultura cujos valores assentam mais na interdependência e no coletivismo do que no individualismo. O desempenho e o sucesso são vistos como esforços de equipa. Destacar os indivíduos é uma fonte de embaraço, mesmo se por uma avaliação positiva.

Comunicação de alto-contexto: as mensagens usam mais comunicação não verbal e contextual por oposição à troca verbal direta.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

A Universidade precisa de formar quer os seus trabalhadores, quer os estudantes, em diversidade cultural e comunicação intercultural. Por exemplo, organizar reuniões de trabalho em diferentes estilos de comunicação (direta vs indireta, alto-contexto vs baixo contexto). Estas sessões não devem focar-se só nos estudantes internacionais, em vez disso devem tornar-se uma oportunidade para todos os estudantes e trabalhadores explorarem em conjunto a diversidade cultural.



Incidente crítico

“Tratamento Académico”

Portugal

“Tratamento Académico”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

Estávamos na sala de aula, a falar sobre vários assuntos e eu referi-me à professora pelo seu primeiro nome. A minha colega ficou chocada. Interrompeu-me, dizendo que em Portugal o professor é tratado por Doutor ou Professor. Eu fiquei surpreendida e disse-lhe que este era o tratamento que eu normalmente utilizava e que o respeito não tem nada a ver com o facto de o tratamento ser formal. Naquele momento, senti-me num teatro: nos café e corredores, a minha colega falava sobre os professores de forma desrespeitosa, mas à frente deles, na sala de aula, ela tratava-os por Doutor ou Professor.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, a narradora lusobrasileira tem 38 anos. Está em Portugal há um ano e é casada. A sua língua nativa é o português. É estudante de Educação na universidade.
OUTRA PESSOA	Mulher portuguesa, com 48 anos de idade. A sua língua nativa é o português e é estudante de Educação na universidade.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: o género e o facto de estarem inscritas na mesma universidade e na mesma disciplina. Diferenças: o país de origem, a sua idade e o seu estatuto (imigrante vs. nativa) em Portugal.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	O episódio aconteceu numa sala de aula na universidade, no intervalo.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes que não participaram na conversação.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	O Brasil conquistou a independência de Portugal em 1822 e, apesar das fortes conexões mantidas entre os dois países, o Brasil desenvolveu-se independentemente de Portugal, com muitas outras influências culturais. Nos últimos dez anos, muitos brasileiros têm vindo a imigrar para Portugal, participando nos cursos e programas das universidades portuguesas. Muitos estudantes internacionais na Universidade do Porto são brasileiros. Há algumas aulas do Mestrado em Ciências da Educação em que a maioria dos estudantes são brasileiros.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Estranheza

Surpreendida

Impressão de inautenticidade

A narradora refere-se à professora pelo seu primeiro nome.

Uma colega chama a atenção para o incumprimento das regras de tratamento formal/ académico.

Ao mesmo tempo, esta colega refere-se frequentemente à professora de forma desrespeitosa na sua ausência.

COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL, INFORMAL:

Dirigir-se às pessoas pelo primeiro nome (sem usar o “título” antes do primeiro nome) é uma maneira respeitosa de tratar o outro, personalizando o tratamento. É aceitável descartar o título antes do primeiro nome, porque isso torna o relacionamento mais pessoal e menos formal. O informal é percebido como melhor, mais honesto e mais autêntico pela narradora, em comparação com o tratamento formal, que cria uma distância maior entre as partes. Como a comunicação da narradora é principalmente informal, ela não “precisa” de regras formais para conversar com as pessoas com as quais está em contacto diário. Para ela, a pessoa vale mais do que a posição ou função que ocupa e respeita as pessoas por quem elas são.

INDIVIDUALISMO:

Colocar a ênfase na pessoa e não no seu papel está alinhado com a tendência, um pouco mais forte no Brasil do que em Portugal, para o individualismo (de acordo com o modelo de comparação cultural de Hofstede).

RELAÇÃO DE PODER: DISTÂNCIA vs IGUALDADE

Num ambiente educativo, particularmente numa aula de mestrado em Educação, as relações de poder são menos distantes, porque há menos alunos nos cursos de mestrado e é mais fácil construir relações. Além disso, a ênfase pode estar em marcar a igualdade entre professores e alunos como (futuros) colegas, em vez de marcar a diferença de status. Para a narradora, neste ambiente específico de aprendizagem, as relações não devem ser hierárquicas.

RESPEITO:

O respeito está na atitude e não na forma (no “teatro”). O respeito não depende de validar formalmente o papel e a posição do outro, mas de reconhecer o outro como pessoa. Isto não deve mudar em função da presença ou não da outra pessoa: a narradora tem e expressa o mesmo respeito pela professora em ambas as situações. A mudança de tratamento por parte dos outros estudantes, respeitando os professores apenas quando estes estão presentes, é percebida pela narradora como um comportamento falso e incoerente.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO:

Para a narradora é importante poder dizer o que pensa e expressar a sua opinião. A opinião dela vale tanto quanto a da colega; portanto, ela não se envergonha do que aconteceu, mas reivindica a sua liberdade para dizer o que pensa.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A narradora refere-se à professora pelo seu primeiro nome.
Uma colega chama a atenção para o incumprimento das regras de tratamento formal/ académico.
Ao mesmo tempo, esta colega refere-se frequentemente à professora de forma desrespeitosa na sua ausência.

PREFERÊNCIA PELA COMUNICAÇÃO FORMAL:

Diferentes contextos sociais implicam regras e formas de comunicação diferentes, e essas formas devem ser respeitadas. Não cabe ao indivíduo escolher. Numa relação profissional, como a relação professor-aluno, abordar as pessoas pelo primeiro nome (sem usar o "título") é desrespeitoso.

EXPECTATIVA DE ACULTURAÇÃO:

Os recém-chegados de outra cultura devem adaptar-se a certas regras da cultura local e é normal os "nativos" ajudarem no processo, apontando os "passos em falso" culturais. De facto, a estudante portuguesa pode ter visto uma oportunidade para informar a narradora. Talvez as regras de comunicação e tratamento dos professores não fossem conhecidas pela aluna (narradora), então a colega aproveitou o episódio para fazer a passagem de informação e contribuir assim para facilitar a vida da narradora no futuro.

RESPEITO E CORTESIA

Para a outra pessoa, o valor da cortesia foi ameaçado quando o narrador usou o primeiro nome do professor. Ela considera educado respeitar posições e funções oficiais, possivelmente porque é preciso muito esforço para as pessoas chegarem lá. De qualquer forma, o título do professor é um fator importante para o papel que desempenha, e uma comunicação respeitosa implica validar o papel que está a desempenhar.

HIERARQUIA:

A relação professor-aluno é assimétrica e essa diferença de estatuto é importante, não deve ser diminuída ou ocultada, mas validada durante a comunicação. Espera-se que os alunos abordem formalmente os professores, validando sempre essa diferença de estatuto.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

A professora da turma agiu com naturalidade, o que pode ter legitimado o tratamento informal adotado pela narradora. Esta é provavelmente uma boa maneira de incentivar uma abordagem de abertura à diversidade cultural nas instituições de ensino superior.

A situação ilustra diferentes expectativas culturais em relação à cortesia, ao respeito e à autoridade e como estas influenciam as relações interculturais. Muitos dos conflitos em contextos transculturais surgem porque os protagonistas (apesar de sentirem respeito um pelo outro) têm regras e preferências diferentes em relação à manifestação de respeito.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Para aulas com grupos heterogêneos, pode ser uma boa prática fazer uma ronda de apresentação, explicitando qual é a maneira como cada um prefere ser tratado/a.

A cortesia - incluindo saudação, a forma como as pessoas se referem umas às outras e formalidades - poderia ser parte de um treino de boas-vindas / orientação para estudantes internacionais.



Incidente Crítico

“FILMES AFRICANOS”

Portugal

“FILMES AFRICANOS”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“Numa das aulas do mestrado, a professora estava anotando títulos de filmes que os alunos deveriam apresentar durante o semestre, para servir de avaliação do módulo. Cada grupo dizia o título de um filme e explicava um pouco sobre o assunto tratado, porque a professora precisava verificar se o título estava relacionado com o módulo e se era adequado para a análise a ser apresentada posteriormente. A maioria dos filmes sugeridos era americana, portuguesa e inglesa. Na minha vez, sugeri um filme típico de África. Enquanto tentava explicar o filme, a professora gritou num tom estranho e diferente: “Não preciso que você conte a história toda. Se eu quisesse saber tudo, eu via o filme”. Fiquei chocado. Alguns dos meus colegas olharam para mim, depois olharam para ela de uma maneira esquisita, para mostrar à professora que estava sendo agressiva comigo. Eu pensei que talvez o título fosse suficiente, mas os outros colegas estavam explicando os seus filmes sem serem interrompidos. Eles disseram praticamente tudo sobre os seus filmes. Isso deixou-me muito triste e pouco interessado em ficar até ao fim da aula porque eu senti que ela não tinha gostado do facto de eu ter escolhido um filme que tinha muito a ver com o contexto africano e porque a forma como ela se dirigiu a mim foi muito diferente e muito estranha. No fim da aula, muitos colegas se solidarizaram comigo e logo tive certeza de que eu não estava enganado, houve uma abordagem exaltada por parte da professora.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, o narrador, que é um homem de Moçambique, tem 28 anos. A sua língua nativa é o português e ele encontrava-se numa universidade portuguesa há 7 meses. É estudante de um curso na área da educação.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa é uma mulher portuguesa com cerca de 60 anos. A sua língua nativa é o português e ela é professora e investigadora na universidade, na área da Educação, há muitos anos.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a língua nativa e a faculdade de Educação. Diferenças: país de origem, estatuto em Portugal (imigrante vs. nativo), idade, género, profissão e tempo na presente universidade.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula convencional. Aula de mestrado com grupo de estudantes heterogéneo / multicultural
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes de Portugal, do Brasil, de Angola e da Irlanda.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Desmotivado

Surpreso

Triste

Sente-se atacado

Numa aula de mestrado com estudantes de diferentes nacionalidades, o estudante de Moçambique sugeriu um filme africano.

A professora interrompeu a sua explicação.

O estudante ficou em silêncio.

COMUNICAÇÃO:

Espera-se uma comunicação respeitosa entre professora e estudantes. O tom agressivo não é expectável neste contexto. É expectável que a comunicação profissional na universidade seja respeitosa e calma.

IDADE E RESPEITO:

As pessoas mais velhas devem ser respeitadas pelas mais novas.

DIVERSIDADE DE CONHECIMENTO:

A professora deveria ter sido recetiva a diferentes tipos de conhecimento. Culturas diferentes produzem conhecimento válido. O valor do narrador – o conhecimento é diverso – foi ameaçado naquele momento.

HIERARQUIA INSTITUCIONAL:

Numa sala de aula, a professora detém o poder institucional e pedagógico, a palavra final é sua.

EXPECTATIVA DE TRATAMENTO IGUAL E UMA CULTURA DE ACOLHIMENTO

O estudante tinha a expectativa de ser tratado da mesma forma que os colegas ao apresentar ideias sobre filmes. Como foi o único a ser interrompido, ele sentiu-se excluído e tratado de modo desigual – o que talvez justifique a razão por que ficou em silêncio. Além disso, ele esperava uma cultura de acolhimento em Portugal, em que as pessoas também se interessam pela suas ideias e pelo seu conhecimento específico. A professora poderia ter tido especial interesse no seu filme porque ela não o conhecia ou porque era diferente dos demais. Em vez disso, o seu comportamento não foi acolhedor para com o estudante.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Numa aula de mestrado com estudantes de diferentes nacionalidades, o estudante de Moçambique sugeriu um filme africano.

A professora interrompeu a sua explicação.

O estudante ficou em silêncio.

QUADRO COLONIALISTA:

A academia não reconhece o valor científico e artístico das produções não ocidentais.

É possível que a professora pense que um filme africano é um filme de má qualidade que, por isso, não contribui para o conhecimento científico.

HIERARQUIA INSTITUCIONAL:

A professora tem legitimidade para definir as regras e a dinâmica da aula.

EUROCENTRISMO:

A professora pode não estar consciente de outras formas de conhecimento de fora do mundo ocidental e, portanto, etnocêntrico.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Os professores não estão a mobilizar autores de outros contextos culturais e isso influencia a credibilidade que o professor dá às contribuições de estudantes internacionais, principalmente, às contribuições do Sul Global.

**POSSÍVEIS
SOLUÇÕES**

Seria importante conscientizar a academia sobre a necessidade de lidar com recursos e materiais de outras geografias.

É urgente pluralizar o conhecimento e mobilizar esses recursos e materiais nas Instituições de Ensino Superior.



Incidente Crítico

“A LÍNGUA”

Portugal

“A LÍNGUA”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“Estávamos a meio de uma aula de mestrado, num grupo com grande diversidade étnica. Fazia pouco tempo que as aulas tinham começado e nós ainda estávamos a conhecer-nos uns aos outros. Durante o intervalo, havia alunos de Cabo Verde, Angola, Portugal e Brasil – eu não era o único brasileiro na ocasião. Por sermos de países distintos e falarmos todos a mesma língua, começamos um interessante debate sobre as variações linguísticas de cada um. Em meio a conversa, uma colega brasileira, professora, mencionou sentir muita falta de dar aulas e indagou a outra rapariga, portuguesa, o que seria preciso fazer para dar aulas em Portugal. Imediatamente, um rapaz, também português, retorquiu «Filho meu jamais teria aula de português com brasileira!». A resposta atravessada gerou um debate ainda maior do que já se tinha iniciado e, perante o desacordo, algumas frases fora de contexto foram proferidas, coisas do género «Vocês, brasileiros, deturparam muito a língua!». Entre um argumento e outro, o clima ficou pesado e voltamos para a sala de aula, praticamente em silêncio. Éramos poucos e a professora perguntou o que se tinha passado porque notou uma tensão no ar. A colega brasileira contou parte do que tinha ouvido, ao que a professora afirmou «Só alguém com pouca cultura diria isso». Ela não sabia que as afirmações vinham dos próprios colegas. A aula decorreu num clima pouco ameno e jamais se voltou a discutir o português nos intervalos.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	Na altura do incidente, o narrador, que é um homem brasileiro, tinha 26 anos. A sua língua nativa é o português (BR) e ele estava na universidade há alguns meses. Estava a tirar o mestrado em Educação. É professor.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa era um português de aproximadamente 29 anos. A sua língua nativa é o português (PT) e estava a tirar o mestrado em Educação, ainda nos primeiros meses. É economista.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: campo de estudo, idade, género, estatuto de estudante e o tempo passado na universidade. Diferenças: o país de origem, a língua nativa e a profissão.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	O incidente aconteceu no pátio, durante um intervalo.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes de diferentes nacionalidades – brasileiros, africanos e portugueses.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	O Brasil conquistou a independência de Portugal em 1822 e, apesar das fortes conexões mantidas entre os dois países, o Brasil desenvolveu-se independentemente de Portugal, com muitas outras influências culturais. Nos últimos dez anos, muitos brasileiros têm vindo a migrar para Portugal, registando-se em cursos e programas nas universidades portuguesas. Muitos dos estudantes internacionais da Universidade do Porto são brasileiros. Em algumas turmas do Mestrado em Ciências da Educação, os brasileiros são a maioria.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Desconforto

Discriminação

Desvalorização

Uma estudante brasileira questiona o que é preciso para ser professora em Portugal. Um estudante português afirma que não quer que os seus filhos tenham uma professora brasileira. O grupo reage, a discussão segue, e os portugueses afirmam que os brasileiros distorceram a língua portuguesa.

AMEAÇA IDENTITÁRIA:

O comentário da estudante portuguesa associa todos os brasileiros a uma identidade negativa, a de “distorcer a língua”. Esta é uma ameaça identitária para a estudante brasileira na situação e, por associação, também para o narrador. Uma ameaça adicional revela-se como ameaça à futura identidade profissional: ao declarar que ninguém teria uma aula de português com uma brasileira, o colega coloca em risco um potencial plano profissional de ensino em Portugal.

DIVERSIDADE DE CONHECIMENTO:

Diferentes culturas produzem conhecimento válido. Ao desvalorizar a variante brasileira da língua portuguesa, o estudante português, de alguma forma, desvaloriza a cultura brasileira. A diversidade de idiomas é explicada culturalmente e não determina a validade do conhecimento produzido.

COLONIALISMO DA LÍNGUA:

O narrador brasileiro valoriza a diversidade e a evolução da língua portuguesa. A língua não é estática. A língua é dinâmica. Hierarquias de língua – o narrador não compreende a atribuição de hierarquia entre as diferentes variantes da língua portuguesa, antes valoriza cada uma delas na sua diferença. Ele aceita as diferenças sem hierarquizá-las.

ESPÍRITO COLABORATIVO:

O estudante pode ter esperado que todos estivessem “no mesmo barco” e compartilhassem experiências, amizade ou colaboração. No entanto, este incidente mostra que havia uma clara oposição em relação a si como um falante de português não europeu, portanto, o seu valor de colaboração poderia encontrar-se ameaçado.

EXPECTATIVA DE DISCRIMINAÇÃO:

O estudante brasileiro pode não ter esperado ser discriminado num país como Portugal, com o mesmo idioma. Talvez ele tenha optado por ir para Portugal por causa da semelhança linguística, a fim de facilitar sua vida estudantil.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Uma estudante brasileira questiona o que é preciso para ser professora em Portugal. Um estudante português afirma que não quer que os seus filhos tenham uma professora brasileira. O grupo reage, a discussão segue, e os portugueses afirmam que os brasileiros distorceram a língua portuguesa.

COLONIALISMO DA LÍNGUA:

O estudante português pressupõe que o português europeu seja a versão válida da língua portuguesa em detrimento das demais variantes, consideradas inferiores.

COLONIALISMO DO CONHECIMENTO:

A expressão do conhecimento numa variante diferente da língua do estudante português é suficiente para ele desvalorizar a relevância científica da professora brasileira.

PROTEGENDO A SUA PRÓPRIA CULTURA:

O estudante teve a forte sensação de ter que se proteger de influências de fora do país e de outras influências linguísticas. Ele talvez sinta a sua própria cultura ameaçada pela imigração.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

Este episódio destaca a necessidade de se cultivar uma consciência multicultural por parte dos estudantes locais, de maneira a que se desconstrua uma visão de si próprios como sendo superiores aos estudantes estrangeiros.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Pode ser interessante ter algumas reflexões sobre a diversidade linguística da língua portuguesa numa universidade com tantos estudantes de ex-colónias portuguesas. Seria necessário trabalhar para aumentar a conscientização sobre as diferenças e, em particular, sobre o estatuto associado às diferentes variantes linguísticas.



Incidente crítico

“Não és tão bom como os portugueses”

“Não és tão bom como os portugueses”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“Durante a aula, a professora perguntou quem havia se candidatado a uma bolsa de investigação, num concurso que havia decorrido na faculdade. Eu disse que tinha, mas que a minha candidatura não tinha sido avaliada e não sabia o porquê. Ela disse que não era nenhuma surpresa, porque minha classificação final provavelmente era mais baixa que a dos portugueses. Fiquei chocada com a arrogância. Disse a ela qual era minha classificação e afirmei que era uma nota muito alta, para além de afirmar que tinha uma trajetória mais experiente do que a dos colegas da mesma classe. Nesse dia, alguns colegas portugueses apoiaram-me. Eles acharam que era preconceito; foi um julgamento prévio de alguém que não conhecia meu histórico, mas o julgou de menos qualidade do que o dos portugueses.”

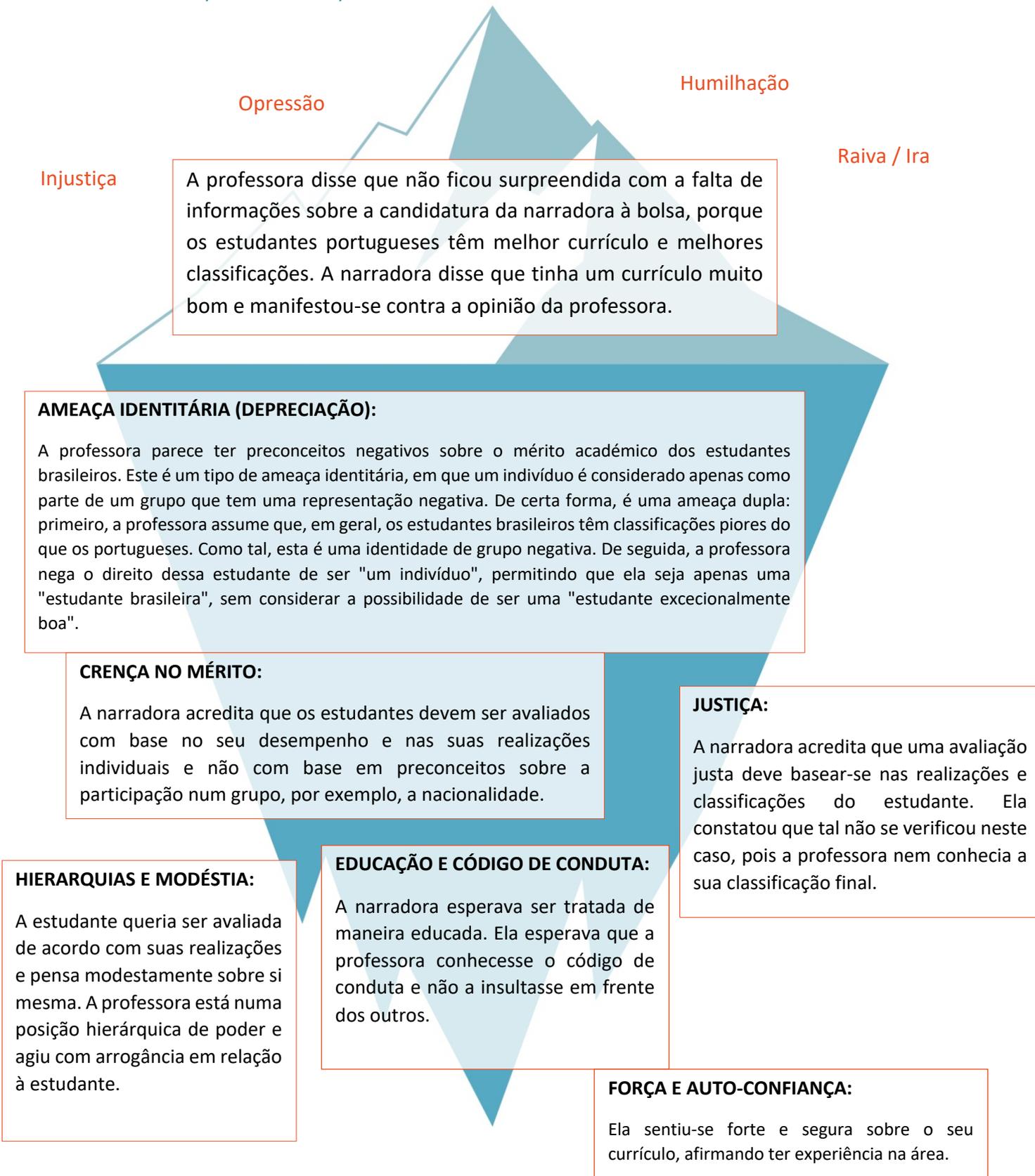
PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	Na altura do incidente, a narradora, que é uma mulher luso-brasileira, tinha 23 anos. A sua língua nativa é o português (BR) e ela estava na universidade há 7 meses. Era aluna de mestrado na Faculdade de Educação da Universidade do Porto.
OUTRA PESSOA	A outra pessoa é uma mulher portuguesa de 60 anos. A sua língua nativa é o português (PT) e ela é professora na Faculdade de Educação. Está nesta faculdade há muitos anos.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a Faculdade de Educação e o género. Diferenças: país de origem, idioma nativo, profissão, idade, estatuto social (minoridade - maioria) em Portugal e o tempo na universidade atual.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes da mesma turma. A maioria é portuguesa.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	No contexto da instituição de ES, a equipa académica às vezes desvaloriza os estudantes brasileiros, aparentemente devido a diferenças de linguagem e estilos de comportamento (de alguma forma distantes da norma académica).

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A



ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

A professora disse que não ficou surpreendida com a falta de informações sobre a candidatura da narradora à bolsa, porque os estudantes portugueses têm melhor currículo e melhores classificações. A narradora disse que tinha um currículo muito bom e manifestou-se contra a opinião da professora.

PRECONCEITO:

Preconceito sobre o mérito académico de estudantes brasileiros. A professora parece convencida de que um estudante brasileiro não pode ter um currículo excelente.

POSIÇÃO DE PODER / ARROGÂNCIA:

A professora demonstra arrogância e soberba, aderindo ao estereótipo da norma académica europeia e dando como certo que os estudantes brasileiros não fazem parte desse “mundo”. Ela encontra-se integralmente no seu papel de professora mais velha, uma posição de poder, e demonstra isso à estudante. Ela vê a sua opinião e julgamento como parte do seu papel, da sua profissão e da sua vasta experiência como professora. Ela pode até considerar que a sua opinião é baseada na evidência.

COMPETITIVIDADE:

A professora valoriza muito a competitividade e quer levar os estudantes a mais conquistas.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O poder está fortemente presente no relacionamento pedagógico da universidade, havendo professores ainda profundamente orientados por visões estereotipadas do comportamento, dos idiomas e do desempenho académico dos estudantes internacionais.

Existe uma visão eurocêntrica do conhecimento e da vida em geral, depreciando aqueles que não se enquadram nesse olhar e figurino mental europeus.

A tradição pedagógica e as identidades académicas mais antigas são grandes obstáculos à inclusão de estudantes internacionais.



Incidente crítico

“SER ESTEREOTIPADO”

Portugal

“SER ESTEREOTIPADO”

Incidente crítico relatado por um estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“Primeiro ano do doutoramento. Em uma das cadeiras, era habitual recebermos professores convidados. A certa altura, um renomado académico do norte da Europa veio falar sobre um conjunto de temas relacionados com o ensino e a aprendizagem em contexto formal. Na minha turma, havia muitos brasileiros, assim como portugueses, e alguns africanos. Enquanto o professor falava, duas raparigas entraram na sala. Ele parou de falar imediatamente e perguntou se eram brasileiras. Frustrado com a resposta de que eram portuguesas, ele emendou «No Brasil, as pessoas nunca são pontuais». Achei despropositado, mas encarei como uma piada. O problema foi que o professor continuou a referir estereótipos sobre o país. Na continuação da aula, por uma razão que já não recordo, o professor afirmou que os brasileiros nunca seguem as regras e que era normal que ultrapassassem o sinal vermelho no trânsito. Na sala, era possível observar algum desconforto, mas ninguém ousou confrontar o senhor. Quando achávamos que ele já tinha esgotado seu repertório, ao discutir um tópico académico ele decidiu, por conta própria, que era passada a altura de os educadores brasileiros superarem a ditadura e a enterrarem no seu passado. Nesse momento, nem toda a gente permaneceu quieta e o debate esquentou um pouco. No fim da aula, houve grande repercussão acerca das palavras e do desrespeito do professor, que assumiu ter conhecimento sobre a realidade brasileira. Um facto curioso é que a posição académica desse professor é contra a negação do lugar do outro ou o reforço do colonialismo, algo que claramente ele não conseguiu exercer na sua fala enquanto orador. Não tendo confrontado o académico naquela ocasião, optei por um protesto silencioso. Durante algum tempo, evitei mencionar o meu trabalho, que me era relevante, nos meus artigos. Quando tive de fazê-lo, o fiz muito superficialmente, apenas registando o facto de que conhecia a obra!”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, o narrador, que é um homem brasileiro, tinha 30 anos. A sua língua nativa é o português e já estava na universidade portuguesa há 4 anos. Era estudante do mestrado em Educação. É imigrante e era casado.
OUTRA PESSOA	A pessoa que desencadeou o incidente era um homem de aproximadamente 40 anos. Não se sabe a sua nacionalidade, mas a língua nativa é o inglês. É professor universitário.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: género. Diferenças: país de origem, língua nativa, idade, profissão e educação.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Sala de aula tradicional da universidade. Contexto formal, com horário delimitado. Aula de doutoramento.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Cerca de 20 estudantes.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Uma aula de doutoramento deveria implicar maior balanço de poder e mais diálogo, mas isso é, em grande medida, dependente do professor. O professor em causa posiciona-se num paradigma de instrução tradicional e não num modelo dialógico.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Desconforto

Irritação

Numa aula de doutoramento, duas estudantes chegam atrasadas.
O professor pergunta se elas são brasileiras e elas dizem que não.
O professor associa os brasileiros com o não cumprimento de regras (estar atrasado, desrespeitar o semáforo).
Alguns estudantes confrontam-no. O narrador fica calado.

ESTEREÓTIPO:

A representação que o professor e o narrador têm dos brasileiros não coincide. Professores do ES não deveriam expressar estereótipos redutores / simplistas, independentemente de o grupo afetado estar presente ou não.

RECUSA DA GENERALIZAÇÃO:

A experiência que o professor teve no Brasil não pode implicar a generalização de certas características a toda a população brasileira.

EDUCAÇÃO/ CONHECIMENTO:

Era esperado que um professor do Ensino Superior, no domínio da Educação e das Ciências Sociais, tivesse um conhecimento mais bem informado e uma atitude mais sensível às questões culturais.

COMUNICAÇÃO RESPEITOSA:

Esperava-se que um professor universitário se expressasse sempre com respeito ao seu público.

HIERARQUIA:

Na aula, o professor administra o poder (a voz), logo, o estudante (narrador) ficou em silêncio. Os alunos não confrontaram o professor.

AMEAÇA IDENTITÁRIA:

O professor também sugere saber melhor do que os brasileiros o que deve ser feito. Trata-se de outro nível de tomada de poder sobre o outro, agora, num nível simbólico.

IDENTIDADE NEGATIVA:

O professor expressa generalização e estereótipos que retratam uma imagem bastante negativa do grupo cultural de onde o narrador vem.

PERSPETIVA PÓS-COLONIAL:

Da perspetiva pós-colonial do narrador, a diversidade cultural é reconhecida sem restrições hierárquicas. Nesta situação, há dissonância entre o discurso pós-colonial e as ações do professor.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Numa aula de doutoramento, duas estudantes chegam atrasadas.
O professor pergunta se elas são brasileiras e elas dizem que não.
O professor associa os brasileiros com o não cumprimento de regras (estar atrasado, desrespeitar o semáforo).
Alguns estudantes confrontam-no. O narrador fica calado.

HIERARQUIA:

In the use of his professional position he assumes that his speech has legitimacy.

ESTEREÓTIPO - GENERALIZAÇÕES:

O professor não entende que está a expressar um estereótipo porque o seu ponto de vista é fundamentado na sua experiência no Brasil. Ele não consegue expressar a sua experiência de um modo reflexivo (por exemplo, recorrendo a diferentes abordagens de perceção do tempo, monocrónico, policrónico, etc.); afirma-a numa forma vulgar e simplista.

DESEJO DE "EDUCAR OS BRASILEIROS" / SUBMETÊ-LOS A MODELOS EUROCÊNTRICOS:

O professor critica a não conformidade de certos comportamentos brasileiros em relação às mudanças sociais experimentadas. Esta poderia ser uma manifestação não refletida de etnocentrismo, em que os seus modelos são considerados "melhores" do que os brasileiros.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O estudante pensa em voz alta sobre a ausência de diálogo e sobre a rigidez da argumentação nesta situação, afirmando que deve haver mais diálogo, mais abertura, mais escuta na academia.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Mesmo sem perceber, alguns professores geralmente constroem a participação dos estudantes e as suas posições discordantes, porque os últimos desconhecem as consequências de sua eventual manifestação.

É importante desconstruir os preconceitos dos professores na universidade, além de descolonizar o currículo (nomeadamente, as relações professor-aluno).



Incidente crítico

“Nós e Eles”

Portugal

“Nós e Eles”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“Em uma aula de mestrado com dois horários, a professora permitiu que os estudantes optassem por se inscreverem em um ou outro horário - segunda ou terça-feira. A maioria dos estudantes escolheu a terça-feira. Devido ao desequilíbrio no número de alunos entre os dois horários, a professora pediu aos alunos que se voluntariassem para trocar para a turma de segunda-feira. Ninguém queria modificar sua escolha. Então, a professora disse que ninguém sairia da sala de aula até que esse problema ficasse resolvido. Numa abordagem autoritária, ela perguntou a cada estudante por que havia escolhido a terça-feira e por que não poderia comparecer à aula de segunda-feira. A professora havia dado a opção de todos escolherem e agora, sem critérios, ela decidia quem poderia ficar na terça-feira e quem deveria ir para a aula de segunda-feira. Foi então que o grupo de estudantes portugueses logo se juntou contra os estudantes estrangeiros: “Eles” não têm família, “eles” não têm mais nada para fazer aqui, “eles” não trabalham, “eles” moram perto da faculdade, “nós” estamos aqui há mais tempo que “eles”. Essa segregação entre “nós” e “eles” era frequente. Não apenas entre estudantes portugueses e estrangeiros, mas também entre os que cursaram a licenciatura na mesma faculdade - “estudantes da casa” - e os que não cursaram. Durante muitos anos não fui incluída no plural dos portugueses. Embora os documentos me atribuam todos os direitos e deveres de um português, meu sotaque denuncia que sou parte de um “eles” que não fará parte de “nós”.

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	Na altura do incidente, a narradora, que é uma mulher luso-brasileira, tinha 23 anos. Sua língua nativa é o português e ela estava na faculdade há 7 meses. Era estudante de mestrado em Educação.
OUTRA PESSOA	As outras pessoas eram, na sua maioria, estudantes portuguesas à volta dos vinte anos. A língua nativa delas é o português e eram estudantes do mestrado em Educação. Andavam na faculdade há cerca de 3 anos e 7 meses.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a língua, o género, o estatuto de estudante e a idade. Diferenças: o estatuto de minoria em Portugal e o tempo de estudo na universidade.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Uma sala de aula com a porta fechada, servindo como um espaço privado para professores e, de alguma forma, para os estudantes também.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Outros estudantes estrangeiros (incluindo brasileiros) e a professora
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	<p>Identidade profissional dos professores de ES e respetivas representações de autoridade. A professora, permitindo que os estudantes escolhessem um dos dois horários (segunda e terça-feira), não previa a possibilidade de uma distribuição desigual de estudantes entre eles; não assume que o procedimento proposto não fora adequado e refere-se com autoridade ao grupo para resolver o problema que criou.</p> <p>Criação de uma situação de grupo mínimo (Henri Tajfel) - o grupo de estudantes brasileiros e outros estrangeiros e o grupo de estudantes portuguesas - provocando competição social por identidade social (benefícios).</p>

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Tristeza

Raiva

Fúria

Humilhação

Estudantes portuguesas começaram a argumentar contra estudantes estrangeiros, defendendo que tinham mais direito do que os estrangeiros de permanecer na turma de segunda-feira, porque estes não têm família e outras tarefas em Portugal, e chegaram recentemente à faculdade.

Segregação e rejeição dos estudantes estrangeiros:

As estudantes portuguesas depreciam os estudantes estrangeiros, mas também todos os outros estudantes que concluem a licenciatura noutra faculdade / universidade; elas fecham-se em si mesmas e resistem a abrir-se para o "estrangeiro"; isto acontece principalmente com estudantes brasileiros, que são a maioria dos estudantes estrangeiros.

Identidade de grupo:

A segregação na faculdade e no grupo levou a um sentimento de exclusão por parte da narradora. Ela viu-se parte de uma identidade de grupo (eles), à qual não queria pertencer. O pensamento binário em "nós" e "eles" não deixou espaço para a diversidade de grupos sociais no campus, sendo claro que existem mais grupos do que apenas dois. Além disso, essa categorização nega a liberdade da estudante de se definir noutros termos que não a identidade de grupo, que também é uma forma de ameaça identitária.

Igualdade de escolha:

A narradora esperava que todas as escolhas dos estudantes tivessem o mesmo valor.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Estudantes portuguesas começaram a argumentar contra estudantes estrangeiros, defendendo que tinham mais direito do que os estrangeiros de permanecer na turma de segunda-feira, porque estes não têm família e outras tarefas em Portugal, e chegaram recentemente à faculdade.

Fechamento de identidade:

Sentindo-se ameaçado e superior, o grupo interno defende o fechamento e afirma sua própria identidade. Além disso, não percebe a diversidade como um valor agregado. A separação de todos os estudantes estrangeiros poderia ser percebida como uma perda, mas o grupo não o vê como tal, sugerindo que a classe homogênea pode até ser percebida como melhor.

Xenofobia:

Estudantes estrangeiros não podem questionar os direitos de pessoas autóctones; eles não têm os mesmos direitos, eles têm menos direitos, principalmente se for necessário compartilhar benefícios com eles.

Falta de empatia:

As estudantes podem não ter empatia pelos estudantes estrangeiros e pelo que fazem. Elas podem não ter conhecimento de que muitos estudantes precisam de fazer cursos adicionais ou aprender o idioma em paralelo, além de realizar muitas outras atividades.

Tentativa de beneficiar do estatuto de interno ("da casa"):

As estudantes sabiam que não havia critérios objetivos para a escolha, então tentaram aplicar outros critérios (particulares) para conseguir o que queriam.

Nacionalismo:

Como maioria autóctone, as estudantes portuguesas sentem que têm o poder de impor suas regras, demonstrando que o grupo externo tem melhores condições para participar da turma de terça-feira, usando o "estereótipo de estudante estrangeiro".

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

O **poder** está fortemente presente no relacionamento pedagógico da universidade, sendo os professores ainda profundamente direcionados por visões estereotipadas do comportamento do aluno, dos idiomas e do desempenho académico.

Existe uma visão **eurocêntrica** do conhecimento e da vida em geral, depreciando aqueles que não se enquadram nesse olhar e figurino mental europeus.

A tradição pedagógica e as identidades académicas mais antigas são grandes obstáculos à inclusão de estudantes internacionais.

Num **ambiente académico competitivo**, os estudantes tendem a restringir a sua aprendizagem aos resultados académicos e, por isso, tentam ter condições específicas para ter um desempenho melhor do que os outros.

Os estudantes demonstram que têm uma compreensão muito restrita da diversidade nas suas consequências.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Formação intercultural de conscientização para todos os estudantes no início dos semestres, independentemente de serem estudantes locais ou internacionais.



Incidente crítico

“SER PONTUAL”

Portugal

“SER PONTUAL”

Incidente crítico relatado por uma estudante internacional, no Porto, registado em 2019 pela Universidade do Porto

“O problema começou logo após iniciarmos o nosso trabalho em grupo, em 2015, para a unidade curricular Laboratório de Cultura e Ciência. Éramos quatro pessoas e deveríamos marcar reuniões para conversar e fazer o projeto juntas num café perto da faculdade. O problema era a “pontualidade”. Parecia bastante impossível para as colegas do meu grupo chegarem a horas e eu tinha de esperar por elas cerca de 30 minutos ou, às vezes, 1 hora. Aconteceu várias vezes e comecei a cansar-me da situação. Sentia que elas não me respeitavam, nem respeitavam o meu tempo. Enviei-lhes uma mensagem e expliquei que tinha compromissos pessoais e que esperaria por elas e ficaria lá apenas pelo tempo combinado. Saí com a reunião inacabada. Elas acharam que não fui amigável e não gostaram, mas fiz o que tinha de fazer. Agora sei que quando tenho um encontro com portugueses devo considerar que eles estarão, no mínimo, 15 minutos atrasados, e é normal para eles.”

PROTAGONISTAS: ELEMENTOS DAS IDENTIDADES DO/A NARRADOR/A E DA PESSOA NA ORIGEM DO INCIDENTE

NARRADOR/A	No momento do incidente, a narradora, que é uma mulher iraniana, tem 38 anos. A sua língua nativa é o persa. É estudante de Letras e está na universidade de Portugal há um ano. Tem uma licenciatura em ensino de língua inglesa. É muçulmana e heterossexual. É casada.
OUTRA PESSOA	Mulheres portuguesas com cerca de 25 anos de idade. Têm como língua nativa o português. São estudantes de Letras na universidade e têm a licenciatura em Jornalismo. São empregadas de mesa (part time). São cristãs e homossexuais. Estão num relacionamento.
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS	Semelhanças: a língua nativa, a Faculdade de Letras, o género, a educação e o estatuto de estudante. Diferenças: língua nativa, país de origem, estatuto em Portugal (imigrante vs. nativo), idade, idioma nativo, profissão, religião, orientação sexual e a existência de dependentes.

ELEMENTOS DO CONTEXTO

CONTEXTO FÍSICO	Café na baixa.
OUTRAS PESSOAS PRESENTES	Estranhos que estão no café.
CONTEXTO SOCIAL ALARGADO	Conexões culturais entre portugueses e iranianos é incomum. Há relativamente poucos estudantes internacionais de uma e outra origem entre os dois países.

ICEBERGUE DO/A NARRADOR/A

Em vários encontros do trabalho em grupo, as estudantes portuguesas continuaram a chegar atrasadas.

A estudante iraniana (narradora) enviou mensagens às colegas a pedir que não se atrasassem.

A narradora decidiu tomar uma decisão e saiu de uma reunião inacabada no horário previsto para sua finalização.

UNIVERSALISMO:

As mesmas regras devem ser aplicadas a todos, sem razão para exceção. A narradora não espera que a percepção do tempo esteja sujeita a variações culturais.

ESPÍRITO COLABORATIVO:

A narradora esperava um espírito colaborativo para a realização do trabalho, num contexto de entreatajuda.

ORIENTAÇÃO PARA TAREFAS / COMPROMISSO COM O TRABALHO:

O desempenho e os resultados, ao realizar a tarefa, têm prioridade face aos relacionamentos e à harmonia entre os membros do grupo. O trabalho do grupo não ficou pronto a tempo, com os resultados esperados, porque os membros falharam.

ABORDAGEM LINEAR / MONOCRÓNICA DO TEMPO:

A percepção de tempo da narradora parece ser bastante linear. Isso significa que os compromissos são considerados pontuais, permitindo uma margem bastante pequena para atrasos. O planeamento preciso está associado à eficiência e ao bom uso do tempo. Quando os planos são feitos, eles devem ser respeitados.

Chegar a tempo é um sinal de respeito; os atrasos são associados ao desrespeito (supondo que o outro não considere a preciosidade do tempo alheio). Por esse motivo, os atrasos são uma forma de ato ameaçador e, quando ocorrem, espera-se que os outros avisem com antecedência e se desculpem.

COMUNICAÇÃO DIRETA:

A narradora espera que ao advertir as colegas sobre o problema com o horário, elas compreendam e ajustem o seu comportamento.

ICEBERGUE DA OUTRA PESSOA

Em vários encontros do trabalho em grupo, as estudantes portuguesas continuaram a chegar atrasadas.

A estudante iraniana (narradora) enviou mensagens às colegas a pedir que não se atrasassem.

A narradora decidiu tomar uma decisão e saiu de uma reunião inacabada no horário previsto para sua finalização.

RESPEITO: Para a orientação policrónica, não chegar precisamente no horário não é um sinal de desrespeito pelo outro.

ORIENTAÇÃO DE TEMPO:

O grupo português parece ter uma tendência para a perceção do tempo policrónico / não linear. Nessa orientação, os compromissos e os planos são considerados estimativas e são negociáveis; os compromissos são considerados respeitados, mesmo quando se chega com atraso. O horário de trabalho é modificável sem informar os companheiros do grupo, assumindo-se que todos se adaptam ao fluxo de eventos.

TRABALHAR E ESTUDAR:

As estudantes também trabalhavam, além de estudar, e podem ter tido problemas de organização entre os dois setores. Elas podem ter tido outras prioridades ou outras cadeiras mais importantes naquele semestre. No entanto, elas não comunicaram esta informação.

ORIENTAÇÃO PARA AS RELAÇÕES EM DETRIMENTO DAS TAREFAS:

No contexto do trabalho em grupo, relacionar-se bem, criar harmonia entre os membros do grupo parece ter prioridade em detrimento da execução da tarefa. Contra essa perceção, a exigência da estudante iraniana de se concentrar na tarefa e respeitar o cronograma poderia ser compreendido como hostil, *nerd*.

COM BASE NA ANÁLISE, QUE CONCLUSÕES PODERÃO SER RETIRADAS SOBRE O ACOLHIMENTO DE ESTUDANTES INTERNACIONAIS OU A FORMA DE LIDAR COM DIFERENÇAS CULTURAIS EM GERAL NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR?

QUE SOLUÇÕES PODEREMOS CONCEBER?

OBSERVAÇÕES

As diferenças culturais nas percepções do tempo geralmente resultam numa pessoa a esperar por outra / outras. A espera dá uma sensação de falta de respeito e perda de prestígio, portanto, uma diferença cultural relativamente "simples" conecta-se a sentimentos de desrespeito e, potencialmente, tem um forte impacto no relacionamento.

POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Pode ser uma boa ideia para os professores que trabalham com grupos multiculturais ajudar os alunos a tomar consciência da variedade de diferenças que eles poderão esperar ao iniciar um trabalho em grupo e, à medida que tomam conhecimento das diferenças, podem acordar regras comuns.

Se os alunos (locais e internacionais) não tomarem conhecimento de diferentes percepções quanto ao tempo e à colaboração, e não aprenderem a negociar uma cultura de trabalho comum, terão problemas ao trabalhar num local de trabalho internacional e diversificado.

